

GISELE MACIEL MONTEIRO RANGEL

HISTÓRIA DO POVO SURDO EM PORTO ALEGRE
IMAGENS E SINAIS DE UMA TRAJETÓRIA CULTURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Mestre.

Orientador:

Professor Dr. Carlos Bernardo Skliar

Porto Alegre
Dezembro de 2004

GISELE MACIEL MONTEIRO RANGEL

Professor Dr. Carlos Bernardo Skliar

Orientador

Professora Dr^a. Gládis Teresinha T. Perlin

(Professora da Universidade Federal de Santa Catarina)

Professora Dr^a. Maura Corcini Lopes

(Professora da Universidade do Vale dos Sinos)

Professora Dr^a. Rosa Hessel Silveira

(Professora da Universidade do Rio Grande do Sul)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO-CIP

R196h Rangel, Gisele Maciel Monteiro
História do povo surdo em Porto Alegre : imagens e
sinais de uma trajetória cultural / Gisele Maciel Monteiro
Rangel. - Porto Alegre : UFRGS, 2005.
f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande
do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em
Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2005. Skliar, Carlos Bernardo,
orient.

1. Surdo - Cultura - História - Porto Alegre. 2. Surdo - Imagem -
Fotografia - Narrativa. 3. Estudos culturais. I. Skliar, Carlos Bernardo.
II. Título.

CDU - 376.353:008:77(816.51)(091)

AGRADECIMENTOS

Agradeço pelo apoio sentido em diversas ocasiões. Nunca fiquei sozinha, diferentes pessoas apoiaram-me em diferentes ocasiões. Graças a esse apoio pude desenvolver meu trabalho, pois sempre encontrei uma palavra de apoio e afeto. Muitas trocas ocorreram, o que ocasionou um crescimento pessoal e a descoberta de novas habilidades que eu não sabia que eu tinha.

Nessas pessoas encontrei sempre um sorriso amigo, muita afetividade que se transformaram em estímulo na hora de dificuldades.

Muitos momentos difíceis, muita vontade de desistir, mas quando vejo o trabalho pronto, sei que esta será uma marca que guardarei e recordarei por toda a vida.

Inicio agradecendo à Secretária do Programa de Pós-Graduação da UFRGS, por ter aceito, que já vivemos em comunidades diferentes, mas ligadas. Agradeço pelo apoio.

Aos meus colegas do NUPPES, pelas diversas experiências vividas.

Aos professores do PPGEDU, pelas trocas e apoio recebido nesta caminhada.

Ao Skliar pelas trocas sobre a teoria acrescentando-me e aperfeiçoando o meu lado de pesquisadora. Também pelas trocas sobre às culturas as quais pertencemos.

À Elisiane, pelo apoio dado. Sem ela talvez esta pesquisa fosse diferente.

A Marianne, amiga de tanto tempo, pela cumplicidade neste trabalho.

A Gládis, que através de suas provocações, ensinou-me muitas coisas e pelas teorias, onde debatíamos e crescíamos.

A Maura, que compartilhou comigo toda a sua experiência e conhecimento.

A Adriana Thoma, pelas trocas de didática da metodologia, questões levantadas .

A Raquel, a primeira surda com a qual conversei, que com sua simplicidade aceitou relembrar o passado e compartilhá-lo comigo.

À Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul pelo empréstimo do material e por ter apoiado minha pesquisa ajudando-me sempre que necessário.

À Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos por ter sido o local onde iniciei minha caminhada política.

A Lodenir, que com simplicidade e afetividade apoiou-me na parte escrita e também pelas trocas realizadas.

A Denize que sempre esteve disponível quando precisei.

A Maria Cristina, pelas trocas, apoio e pelas interpretações feitas.

Meu agradecimento aos interpretes que me auxiliaram nesta jornada.

Aos participantes da banca que me aconselharam as melhorias do meu trabalho, fazendo com que eu parasse e refletisse sobre as questões levantadas.

As todas as pessoas, que não foi possível nomear, meu muito obrigada. Tenham certeza que serão inesquecíveis. As pessoas entram e saem de nossas vidas. Elas nunca vão sozinhas e nunca nos deixam sós.

A minha família que me deu toda a estrutura para que eu pudesse aceitar os desafios, superar os obstáculos, visualizando o futuro melhor.

E por fim quero agradecer à duas pessoas muito importante para mim: meu pai e meu marido.

Ao meu marido Marco, que teve toda a paciência compreendendo quando ficava sozinho aos fins de semana, sabendo me apoiar nos momentos difíceis, sorrindo a cada conquista minha.

Ao meu pai, que, mesmo que nossas línguas sejam diferentes, sempre deixou claro o orgulho que tem de mim. Também pelos vários gestos feitos. Estes me deram base para que eu seguisse tranqüila e construísse minha vida.

A minha sobrinha Isadora que sempre foi a luz nos momentos difíceis. A iluminação necessária que precisei para continuar minha jornada.

“A cultura popular é não só nosso
passado, mas também nosso futuro.”

Julio Caro Baroja

RESUMO:

Esta dissertação, História do Povo Surdo em Porto Alegre, Imagens e Sinais de uma Trajetória Cultural traz a narrativa, através de fotografias, da evolução das políticas surdas em Porto Alegre. O Referencial teórico utilizado para embasar as narrativas em seus contextos históricos e culturais foi o dos Estudos Surdos, Estudos Culturais e Análise de Fotografias.

A documentação destes eventos importantes para o povo surdo local possibilitou o registro do desenvolvimento e das articulações feitas pelas pessoas surdas em busca de seu reconhecimento como grupo cultural e não como sujeitos deficitários, desde a década de 1950 até os dias atuais.

As histórias registradas nas fotografias, narradas por seus protagonistas, mostram a construção do Povo Surdo, passo a passo, historicamente.

Palavras -chave: Estudos Culturais. Estudos Surdos. Fotografia. Narrativa.

ABSTRACT

The aim of this Dissertation "History of the deaf people: images and signs of a cultural trajectory" is to approach the evolution of the deaf political in Porto Alegre, using analysis of the photos. The theoretical approach used in the narratives were the Deaf Studies, Cultural Studies and Photo's Analysis, considering the historical and cultural context of the narratives.

The register of these events were important to the local deaf people and also to show the development and the articulations that deaf people made to get the recognition as a cultural group and not as a deficit person. The register have photos since the decade of 1950 until nowadays.

The photos were explained by the protagonist of the history and show a construction of the Deaf People, step by step.

Key Words: Cultural Studies. Deaf Studies. Photos. Narratives.

SUMÁRIO:

A EXPERIÊNCIA DE SER SURDA E A ESCOLHA PARA DEFINIR O TEMA DA PESQUISA.....	11
CAPITULO 1.....	19
1.1.Eu como pesquisadora	20
1.1.1 O meu interesse de pesquisa.....	22
1.1.2 Localizando o interesse de pesquisa.....	25
1.1.3 Organizando a dissertação.....	29
1.1.4 Conceitos Norteadores.....	32
 CAPITULO 2 – POVO SURDO.....	46
2.1.A trajetória do povo surdo.....	46
2.2.História da língua de Sinais no Rio Grande do Sul.....	58
2.3.História da associação de surdos mudos do Rio Grande do Sul e Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul.....	63
2.3.1Conversa com R.	67
2.4.A Historia da FENEIS/RS.....	68
CAPITULO 3 – LENDO FOTOGRAFIAS.....	74
3.1. Política- seis fotos.....	75
3.2.Lazer e Recreação – cinco fotos.	100
3.3.Pedagogia – quatro fotos.....	118
3.4.Esporte- quatro fotos.....	133
CONCLUSÃO.....	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	152

A EXPERIÊNCIA DE SER SURDA E A ESCOLHA PARA DEFINIR O TEMA DA PESQUISA

Nasci surda? Ou nasci ouvinte? Pouco importa isto! Padden e Humphries (1988, p.5) completam meu pensamento quando dizem que "sempre sentimos que a atenção dada à condição física de não ouvir tem obscurecido as facetas mais interessantes das vidas das pessoas surdas". Claro que não quero cair na maneira tradicional de escrever sobre os surdos através do estereótipo. Quero focalizar a partir de minha experiência como surda interpretando assim as narrativas sobre os surdos e o povo surdo a partir de minha experiência.

Larrosa através do pensamento de Foucault refere-se a experiência de si, dizendo que:

(...) a experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, (...) (Larrosa, 1994. p.43).

Minha experiência começa no mundo dos ouvintes. Nos meus anos de infância e adolescência não sabia que era surda. Eu não conhecia surdo. Meu pai é ouvinte e minha mãe também era.

Não sou a única surda da família, o meu tio-avô materno era surdo, não-

oralizado, já faleceu há duas décadas, usava fluentemente o alfabeto manual também usava alguns sinais misturando os gestos onde estudava, no Instituto Nacional Educação de Surdos¹ .

É no cenário e no trabalho de tratamento da surdez que começo a ser atendida. Quando tinha dois anos de idade meus pais procuraram um serviço de fonoaudióloga. O primeiro procedimento do especialista (fonoaudiólogo) foi a orientação para usar aparelho de amplificação sonora. Nunca gostei de usar àquele aparelho, mas era obrigado a usá-lo.

Foi nessa clínica que fiquei sendo atendida até meus seis anos de idade. Um período onde recebi orientações de práticas reabilitatórias, derivadas do diagnóstico clínico do fonoaudiólogo, que objetivamente a minha reeducação, integração e minha normalização para o mundo ouvinte. Também foi lá que entrei pela primeira vez em contato com outros surdos, que eram atendidos na mesma clínica. Ninguém conhecia sinais, ninguém se comunicava por sinais. Lembro apenas que alguns gestos "naturais" surgiram quando necessitávamos, por exemplo: beber água, solicitar comida, etc.

Conheci aquele grupo de surdos, mas não conhecia o que era ser surda, acho que eles também não sabiam o que era ser surdo. Eu não aceitava ser surda . Eles utilizavam a "Cultura Visual" cuja definição, segundo Perlin (1988, p.56), é:

A Cultura surda como diferença se constitui em uma atividade criadora. Símbolos e práticas jamais aproximados da cultura ouvinte. Sugiro a afirmação positiva de que a cultura surda não se mistura à ouvinte". Eu desconhecia a comunidade de pessoas surdas.

Aos sete anos de idade entro para uma escola estadual: "Estadual Marechal Floriano Peixoto", em Porto Alegre. Uma escola para ouvintes que possuía uma

¹ Instituto Nacional de Educação de Surdos foi fundado no Rio de Janeiro; nesta proposta será muitas vezes mencionado como referencia.

classe especial para surdos. Freqüentei essa classe para surdos durante um ano. O trabalho pedagógico realizado na classe especial envolvia posicionamentos de professores especialistas quem atuavam para curar a "surdez"² onde era preciso falar, onde era preciso ouvir, era eu preciso ser ouvintizada³.

Após um ano na classe especial, mudei para uma turma de ouvintes, na mesma escola. O motivo da mudança foi porque meus pais consideravam a classe especial "muito fraca". Entrei como repetente da primeira série junto com uma outra colega surda, que havíamos crescido juntas. Nesta classe, sentíamos-nos muito alienadas no processo de aprendizagem e foi a minha mãe que me deu grande apoio com minhas tarefas de casa. No turno oposto às aulas da escola freqüentava o Centro de Educação Complementar para Deficientes de Audição e Linguagem (CECDAL) onde recebia aulas de reforço e fonoaudióloga.

Nos intervalos da escola de ouvinte Marechal Floriano Peixoto eu e minha amiga surda brincávamos junto com outras colegas e nossa comunicação era através de gestos e oralização.

Nunca esquecerei de alguns momentos de minha vida, onde eu conseguia oralizar algumas palavras e as pessoas, em minha volta, se emocionavam e batiam palmas. Para mim, não havia significado nenhum, sentia-me totalmente alienada e vazia. Qual era o sentido, o significado do que eu havia oralizado? Eu não sabia.

Quando eu já estava com onze anos de idade, cursando a 4ª série do ensino fundamental, comecei a perceber que tinha muitas dificuldades de acompanhar

² Não desejamos mais usar surdez como denominação do ser surdo. Trata-se de um conceito clínico.

³ Termo utilizado por Skliar "trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte" (1998, p.15).

algumas disciplinas e acabei sendo reprovada.

Minha mãe observava que aquele não era o meu caminho e ano de 1982, com doze anos, mudei de escola, fui para a Escola Especial Concórdia – CEDA (Centro Educacional de Deficiente Auditiva), atual Escola Especial Concórdia-ULBRA.

Ao entrar, fui submetida a uma avaliação e fui para a quinta série. Nesta escola os surdos utilizavam a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, assim como os professores. Havia intérpretes na escola e tudo para mim foi novidade, achava estranho pessoas ouvintes utilizarem a LIBRAS. Adaptei-me aos poucos com os surdos, pois minha convivência anterior era, na maioria, com ouvintes e com surdos oralizados.

A forma de comunicação dos surdos não me dizia nada, pois convivia no mundo dos ouvintes. Quando comecei a usar a língua de Sinais, comecei a ser outra pessoa, comecei a conhecer o mundo. Não parei mais. Saía de casa pelo prazer de estar com surdos, viajava com eles.

Quando eu convidei muitos surdos para visitar minha casa para batermos papo, minha mãe levou um susto. Eram muitos e ela perguntou o que comemorávamos. O que era aquilo? Eu expliquei que era só para batermos papo e minha mãe explicou que era preciso preparar-se para receber visitas. E a partir deste dia, minha mãe aceitava e adorava a visita dos surdos em nossa casa.

la a jogos, reuniões, etc.. Admirava os professores utilizando Língua de Sinais, o que minhas professoras da escola de ouvintes não faziam. Esta atitude foi decisiva para que eu me aceitasse com identidade surda o que antes não fazia.

Diante de ouvintes, eu tinha vergonha de dizer que era surda, de mostrar que era diferente. Quando passei a me sentir surda pela convivência com outras crianças também surdas, achei aquilo natural para mim. A partir daí passei a conviver com eles e aos catorze anos já era líder na turma, inclusive num grupo de alunos que desenvolviam dança folclórica gaúcha, sobre a coordenação de um professor ouvinte, onde fui escolhida como primeira prenda.

Quando eu tinha quinze anos, entrei de sócia para a Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul, escondida de meus pais, pois alguns professores diziam que a Sociedade não era um bom lugar para meninas de minha idade, era um lugar perigoso, mas para mim eram os surdos, eram iguais a mim, eram o meu grupo e era lá que eu queria freqüentar. Meus pais não concordavam, mas, aos poucos, consegui mostrar a eles que era nesse local que eu havia despertado minha identidade surda. A minha percepção sobre a identidade surda é a mesma de Perlin (1998, p.63):

Identities surdas são presentes no grupo onde entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita. Noto nesses surdos, formas muito diversificadas de usar a comunicação visual caracteriza o grupo levando para o centro do específico surdos.... sua identidade fortemente centrada no ser surdo, a *identidade política surda*. Trata-se de uma identidade que se sobressai na militância pelo específico surdo. É a consciência surda ser definitivamente diferente e de necessitar de implicações e recursos completamente visuais.

Neste ano, terminei o ensino fundamental, foi a segunda turma a se formar na Escola Concórdia. Poderia ter sido um grande momento para mim, mas, infelizmente, minha mãe morreu um mês antes de minha formatura.

Como tinha dezesseis anos, participava constantemente das festas e comemorações da Sociedade dos surdos. Viajava muito com a turma para qualquer competição esportiva fosse nacional ou internacional. Adorava conviver com estas equipes. Isto me trouxe muitos conhecimentos: aprendi a solidariedade, a responsabilidade e a cooperação reinantes nos grupos, tive oportunidade de conhecer surdos de outros países, seus costumes e cultura.

Aos dezenove anos comecei a perceber que havia a possibilidade de ocupar lugares políticos surdos e passei a participar mais na Associação de Surdos, aprendi sobre a organização interna particularmente sobre as políticas do movimento surdo. Aos vinte e dois anos fui secretária da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul onde assumi alguns papéis. Após, passei a atuar na Federação de Esportes e na Confederação Brasileira de Desportos de surdos onde minha atuação estava ligada a organização de algumas das programações em nível nacional e internacional.

Em 1995 um grupo de surdos com alguns interpretes iniciaram contatos com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS – do Rio de Janeiro, na tentativa de abrir uma filial da FENEIS no Rio Grande do Sul. Uma ONG que tinha em vista atender as necessidades do povo surdo que naquela época desejava oficializar a Língua Brasileira de Sinais, implementar cursos de língua de sinais, cursos de formação de intérpretes, de educação de surdos, de leis, de tudo mesmo. Em 1997 atuava na vice-coordenação do setor de intérpretes da FENEIS.

Era preciso intérpretes em LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. Eu e outros colegas surdos lutávamos para conseguir intérpretes de LIBRAS. Fomos aos órgãos competentes pedir ajuda, e após tanta insistência e burocracia conseguimos alguma resposta. Foi uma grande conquista inserir dois intérpretes em sala de aula. Mais

tarde, para a nossa surpresa, mais alguns intérpretes estavam sendo inseridos nas salas de aula onde havia surdos.

Nesta época, criamos o núcleo para surdos, Núcleo de Estudos Surdos dentro da ULBRA, atual IPESA - Instituto de Pesquisa em Estudos Surdos e da Acessibilidade, e fundamos o escritório regional da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS/RS, onde lutamos para que o surdo tivesse condições e direito de exercer sua cidadania.

Nossas diferenças culturais e lingüísticas não eram respeitadas. Hoje, no entanto, podemos contar com intérpretes quando da realização de provas, seminários, eventos, etc, e conforme Portaria do MEC Nº 1.679, de 02 de dezembro de 1999, Art.2º, parágrafo único: “ao universitário surdo é garantida a presença do intérprete de LIBRAS” (Surdos: direitos humanos e surdez, 2002, p.28).

Em 1997, comecei a trabalhar como voluntária em Cursos de Língua de Sinais e da escrita da Língua de Sinais, Sign Writing⁴ na escola de surdos Frei Pacífico⁵. Ali comecei a desenvolver os meus conhecimentos no campo da educação dos surdos. Foi um momento de troca, de animação, de interesse e de debate em torno das diferentes linhas panorâmicas que envolvem este tema.

Em 1998, já cursando a faculdade de geografia, consegui meu primeiro emprego. Era professora de geografia em duas escolas de surdos em Porto Alegre. No ano de 2000 recebi bolsa do CNPq⁶ para pesquisa da escrita da Língua de Sinais. Hoje trabalho como professora de geografia, história e língua de sinais no

⁴ é a língua de sinais escrita, isto é, a representação gráfica das configurações de mãos, movimento, localização, expressão corporal e facial que fazem parte da LIBRAS

⁵ A Escola Frei Pacífico é uma escola de surdos da capital que estava adotando a escrita da *sign writing* de forma experiencial (Stumpf, 2002. p.62).

⁶ No ano 2000, fui bolsista do Centro Nacional Pesquisa de escrita de Língua de Sinais da PUC/RS.

ensino fundamental nesta mesma escola.

Às vezes me sentia péssima em sala de aula regular, onde eu estudava no ensino superior até o Pós-Graduação, pois sou diferente dos outros. Inclusive sinto-me profundamente *mal*, porque nós surdos somos capazes de nos expressar em língua de sinais, que é língua visual e os ouvintes não entendem. Porém temos dificuldade de escrever português, por quê? Utilizar a própria língua de sinais é bem diferente da língua portuguesa, as estruturas gramaticais, às vezes, quase são opostas. Realmente, a maioria dos ouvintes critica, pois os surdos têm dificuldades em escrever o português, temos então uma diferença. Nós não escrevemos porque não recebemos a escuta fonética. Por exemplo, se colegas surdas e eu fazemos as apresentações em disciplinas de pós-graduação, infelizmente colegas ouvintes podem não entender nosso trabalho, devido a problemas com a tradução, pois a mesma, pode não ser traduzido fielmente para o português, assim parece que nós perdemos nosso valor, ninguém pergunta, não conseguimos provocar discussões.

Existe uma relação profunda entre meu histórico de vida, como militante de movimentos que constituíram minha identidade, com o resgate, no passado, da luta dos surdos que vieram antes de mim. É como querer traçar uma linha de continuidade do passado ao presente para que as futuras gerações saibam a trajetória do povo surdo. É sentir-se parte integrante de um povo. É poder olhar para trás e certificar-se do caminho feito, das evoluções, dos sucessos e fracassos, das conquistas, enfim é ter consciência da história da qual participo. E este resgate será feito pelos registros fotográficos narrados por testemunhas oculares dos eventos, que ainda, felizmente, podemos encontrar.

CAPÍTULO 1

Neste capítulo pretendo colocar o caminho que quero percorrer para a construção da pesquisa e algumas definições que considero importante enfatizar nesta proposta de dissertação de mestrado.

Considerando as hipóteses formuladas e a orientação teórica que recortei para seguir, propus as seguintes perguntas que servirão de base durante meu processo de construção.

O foco da pesquisa é fazer a conexão entre as políticas surdas e os momentos históricos.

Que conexões existem entre o registro fotográfico das políticas surdas e o momento histórico no qual se passam?

A história do povo surdo sempre foi narrada por ouvintes. Sendo surda e participante ativa de várias políticas surdas pretendo dar a versão interna, de quem viveu e vive, a realidade de ser surdo.

Como a fotografia é sempre alguma coisa que é representada, que narrativas surgem a partir de um texto fotográfico?

Que narrativas surgem das fotográficas por pessoas surdas que presenciaram os fatos acontecidos?

Que narrativas são produzidas pelos surdos sobre o ser surdo, e que efeitos de verdade elas constroem sobre nós?

Que representações recorrentes sobre a história do povo surdo aparecem nos textos fotográficos?

Quais narrativas as fotografias contam quando utilizadas pelo povo surdo para reunir-se como Associação de Surdos?

É possível dizer que fotografias instantâneas nos ensinam a olhar para aspectos históricos dependendo da forma como são utilizadas pela associação?

É possível considerar as fotografias um texto cultural que nos interpreta e nos guia o olhar na produção do surdo?

Que recorrências de práticas podem ser percebidas através da análise dos textos fotográficos denominados de "instantâneos anônimos"?

Visualizar e trabalhar com essas e outras questões que se colocam ao longo da pesquisa exigiu compreender e definir alguns mecanismos e estratégias de articulação e organização de formações discursivas e da implicados na invenção de narrativas produzidas em torno dos povos surdos.

1.1 Eu como pesquisadora

Quando entrei como aluna sem vínculo numa disciplina de Programa Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde o professor Carlos Bernardo Skliar realiza seminários onde se discute também o caso dos surdos, eu e outras colegas surdas Gladis Perlin e Marianne Stumpf tivemos a oportunidade de iniciar a fazer pesquisas. Foi uma

experiência interessante, pois fazíamos entrevistas com surdos, filmávamos, e discutíamos sobre o povo surdo.

Dessa experiência resultou uma pequena pesquisa que se deu com a participação da maioria dos ativistas surdos sobre o Processo Educativo do surdo, serviu como avaliação do Seminário no final do semestre. Foi a partir dessa pesquisa que nasceu o meu interesse em ser pesquisadora. O meu interesse como pesquisadora surda era que pudesse buscar através dos movimentos surdos as questões específicas do ser surdo, bem como do povo surdo. Foi quando pensei em fazer o mestrado. Em 2001 acabei me candidatando a seleção para no mestrado, fui selecionada na turma de 2002, para ocupar uma vaga no PPGEd⁷ da UFRGS.

Constato daí a necessidade de resgatar a história do povo surdo, desde sempre pressentida nos movimentos surdos para buscar mais informações e assim registrá-las. É o que pretendo com muita pesquisa.

Também tive oportunidade de trabalhar em outra pesquisa no projeto de transcrição da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em linguagem escrita, a Sign Writing, no ano de 2000 na PUC/RS. Apenas nos Estados Unidos, Alemanha e alguns outros países estão desenvolvendo pesquisas semelhantes. Minha pesquisa foi feita com outros pesquisadores surdos, Marianne Stumpf, Fabiano Souto e ouvinte intérprete Maria Cristina Pires Pereira.

O SignWriting é a língua de sinais escrita, isto é, representação gráfica das configurações de mão, movimentos locais do corpo onde estão feitos os sinais, expressão corporal e facial que fazem parte da LIBRAS⁸.

⁷ Programa de Pós-Graduação na Educação na Universidade Federal do Rio do Sul - UFRGS

⁸ Língua Brasileira de Sinais.

O grupo de pesquisa ficava no Museu de Ciências e Tecnologia da PUC/RS e o objetivo era traduzir as experiências e exposições em língua de sinais para que se adaptassem a LIBRAS.

Este projeto - SIGNET - que foi feito em parceria Escola Especial Concórdia-Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS), Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) orientado pelo Professor Antonio Rocha, financiado pelo CNPq, tinha como meta adaptar a internet e tecnologias à língua de sinais e à educação de surdos.

1.1.1 O meu interesse de pesquisa

Escolhi o tema “História do Povo Surdo no Rio Grande do Sul: Imagens e sinais de uma trajetória cultural” para desenvolver a minha pesquisa porque eu queria muito conhecer e investigar aspectos da história surda do Rio Grande do Sul. Tenho um grande sonho: descobrir e pesquisar os registros da própria história dos surdos, pois os surdos não têm esses registros de sua história. Por outro lado sinto uma limitação: como resgatar a história dos surdos, do povo surdo se não há registros. Como desenvolver a pesquisa? Como fazer? Resolvi fazer essa pesquisa para investigar as origens e o desenvolvimento desta história de surdos já que se trata de um tema específico do povo surdo e que tem consequências para os ouvintes em geral. Percebo inclusive que há uma grande falha pela falta da história do povo surdo, pois um povo sem história sente-se errante.

Quando em 1880, aconteceu o Congresso Internacional em Milão:

Se impôs claramente uma posição oralista e ficou determinada uma metodologia exclusivamente oral, depurando assim um processo que havia começando nas décadas anteriores. Esse congresso tornou-se um referencial histórico na educação de surdos pelo método oralista, pois consagrou a grande vitória dos métodos exclusivamente orais (RAMPELOTTO,1993, p.24).

Percebe-se, por exemplo que a história dos surdos fica restrita as narrativas dos ouvintes, nós como povo surdos fomos excluídos de qualquer possibilidade de nos narrar diferentes. As atas finais do Congresso, documentos que definiram as novas propostas educacionais no final do século XIX e, posteriormente, as políticas públicas até cerca de 1970, indicavam inclusive o que segue:

O Congresso, considerando a incontestável superioridade da palavra sobre os signos para devolver o surdo à sociedade e para dar-lhe um melhor conhecimento da língua, declara que o método oral deve ser preferido ao da mímica para a educação e instrução dos surdos-mudos (...) O congresso, considerando que o uso simultâneo da palavra e dos signos mímicos têm a desvantagem de inibir a leitura labial e a precisão das idéias, declara que o método oral puro deve ser preferido.(...) A terceira resolução é um voto em favor da extensão do ensino dos surdos-mudos. Considerando que grande número de surdos-mudos não recebem os benefícios da instrução; que essa situação provém dos poucos recursos das famílias e dos estabelecimentos, emite o voto que os governos tomem as medidas necessárias para que todos os surdos e mudos possam ser instruídos (GRÉMION, 1991, pp. 195-196).

Foram anos e mais anos que os surdos ficaram sem poder difundir sua história. Somente com a adoção de novas metodologias de ensino a língua de sinais começou a ser estudada e com o tempo ser respeitada. Hoje, percebe-se que a história dos surdos não difere das histórias dos grupos de minorias, carregada de sofrimento e preconceito.Os movimentos sociais surgidos entre membros do povo surdo, hoje organizados, conseguiram mostrar que existe uma história e que essa deve ser contada aos outros surdos.

Percebe-se que a falta de informação é que leva muitas vezes, os surdos a

ficaram margem de sua história. Os movimentos sociais surgidos entre membros do povo surdo, hoje organizados, conseguiram mostrar que existe uma história e que essa deve ser contada aos outros surdos. Com o passar do tempo esses movimentos tornaram-se políticas surdas.

Atualmente, a pedagogia constante nas escolas de surdos ou classes regulares é pedagogia ouvinte. É difícil conquistar espaço para introduzir uma história feita por surdo, nas linhas do movimento surdo. O que prevalece é a história dos surdos feita e narrada por ouvintes, mesmo assim com reduzidos espaços.

Atualmente, nos cursos de LIBRAS conta-se a história de surdos e nas escolas, esta história entra na disciplina de Língua de Sinais.

Constato um fato: infelizmente a maioria das pessoas ouvintes, e também muitos surdos, nem conhecem a vida, as histórias do povo surdo e seus movimentos no Rio Grande do Sul. É preciso resgatar estas informações. Certa ocasião, quando visitei a Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS), olhei algumas fotos antigas e, confesso, fiquei tão apaixonada em constatar que a época é bem diferente da atual: os lugares, objetos, roupas, pessoas, sinais, cores, expressões, enfim, todas as informações que podemos observar analisando as fotos esses são os registros que pretendo abordar nessa pesquisa. Atualmente o povo surdo do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre já tem outras visões sobre si, se compararmos fotos da atualidade com fotos do passado.

1.1.2 Localizando o interesse de pesquisa

Eu pensei inicialmente em fazer a investigação da história dos surdos em

nível nacional ou pesquisando outros estados. Mas, para delimitar e aprofundar a pesquisa e percebendo a impossibilidade de realizar tal tarefa em tempo limitado, selecionei o estado do Rio Grande do Sul, inserindo os espaços em que fatos importantes aconteceram relacionados ao povo surdo. Por isso eu escolhi a cidade de Porto Alegre, pois temos nesse local os aspectos mais marcantes da história dos surdos, com associações de surdos e outros movimentos que se estendem desde 1921.

Esse tema de pesquisa surgiu também pelo fato de ser professora de surdos. Desde minha adolescência eu sonhava em ser professora de educação infantil, fazer o magistério, pois sempre gostei muito de crianças e, principalmente de comunicar me com crianças surdas. Ajudava sempre que podia uma prima com os deveres de casa, um pequeno ensaio para a “minha futura profissão”. Depois de dois anos que concluí o segundo grau, fiz a minha primeira tentativa, entrar no magistério.

Apresentei-me para a seleção, sem intérprete, pois na época não era fácil conseguir um bom profissional, então me arrisquei e fui sozinha. Infelizmente, não fui selecionada, pois os avaliadores encontraram dificuldades em entender o que eu havia escrito na prova. Parece que o meu sonho havia acabado. Logo fui trabalhar com meu irmão em uma agência de publicidade, na qual ele era sócio. No decorrer fui me apaixonando pela publicidade, o trabalho com fotos me encantava. Pensei, então: vou fazer faculdade de Publicidade e Propaganda. Iniciei o curso, mas minha família não concordava com a minha escolha, pois considerava que a área de Informática seria mais adequada para mim, já que Publicidade e Propaganda necessitavam muito do Português. Sentia-me indecisa e resolvi fazer um teste vocacional, qual foi a minha surpresa: em primeiro lugar apareceu Publicidade e Propaganda e em segundo, professora. Aprovada no vestibular, no semestre

seguinte, troquei de curso e iniciei licenciatura em Geografia.

Durante a faculdade consegui obter bons resultados. Na infância e adolescência, minha mãe estimulava-me muito, comprou um Atlas o que facilitou o meu aprendizado e viajamos por todo o Brasil, onde pude conhecer e aprender muito sobre as diferenças regionais de nosso país. Acredito que através dessas viagens consegui ter um aprendizado concreto que muito me favoreceu. Esses fatos foram importantes nesta escolha pelo curso de Geografia.

No quarto semestre, fui convidada a trabalhar em uma escola de surdos como professora de Geografia, no ensino fundamental, foi um grande desafio que muito me ajudou a ter certeza que havia escolhido a profissão certa: dar aulas.

Quando eu comecei a dar aulas nas disciplinas de Língua de Sinais e de História, percebi que havia pouco material e existiam poucas informações sobre a história do(s) surdo(s), conseqüentemente, fiquei meio frustrada na busca pelos fatos e acontecimentos relacionados ao movimento surdo. Essa situação de professora e pesquisadora, mostrou-me a necessidade dos surdos resgatarem sua história, fazerem pesquisas e publicarem. Em breve, outros pesquisadores surdos deverão realizar publicações no Rio Grande do Sul. Então eu me sinto meio vazia, pois há muitas histórias surdas não registradas e não oficializadas.

Um dia encontrei uma surda e ela me contou sobre uma linda e emocionante história vivida pelos surdos desde 1921 onde ela e um outro surdo são protagonistas principais; inclusive ele, que fundou a Associação de Surdos, que de início funcionou em uma sala emprestada, existente nos fundos da casa do casal. O homem era um líder entre os surdos, pelo seu jeito acolhedor e fraterno, compartilhava muitas histórias surdas. E, nessa conversa, fiquei totalmente impressionada com a

possibilidade de realizar a pesquisa utilizando as revelações de antigas fotos surdas, realizando um agrupamento em categorias dessas fotos, e também filmando as entrevistas para conhecer as diferentes versões em que diversos surdos olham e contam que aconteceu nessas fotografias. Esses dados são fundamentais, pois revelam que houve uma trajetória histórica dos surdos.

Também desde a minha entrada em 1996 e 1997, como aluna sem vínculo em disciplinas do PPGEdU da UFRGS, um desejo que me conduziu desde o início, foi o de investigar aspectos da história dos surdos, através dos diferentes movimentos surdos existentes no Rio Grande do Sul.

No ano 2001, eu não esperava a fazer o mestrado de geografia, pois eu queria fazer o Bacharelado de geografia na ULBRA. Eu poderia aproveitar as disciplinas que tinha cursado, com menos de um ano, mas não havia vagas, fiquei decepcionada. Na época dava aulas de LIBRAS na ULBRA, no curso de extensão, um de meus alunos ouvintes me convidou para fazer o mestrado no Campus/UFRGS. Ele também fazia o Mestrado em Geografia. Logo eu aceitei, o meu aluno e eu fomos para o Campus a fim de conhecer e conversar com o orientador. No dia da prova de seleção, fui acompanhada do intérprete, esta prova não foi feita em sala especial, foi ministrada junto com outros colegas. Fiz a prova escrita. Quando terminei, o professor me chamou, ele não havia entendido a minha prova, então, através do intérprete, consegui me fazer entender. Após, discutimos muito sobre "surdos", ele desconhecia esse assunto. Mais tarde, fiquei sabendo do resultado, havia sido aprovada. Eu e a intérprete fomos para o Campus, para fazer entrevista. Eu havia escolhido o tema "Dicionário de Geografia em LIBRAS", no qual o orientador demonstrou interesse e ficou muito impressionado, também ficou fascinado com meu projeto, pois ele nunca tinha tido experiência com surdos. Fiz a

entrevista que durou quase uma hora, após a banca examinadora me questionou. Fui aprovada para o Mestrado como "aluna especial". No início das aulas, paguei de meu próprio bolso o serviço de intérprete. Posteriormente, quando ingressei como aluna regular no PPGEDU, passei a ter esse serviço gratuito, ou seja a UFRGS paga ao intérprete. Também da mesma forma a outros surdos que lá estudam.

Em junho de 2002, como aluna regular do Programa, vim para a UFRGS realizar o curso de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, sob a orientação do Professor Dr. Carlos Skliar, que é conhecedor da Cultura Surda. Durante meu percurso na academia, as disciplinas que cursei, as orientações que recebi e principalmente discussões com o grupo de pesquisadores que fazem parte do NUPPES - Núcleo de Pesquisas Políticas Educacionais para Surdos, foram determinantes para decidir o objeto da minha pesquisa.



Grupo de Pesquisadores do NUPPES com o professor orientador. Foto do acervo da pesquisadora. Ano de 2003

Há várias formas de entender a pesquisa. O que define o nosso trabalho no NUPPES é a incursão nos Estudos Surdos⁹. Esses são os nossos óculos, nosso

⁹ É tratado por SKLIAR (1998), como um território de investigação educativa e de proposições políticas que, por meio de um conjunto de concepções lingüísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação ao conhecimento e aos discursos sobre a surdez e os surdos.

trabalho, nosso ambiente, nosso contexto a partir do qual para a nossa pesquisa nos associamos.

1.1.3.Organizando a dissertação

A dissertação será dividida em capítulos. No primeiro capítulo resgato minha história, como descobri a importância de fazer parte de um povo e a importância de ser conhecedora da história e da caminhada do mesmo. Logo, coloco a problemática investigada, meus questionamentos metodologia utilizada na pesquisa. Aproveito também para explicar a visão que norteou meu trabalho em relações a conceitos importantes para a compreensão de minha dissertação.

No segundo capítulo procuro levar ao leitor o conhecimento da história conhecida do surdo no mundo e no Brasil, bem como da história do desenvolvimento da língua de sinais em Porto Alegre. Após no mesmo capítulo resgato a história da associação de Surdos-mudos do Rio Grande do Sul e da FENEIS.

E no capítulo seguinte, apresento as fotografias acompanhadas pela análise feita por mim, com embasamento teórico, bem como as narrativas feitas pelas pessoas que viveram este momento.As narrativas foram colhidas através de conversas filmadas, onde a pessoa poderia expressar-se livremente.

Para finalizar realizo uma reflexão do que representou para mim conhecer, pesquisar sobre a minha própria história, sobre as diferentes visões da política surda, e aprofundar a identificação com o meu povo, o povo surdo.

Toda a pesquisa foi feita apoiada em narrativas e fotografias. A transcrição

das mesmas foi feita por mim e transcritas para o português por pessoas fluentes em língua de sinais e português. As análises feitas também seguiram essa mesma metodologia. Eu sinalizava e a pessoa escrevia em língua portuguesa.

Para manter o sigilo ao trabalho omito o nome das pessoas envolvidas utilizando as palavras sujeito surdo para definir a pessoa que me forneceu o depoimento.

Para facilitar a compreensão dividi as fotografias em quatro categorias: política, lazer, pedagogia e esporte. Essas foram organizadas com base no material coletado. Todas as análises foram feitas em quatro partes assim representadas: análise do contexto, narrativa sobre a foto, perfil do entrevistado e minha análise, apoiadas em teorias literárias.

1.1.3.1 Coleta das narrativas

As fotografias foram selecionadas de acervos da FENEIS, da SSRS, de alguns surdos e meu particular. As narrativas nem sempre pontuaram somente a foto e sim em muitos momentos serviram como apoio para outras histórias.

O local das filmagens não foi sempre o mesmo, não ficou delimitado, às vezes era na SSRS, às vezes na residência de alguém, sendo que uma terceira pessoa ajudava na filmagem. A filmagem foi utilizada para registro da conversa realizada.

Algumas pessoas ficaram preocupadas em sinalizar corretamente, no que iam dizer, mas tive que explicar que o importante era a narrativa que a foto provocava. Mesmo assim muitos não entendiam o que eu queria dizer como “narrativa” e tive que dar exemplos de como eu faria se fosse narrar uma foto minha. Assim, fornecendo a eles um modelo, consegui que compreendessem o objetivo.

Também avisava, antes, que não iria colocar o nome dos narradores no

trabalho e todos imediatamente concordaram. Tive o cuidado de explicar para que se destinava o depoimento deles: minha pesquisa de mestrado que poderia ser divulgada depois. Não havia limite de tempo, só era controlado quando a fita ia acabar. Cada um apontou o que achou mais relevante de uma forma espontânea e, por isso, aconteceram relatos longos e breves, todos plenamente aceitos.

Nem sempre a relação era de uma foto por um narrador, que tinha participado ou sido testemunha da situação. Algumas pessoas narraram mais de uma cena, outras uma única.

Para a escolha dos narradores levei em conta duas possibilidades: que eles estivessem retratados nas fotos ou que tivessem presenciado a ocasião em que a foto foi tirada.

Um depoimento não foi utilizado. O entrevistado foi um senhor idoso e que, infelizmente, não narrou a foto, mas usou a ocasião como uma espécie de confessionário, de desabafo. O relato deste senhor foi extremamente negativo e não consegui obter informações objetivas sobre a situação da foto, não preenchendo assim os requisitos para a pesquisa.

Em alguns casos foi extremamente difícil para mim preservar as narrativas originais pois, como a comunidade é relativamente pequena, eu estava presente em muitas das situações e sabia datas, locais e outros dados que nem sempre coincidiam com o relato que estava sendo dado. Mesmo não sendo uma observadora participativa (participei dos relatos provocando questionamentos, fazendo perguntas), não interfeiri ou corriji diretamente as informações; o que eu fazia era novamente perguntar, por exemplo “Em que ano foi mesmo?” “onde?”.

Ao mesmo tempo as narrativas me puseram a par de muitas informações que eu desconhecia, às vezes até de eventos que eu participei e não sabia de vários acontecimentos e fatos importantes ocorridos nele. Isto foi uma reflexão para mim, de aceitar que não sei tudo e que o intercâmbio de idéias nas narrativas me ajudou a conhecer mais profundamente a história de meu povo nesta cidade.

Na maioria das imagens o narrador escolheu livremente aquelas que queria contar, mas em poucos casos, de uma certa forma, induzi a escolha apontando e perguntando “e essa aqui?” Isto porque de acordo com Leite (2001, p.159)

Os limites de espaço e tempo social e as ordenação simbólica do mundo permite conhecer o significado do contexto imediato das imagens fotográficas, que são produzidas através de um ritual ou por condensação rituais do universo examinado.

Fiz isto no caso de acontecimentos muitos significativos e dos quais havia poucos registros fotográficos.

Todo o processo de captação e registro das narrativas foi muito complexo. Após o primeiro passo, as filmagens, tive que transcrever o que eu facilmente compreendia em LIBRAS para a Língua Portuguesa. Na verdade foi um processo de tradução, em que eu, que utilizo naturalmente a Língua de Sinais para me comunicar, tive que traduzir para o Português, minha segunda língua, na qual não possuo segurança. Além disso me utilizei do acompanhamento de aulas particulares para redigir tanto as narrativas, quanto a parte teórica do meu trabalho. Então o texto que um ouvinte produz e depura varias vezes eu mesmo querendo melhorá-lo, tive uma limitação de tempo. Este esclarecimento é feito para uma melhor

compreensão de como se processou a realização desta pesquisa e não como uma desculpa para eventuais erros.

As narrativas me acrescentaram muito, não consegui me manter emocionalmente distanciada da minha própria história. Eram meus pares contando um pouco da nossa vida em comunidade, os fatos narrados me atingem diretamente como surda e me identificando com os sujeitos, também surdos, que estavam relatando o que passou. Muitas vezes voltei para casa, depois das filmagens, feliz por conhecer algo mais, por ter acrescentado mais experiência em minha caminhada, emocionada e tocada por histórias que eu compartilhava junto com outras pessoas surdas.

1.1.4 – Conceitos norteadores

1.1.4.1 Conceito: Fotografia

Annateresa Fabris (apud Lopes,2001,p.50) ao resgatar a história aponta três momentos da história das imagens de consumo, anteriores ao advento da fotografia, São elas: Idade da madeira (século XIII), Idade do metal (século XV) e idade da pedra (século XIX). Nesta última, ainda segundo a autora, já aparecem as raízes do consumo fotográfico, corresponde às demandas e exigências construídas pela Revolução Industrial.

A fotografia foi inventada na época da revolução industrial. Em princípio era uma técnica artesanal que pela sua enorme aceitação foi sendo sempre mais aperfeiçoada. Ela registrou a partir da segunda metade do século XIX as expressões culturais dos povos.Com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação das imagens, aconteceu um novo processo de conhecimento do

mundo, esse conhecimento é fragmentado e detalhado, mas torna acessível ao homem dos diferentes estados sociais os hábitos dos povos distantes.

A necessidade de registrar momentos significativos para as pessoas possibilitou, com os avanços tecnológicos, que as fotografias fossem feitas não só por profissionais, mas por qualquer pessoa. Desde a revolução Industrial observamos muitas mudanças nessa tecnologia.

A fotografia é também um documento testemunhal e uma criação artística. Esses documentos são ao mesmo tempo reveladores de informações e suscitadores de emoções, entretanto a fotografia ainda não alcançou o status do acervo como um objeto que compõe o museu ou de documento equiparado a registros escritos. Notamos que muitas fotos nos alertam para a importância da criação de um museu surdo para que as mesmas possam ser preservadas e contadas para as próximas gerações. Seria importante a fotografia ser considerado como um documento digno de ser admirado para coleta de informações.

A modernidade com sua tecnologia faz com que esses momentos registrados possam perdurar para sempre, porém de nada adianta ter o registro fotográfico se este ficar escondido ou pertencer a uma só pessoa. Penso, que para o surdo, que tem seu apoio para aprendizagem no aspecto visual além do gestual, seria de sua importância à coleta destas fotos e a organização de um museu, onde estaria registrada sua história para que todas as gerações futuras pudessem admirar, aprender e a conviver com a luta e as conquistas deste povo.

Com razões para essa subvalorização da fotografia duas razões parecem preponderar: a primeira de ordem cultural caracterizada pela nossa herança livresca

institucionalizada como meio de conhecimento científico e a segunda na resistência do pesquisador que evita um aceitar, analisar e interpretar a informação que não foi transmitida segundo o sistema tradicional da comunicação escrita.

A Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.

Essa fatalidade (não há foto sem *alguma coisa* ou *alguém*) leva a Fotografia para a imensa desordem dos objetos – de todos os objetos do mundo: por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante, em vez de tal outro?

Annateresa Fabris, ao resgatar a história, aponta três momentos da história das imagens de consumo anteriores ao advento da fotografia-idade da madeira (século XIII), Idade do metal (século XV) e idade da pedra (século XIX). Nesta última, ainda segundo a autora, já aparecem às raízes do consumo fotográfico, correspondente às demandas e exigências construídas pela Revolução Industrial. A necessidade de registrar momentos significativos para as pessoas possibilitou, junto com os avanços tecnológicos, que as fotografias fossem feitas não só por profissionais, mas por qualquer pessoa. Desde a revolução observamos muitas mudanças nessa tecnologia.

A fotografia foi inventada na época da revolução industrial. A princípio era uma técnica artesanal que pela sua enorme aceitação foi sendo sempre mais aperfeiçoada. Ela registrou a partir da segunda metade do século XIX as expressões culturais dos povos. Com o desenvolvimento da indústria gráfica que possibilitou a multiplicação das imagens aconteceu um novo processo de conhecimento do mundo, esse conhecimento é fragmentando e detalhado, mas tornam acessível ao homem dos diferentes estados sociais os hábitos e fatos dos povos distantes.

Como razões para essa subvalorização da fotografia duas razões parecem preponderar: a primeira, de ordem cultural, caracterizada pela nossa herança livresca institucionalizada como meio de conhecimento científico e a segunda, na resistência do pesquisador que hesita em aceitar, analisar e interpretar a informação que não for transmitida segundo o sistema tradicional da comunicação escrita.

Atualmente essa resistência vem diminuindo, sendo desenvolvidas no ambiente acadêmico pesquisas metodológicas para o uso da fotografia tomada como documento e investigadores sociológicos e históricos a têm utilizado.

Importa destacar que ela não deve ser usada apenas como ilustração do texto ela é o próprio texto que é lido pelos surdos, mas se oferece ela como uma possibilidade de investigação e descobertas sobre as histórias que ela materializa e imortaliza.

Uma foto só é imortalizada se alguém a significá-la. A fotografia pela fotografia não é suficiente para criar sentidos em quem a vê.

A fotografia reproduz ao infinito e só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.

Essa fatalidade (não há foto sem *alguma coisa* ou *alguém*) leva a Fotografia para a imensa desordem dos objetos - de todos os objetos do mundo: por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante, em vez de tal outro?

Penso que para o surdo, que tem seu apoio para aprendizagem no aspecto visual além do gestual, seria de suma importância a coleta destas fotos e a organização de um museu, onde estaria registrada sua história para que todas as gerações futuras ouvintes e surdas pudessem admirar, aprender e a conviver com a

luta e as conquistas deste povo.

Por isso a importância que vejo desta pesquisa, pois ao tentar buscar as narrativas surdas estou tentando registrar histórias, sentidos... Surdos para o que está registrado. Estou tentando registrar nessa dissertação uma história visual, mesmo que isso seja uma tarefa difícil para mim que sou surda e que utilizo o português como uma língua estrangeira.

1.1.4.2 Estudos Culturais

A intervenção dos Estudos Culturais nesta pesquisa acontece na medida em que esta área tem como seu objeto de estudo qualquer produção que possa ser considerada cultural, sem julgar se essa é “cultura” ou “popular”. Tudo é digno das preocupações das análises e das críticas dos Estudos Culturais.

“Os Estudos Culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade” (HALL apud Escosteguy, 2000 p.137).

Estudos Culturais pensam a cultura como campo de luta de significados sociais em que grupos sociais diferentes, que tem posições de poder distintas, lutam pela aceitação de seus significados pela sociedade mais ampla, tal qual a luta dos movimentos sociais antagonistas que lutam pelos mesmos recursos socialmente valorizados.

De acordo com Escosteguy,(2000, p.144),

“Os Estudos Culturais atribuem à cultura um papel que não é

totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. A relação entre o marxismo e os Estudos Culturais inicia-se e desenvolve-se através da crítica de um certo reducionismo e economicismo daquela perspectiva, resultado na contestação do modelo base-superestrutura. A perspectiva marxista contribuiu para os Estudos Culturais no sentido de compreender a cultura na sua "autonomia relativa", isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações políticos-econômicos. Como argumentava Althusser, existem várias forças determinantes – a econômica, a política e a cultural – competindo e em conflito entre si, compondo aquela complexa unidade que é a sociedade".

O centro da disputa é a definição da identidade cultural e social dos diferentes atores sociais. Resumidamente os Estudos Culturais estão voltados para as questões que estão na conexão entre cultura, significação, identidade e poder.

Segundo Johnson (2000p. 20),

Boa parte das fortes continuidades da tradição dos Estudos Culturais está contida no termo singular "cultura", que continua útil não como uma categoria rigorosa, mas como uma espécie de síntese de uma história. Ele tem como referência, em particular, o esforço para retirar o estudo da cultura do domínio pouco igualitário e democrático das formas de julgamento e avaliação que, plantadas no terreno da "alta cultura, lançam um olhar de condescendência para a não-cultura das massas.

Enfim, utilizarei os estudos culturais nesta perspectiva de um grupo procurando a aceitação do grupo majoritário e não somente com a preocupação de exemplificar ou divulgar uma cultura específica de um grupo específico.

1.1.4.3 Conceito: Narrativa

A Narrativa é um ramo ativo da teoria literária e o estudo literário se apóia em teorias da estrutura narrativa: em noções de enredo, de diferentes tipos de narradores, de técnicas narrativas. A poética da narrativa, como poderíamos chamá-

la, tenta compreender os componentes da narrativa quando analisa como narrativas específicas obtêm seus efeitos. (CULLER,1999,p.85).

A teoria da narrativa postula a existência de um nível de estrutura - o que geralmente chamamos de “ enredo “ – independentemente de qualquer linguagem específica ou meio representacional. Aristóteles diz que o enredo é o traço mais básico da narrativa, que boas histórias devem ter começo, meio e fim e que elas dão prazer por causa do ritmo de sua ordenação. Diferentemente da poesia, que se perde na tradução, o enredo pode ser preservado na tradução de uma linguagem ou de um meio para outro: um filme mudo ou uma história em quadrinhos pode ter o mesmo enredo que um conto.

Podemos pensar o enredo de dois ângulos. De um ângulo, o enredo é um modo de dar forma aos acontecimentos para transformá-los numa história genuína. De um outro ângulo, o enredo é que é configurado pelas narrativas, já que apresentam a mesma “ história “ de maneiras diferentes.

Pensando no primeiro ângulo transforma-se o enredo em acontecimento onde buscamos o sentido das coisas. Já no segundo ângulo podemos resumir que o enredo é o dado e o discurso as várias representações desta história. De como uma situação pode ter diferentes significados de diferentes olhares.

Os três níveis que estou discutindo – acontecimentos, enredo(ou história) e discurso – funcionam como duas oposições: entre acontecimentos e enredo e entre história e discurso.

A distinção básica da teoria da narrativa, portanto, é entre enredo e apresentação, história e discurso.

1.1.4.4 Povo Surdo (Hall Stuart)

O significado de povo surdo é importante. O que significa “ ser surdo” e optar por uma “política de identidade” surda que existe no interior do povo surdo. Assim os surdos bem melhor de sentido representados. E os surdos começam a se identificar com o conceito de ser surdos, através de existência do povo surdo.

São os raros os lugares que estão fora do alcance destas forças culturais que desorganizam e causam deslocamentos. Pensemos na variedade de significados e mensagens sociais que permeiam os nossos universos mentais; tornou-se bastante acessível obter informação acerca de nossas imagens de – outros povos, outros mundos, outros modos de vida, diferentes dos nossos; a transformação do universo visual do meio urbano – tanto da cidade pós-colonial (Kigston, Bombaim, Kuala Kumpur) quanto da metrópole do ocidente – através da imagem veiculada pela mídia; o bombardeio dos aspectos mais rotineiros de nosso cotidiano por meio de mensagens, ordens, convites e seduções; a extensão das capacidades humanas, especialmente nas regiões desenvolvidas ou mais “ ricas” do mundo, e a as coisas práticas – comprar, olhar, gastar, poupar, escolher, socializar – realizadas à distância, “virtualmente”, através das novas tecnologias culturais do estilo de vida soft. A expressão “centralidade da cultura” indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, *mediando* tudo. (HALL, 1997)

1.1.4.5 Política Social

Este trabalho tem por foco o registro, através de imagens fotográficas, da política surda. Mas o que se entende por política? E sendo a política surda um movimento social, como entender melhor sua definição?

Quando se fala de um movimento social não estamos nos referindo a um fenômeno coletivo que se apresenta com uma certa unidade externa, mas que, no seu interior, contém significados, formas de ação, modos de organização muito diferenciados e que, freqüentemente, investem uma parte importante das suas energias para manter unidas às diferenças. Assim, tende-se muitas vezes a

representar os movimentos como personagens, com uma estrutura definida e homogênea e Fragmentados, que devem destinar muitos dos seus recursos para gerir a complexidade e a diferenciação que os constitui.

Um outro modo habitual de referir-se aos movimentos é considerá-los como efeitos de uma situação histórica ou produtos de uma certa conjuntura (refere-se, por exemplo, à crise econômica ou às contradições do sistema), sem levar em conta as motivações, o sentido, os componentes da ação coletiva, como se os modos por meio dos quais esta ação se constitui e se mantém no tempo fossem irrelevantes com relação ao jogo das variáveis “estruturais”.

Essas tendências que não são apenas do senso comum, mas também de muitas análises de correntes sobre fenômenos contemporâneos de ação coletiva, tiram toda a consistência do objeto do qual falam: elas mostram toda a distância entre a convenção lingüística, ou o interesse político, que faz falar dos “movimentos sociais” e da possibilidade de fundamentar teoricamente tal objeto. Um movimento é, ainda, muito freqüentemente, a encarnação de uma essência ou o efeito secundário das “leis de tendência” de uma estrutura. A ação coletiva dos movimentos remete sempre algo de si a outro porque, em sentido próprio, não existe.

Os componentes de um movimento podem ser chamados de “atores sociais” porque são protagonistas de uma mobilização pela mudança nas estruturas sócias. Descontes com a situação, unem-se para organizar uma nova proposta de vida social.

Um movimento pode surgir através de uma crise quando um sistema seja de governo, administrativo gerenciador, não funciona bem, ocorre uma desintegração e as reações surgem para restabelecer a harmonia. Porém uma ação coletiva pode

também de um conflito, de uma luta de dois grupos pela posse de recursos valorizados por ambos: poder, dinheiro, informação. Os atores de um conflito lutam pelos mesmos recursos, que ambos querem possuir.

1.1.4.5.1 Características da política surda

A política surda começa a ficar visível com criação de associações/sociedades que congregam pessoas surdas com o propósito da identificação lingüística e cultural. Em uma associação de surdas todos compartilham a língua de sinais e experiências similares de vida, apesar de outras diferenças: de gênero, sociais, econômicas, étnicas de orientação sexual e outras, o ser surdo é forte o bastante para fazer a união destas pessoas.

O marco conhecido como início da organização da política surda é o caso de Ferdinand Berthier.

Ferdinand era Francês e aluno do Instituto Surdo de Paris. É pioneiro na organização do primeiro banquete silencioso em homenagem ao 122º aniversário do abade de L'Epée, em 30 de novembro de 1834, com 52 convidados e um marco na política surda mundial.

Berthier, criador da primeira sociedade de surdos, a Sociedade Universal dos Surdos-mudos, em 1838, foi também promotor de uma onda artística que marcou uma autêntica evolução em várias áreas: escultura, pintura, gravura, litografia, poesia e literatura. Esta nova sociedade permitiu edição de um jornal, provando o interesse dos surdos pela língua francesa escrita, o valor artístico das ilustrações, os retratos, as caricaturas e os desenhos humorísticos.

Berthier se candidatou, em 1848, às eleições da Assembléia Constituinte,

com o objetivo de representar seus 22.000 "irmãos silenciosos".

Em 1849, foi o primeiro surdo a ser nomeado como Cavaleiro da Legião da Honra, por Napoleão Bonaparte.

Este é o primeiro exemplo de política surda existente no mundo, do qual se tem conhecimento.

Em 1924 é fundado o Comitê Internacional de Esportes para surdos (Comitê International des Sports des Sourds- CISS), ligado ao Comitê Olímpico Internacional.

A Federação Mundial de Surdos, FMS, é fundada em Roma, Itália em 1951, ligada à ONU e à UNESCO e hoje em dia com aproximadamente, 108 países associados.

Entre 1950/51 começam a surgir, no Brasil, as primeiras associações de surdos e, ano a ano, este número aumenta.

A Confederação Brasileira de Desporto para surdos, CBDS, fundada em 1984, visando estimular a prática esportiva entre os surdos, promove campeonatos em diversas modalidades, masculino e feminino, regularmente.

Em tempos mais recentes temos a "Greve em Gallaudet" que aconteceu de 6 a 14 de março de 1988, em Washington, Estados Unidos. A Universidade Gallaudet, a primeira e uma das únicas universidades do mundo para surdos, nunca tinha tido um reitor surdo. Foi quando a comunidade acadêmica promoveu este protesto histórico em reivindicação. E conseguiram, depois de muitos protestos, que King Jordan fosse o primeiro reitor surdo da História.

No Brasil o momento mais importante foi quando a Federação Nacional de

Educação e Integração dos Deficientes Auditivos, FENEIDA, transformou-se, através do movimento político, Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, formada por Fernando Valverde, Ana Regina Campello e Souza e Antônio Campos de Abreu em 1983, em Federação Nacional de Educação e Integração dos surdos, a atual FENEIS, no dia 16 de maio de 1987. No começo as reuniões foram em restaurantes, na casa das pessoas, foi difícil, mas o grande desenvolvimento da FENEIS veio com o primeiro convênio com a DATAPREV. Esse convênio ampliou o campo de trabalho para o surdo, bem como conquistou verbas para a Federação. Atualmente a FENEIS conta com 11 representações regionais e um escritório em Teófilo Otoni em Minas Gerais, e promove seminários, congressos, encontros e mobilizações em favor da causa surda.

Na política surda também encontramos problemas e conflitos com varias origens históricas, pois o sistema social predominantemente ouvintista gera insatisfação e marginalidade por parte do povo surdo.

No caso específico da política surda à escola não é, em si uma política, mas pode participar de uma escola de e para surdos a outra reivindicação geral. Os participantes têm maior poder à medida que o número de surdos graduados e pós-graduados aumenta. O prestígio social e cultural que a formação acadêmica da também contribui para que cada vez mais os movimentos surdos tenham visibilidade na sociedade.

A parceria entre as instituições: escola, associação e federação, no caso a FENEIS, é uma força de peso para que as reivindicações do povo surdo oficialização da LIBRAS, escolas para surdos, valorização do profissional surdo, estejam se

transformando em realidade.

CAPÍTULO 2 - POVO SURDO

2.1 A trajetória do Povo Surdo

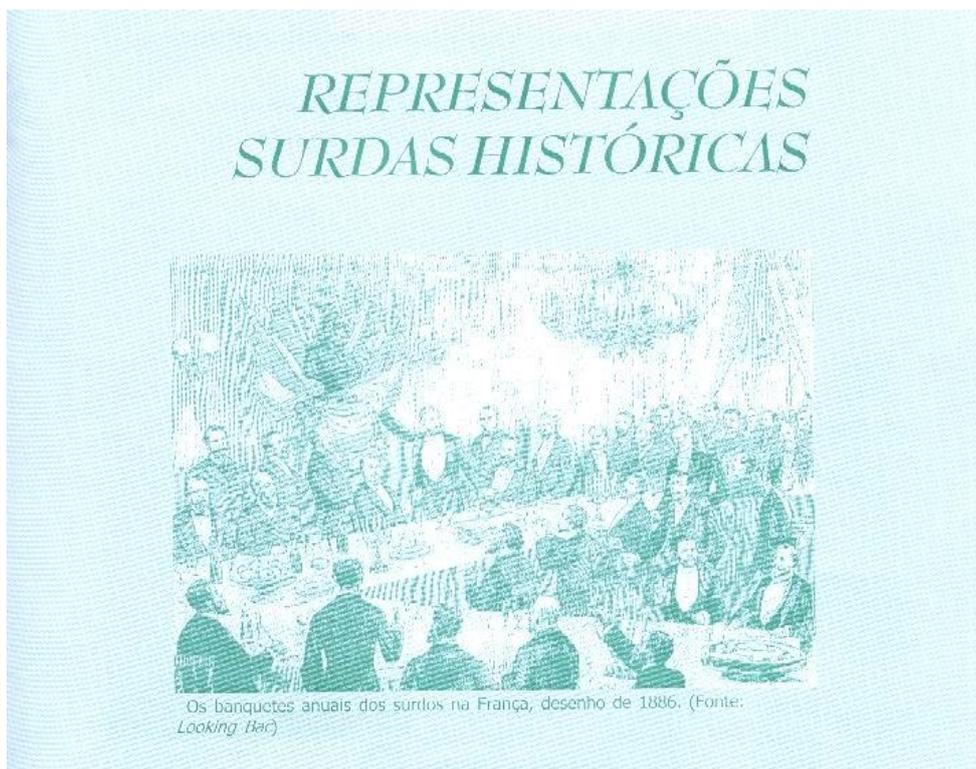


figura nº1- Banquetes anuais dos surdos na França-1834

A introdução da língua de sinais na educação foi o fato que inovou a história dos surdos. O monge francês L'Épée, que durante sua enfermidade e beirando os 60 anos de idade, conheceu a língua de sinais, estudou-a junto aos surdos. Mais tarde teve idéia de reunir os surdos pobres dos arredores de Paris fundando a

escola de surdos e introduzindo como língua de ensino a língua de sinais. O professor Lulkin que fez estudos no sentido cita o seguinte:

A produção acadêmica e os registros históricos disponíveis localizam na França, a partir da segunda metade do século XVIII o berço da educação institucional e pública de pessoas surdas no Ocidente. A instituição escolar imperial, cuja primeira proposta pedagógica data de 1760, funda-se nos moldes do Antigo Regime francês e passa por adoção da Assembléia Nacional, em 1791, tornando-se o Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris. O Instituto serve de centro irradiador de um ideário científico e modelo educacional para diversos países (LULKIN, 1998, p.34).

O resultado positivo da metodologia utilizada pelo abade Francês L'Épée fez com que muitos surdos se convertessem em professores de surdos. O próprio L'Épée trabalhava esta formação. Isto fez com que os próprios surdos fossem capacitados para trabalhar em educação de outros surdos inclusive fundar outras escolas de surdos utilizando sempre a pedagogia de ensino através da língua de sinais. Este fato chamou a atenção de educadores de surdos que para lá viajaram em busca deste método como aconteceu a Gallaudet. Fundaram-se inúmeras escolas de surdos na Europa e nos Estados Unidos, bem como no Brasil e outros países. As escolas passaram a usar as línguas de sinais nacionais e explorar recursos de educação. O currículo passa a conter a língua de sinais, religião, língua nacional e formação profissional.

Como já foi escrito acima, ano de 1834 marca o início das políticas surdas. O objetivo de festejar o aniversário de nascimento de Abbé de L'Épée, os professores surdos Ferdinand Berthier¹⁰ e Lenoir¹¹ decidiram reunir os surdos. Reuniram-se dez

¹⁰ Ferdinand foi um dos professores surdos do Instituto de Paris. Ao que conta este Instituto tem vários outros professores surdos.

¹¹ Outro professor surdo e colega de Ferdinand, mais tarde ele seria diretor da Escola de Lyon, na França.

surdos, entre eles: Peysson de Montpellier¹² e Mosca. Mais tarde já se constituía uma reunião de 60 surdos entre professores, pintores e empregados. Eram surdos capacitados e eficientes, representantes privilegiados do povo surdo, a possibilidade de mobilização para a luta por necessidades próprias como os problemas decorrentes de práticas com o trabalho. Mas não foi sem antes poderem se conhecer e narrarem entre si suas conquistas sociais, seus feitos, suas capacidades e aptidões. Continuaram os banquetes e neles que se iniciou a denominação de povo surdo e de nação surda.

Em minha dissertação de mestrado, já escrevia em 1998 sobre esta busca da diferença, este elo que distingue um povo do outro e que faz com que o povo surdo determine a marcação simbólica de sua diferença não pela nacionalidade, classe, raça, etnia, mas pela cultura

Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas, que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social (PERLIN, 1998, p.71).

Este aspecto não é exclusivo do povo surdo, é bastante comum entre os grupos que buscam sua identidade, que fogem da dominação colonial. É a tendência a buscar aspectos simbólicos que possibilitam a diferenciação como citado por Woodward, que coloca como uma das discussões centrais a discussão entre o que é essencial e que não é essencial.

O essencialismo pode fundamentar suas afirmações tanto na história quanto na biologia; por exemplo, certos movimentos políticos podem buscar alguma certeza na afirmação da identidade apelando seja a verdade fixa de um passado partilhado seja a verdades biológicas. O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade (WOODWARD, 2000, p. 15).

¹² Peyson e Mosca eram pintores daquele tempo.

É importante notar que esta busca do essencial no povo surdo, em alguns aspectos se torna bastante insistente, em outros ela é mais amena. A busca daquela política consistia pela língua de sinais, por mprega -la, pela cultura surda, o espaço das artes, etc. Esta luta também teve momentos de resistência contra o oralismo, já que mediante a ele a língua de sinais estava fadada a desaparecer.

Desse modo, estes encontros provocaram a mudança com a redescoberta do passado onde aprenderam a língua de sinais e com ela se posicionaram socialmente. Aos poucos eles foram percebendo suas necessidades e criando as Associações que mais tarde se espalhariam pelo mundo inteiro nos objetivos idênticos desta surgida na França. Mesmo que estes objetivos tivessem alguma diferença eles conservaram em si a essência deste movimento de surdos. O que poderia ser descrito é a luta pela diferença, a desfragmentação que arquiteta o sujeito surdo e emerge para permitir uma representação como parte deste indivíduo com sua diferença cultural, a novidade de suas políticas, a construção de um modelo internacional de surdos.

No Brasil a política do povo surdo teve dois momentos importantes. Primeiramente a vinda do professor surdo Eduard Huet¹³, a sua presença dá continuidade ao movimento do povo surdo da França.

Eduard Huet ¹⁴ nasceu em 1822. Aos doze anos ficou surdo em consequência de sarampo. Pertenceu a nobreza da França, era Conde. Quando menino falava

¹³ O surdo francês Eduard Huet foi professor e ex-diretor do Instituto de surdos de Bourges na França depois ele veio aqui no Brasil em 1855, fundou o Instituto Nacional de Educação de surdos (I.N.E.S.) no Rio de Janeiro.

¹⁴ Desde muito se pensou que o nome era Ernest Huet, mas recentemente descobertas feitas no México atestam que o nome é Eduard (Revista FENEIS, 2000).

francês, alemão e português, bem mais tarde aprendeu o espanhol. Foi aluno do Instituto Nacional de Surdos de Paris onde se formou professor. Foi professor e diretor do Instituto de surdos de Bourges na França.

No ano de 1855 emigrou para o Brasil. A sua idéia de educação dos surdos é descrita em uma reportagem de Adalberto Ribeiro, publicada na Revista do Serviço Público em 1942, que alude ao propósito da Fundação de Huet “Levado por sentimentos de solidariedade humana, cogitou por sua vez de fundação de uma casa de ensino e abrigo para seus companheiros surdo-mudos” Naquele tempo no Brasil não se tinha idéia pública da educação dos surdos e inclusive as famílias relutavam em empre-los. E não foi fácil a Huet iniciar a tarefa de constituição da escola. Como ele trouxe uma carta de recomendação do Ministro de Instrução Pública da França, foi apresentado ao Reitor do Imperial Colégio de D. Pedro II que facilitou os meios de abrir a primeira escola de surdos no país. O seu trabalho contava com auxílio da nobreza ligada ao governo.

Em Janeiro de 1856 apresentou o programa para a educação de surdos e dois anos após Huet apresentou os seus sete alunos ao imperador e ao exame público, como era feito naquela época, tendo entusiasmado a assistência com os resultados de seus trabalhos.

O outro fato aconteceu em 1950, na cidade de São Paulo, em que alguns líderes surdos e ex-alunos de INES, além de outros surdos usuários da língua de sinais, sem diferença entre classes, costumavam se encontrar na praça da Matriz ou em alguma rua (ponto de encontro para bate-papo). Este aspecto de se encontrar na rua é um costume surgido na saída da escola INES no Rio. Após sair da escola, a idéia não era ir logo para casa, mas era continuar utilizando esta língua transmissora

de conhecimentos. Desse modo, se o surdo tivesse tempo disponível, ia encontrar-se em algum ponto com outros surdos. Existiam atividades de esporte, mas em conjunto com ouvintes. Se possível eles conseguiam se reunir e praticar esportes juntos, mas era difícil eles conseguir espaço entre os ouvintes. Estes pontos de encontro na praça ou na rua serviam para troca de informações, expandir a língua de sinais e programar alguma coisa ou simplesmente o prazer de estar juntos. Estes grupos estavam sempre juntos para um animado bate-papo, desconheciam as Associações de Surdos, não faziam idéia disto. Só existiam clubes de ouvintes, associações, etc.

Esta reunião de surdos nas ruas de São Paulo não está distante da história dos surdos de todas as capitais e cidades do Brasil. Quase todas as atuais Associações de Surdos têm história de iniciar as reuniões em algum ponto de encontro nas ruas e praças. Poucos iniciaram na casa de surdos ou de algum ouvinte.

Segundo o relato de Antônio Campos de Abreu, o início de uma Associação de Surdos fundada exclusivamente por surdos, nos moldes do povo surdo de Paris, se deu pela viagem de um dos surdos que residia em Campinas, São Paulo, e costumava se encontrar com os grupos de surdos. Em viagem de passeio para a Argentina encontrou um grupo de surdos em Buenos Aires. Ele foi se informando sobre eles. Neste contato, ao constatarem que era um surdo brasileiro, convidaram-no a conhecer os surdos da Argentina. Uma surpresa o aguardava, os surdos tinham uma Associação de Surdos funcionando em Buenos Aires. Constatou que os surdos tinham espaço para se reunir e debatiam em associação. Terminada a viagem, o surdo de Campinas retorna ao Brasil e voltando ao lugar de encontro de bate-papo dos grupos surdos todos receberam com admiração a notícia. Através de apoio da

diretoria da Associação de Surdos da Argentina foi possível transportar o método para o Brasil, assim foi possível a criação da Associação de Surdos de São Paulo, a primeira no Brasil¹⁵ no espírito do povo surdo de Paris.

Skliar (1997, p.70) menciona que a Associação de Surdos Argentina se denominava Asociación de Sordos de Ayuda Mutua de Buenos Aires e foi fundada em 1912. Esta Associação também tem objetivos equivalentes ao do povo surdo da França. A Asociación Argentina também é a primeira Associação de Surdos fundada na América Latina que segue estes princípios.

Desta forma, funda-se a Associação de Surdos de São Paulo em 19 de março de 1954. Pouco depois outro surdo leva o fato aos surdos líderes no Rio e é fundada a Associação de Surdos do Rio de Janeiro em janeiro de 1955. Outro surdo viajou a Minas Gerais, com o objetivo de fundação em Belo Horizonte fato que acontece em 30 de abril de 1956.

A seguir, em 1955, na região sul, orientados pelo professor surdo: Francisco Lima Junior também se sucederam as fundações de Associações de Surdos: em Florianópolis foi fundado o Circulo dos Surdos e em Porto Alegre a Associação dos Surdos, por Salomão Watnick, influenciado por Francisco. Salomão Watnick foi iniciado pelo professor Francisco no método do povo da França, tendo influência também dos surdos brasileiros que fundaram as associações de surdos de São Paulo. Nesta época, surdos no sul do Brasil também começaram a ter visibilidade.. Francisco de Lima Junior, David Bastiani Filho e muitos outros surdos atuaram na

¹⁵ O Brasil teve duas outras associações de surdos fundadas anteriormente a esta, porém fundadas por ouvintes. Trata-se da Associação Brasileira de Surdos-Mudos. Fundada a 24 de maio de 1913, surgiu nos tempos em que o Distrito Federal se propagavam idéias do oralismo e esta Associação é dirigida por ouvintes.. Mais tarde outra, a Associação Alvorada de Surdos, surgiu em 16 de maio de 1953 no Rio de Janeiro. Era uma organização especial para um grupo de surdos oralizados e da classe alta, não podiam participar desta associação os surdos da classe baixa nem os sinalizantes.

educação dos surdos. As Escolas de Surdos, na maioria delas dirigidas por ouvintes, podiam ofuscar a presença do professor surdo, na sua diferença reproduzida por meio de sistemas simbólicos junto aos surdos.

Segundo o surdo Delatore: “as Associações de Surdos além de funcionarem como ponto para encontro esportivo dos surdos funcionavam também como divulgadoras da língua de sinais, e como identificadoras da capacidade do surdo como cidadão” (FENEIS, 2002). O funcionamento destas Associações e a fundação destas pelos Estados do Brasil ocuparam os surdos por bom espaço de tempo.

Klein (apud Perlin,1999) relata o momento de solidificação do poder surdo, através do exemplo de surdos que, em 1983, fundaram a Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos.

... um grupo de surdos organiza uma Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, desenvolvendo um trabalho importante nessa área. O grupo ganha força e legitimidade ao reivindicar, junto a FENEIDA, espaço para seu trabalho, o que foi negado naquele momento. Ao formar uma chapa, o grupo de surdos é vencedor nas eleições para diretoria da entidade, sendo que o primeiro passo foi a reestruturação do Estatuto da entidade, que passou a ser denominada Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Essa mudança foi muito significativa, pois não se referiu apenas a uma troca de nomes, mas a busca de uma nova perspectiva de trabalho e de olhar sobre os surdos.

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) foi fundada em maio de 1987 por um grupo de surdos que se organizou com o fim de desativar a FENEIDA, que pretendia fundar uma Associação Nacional com objetivos de pensar a educação, a língua de sinais e a política governamental referente aos surdos. Segundo Antônio Campos de Abreu: os surdos tinham as Associações e

tenham feito muita coisa referente aos esportes, mas onde estava a educação, os direitos e tudo mais? Este processo de consolidação da Entidade como movimento para a representação surda foi decisivo e Souza descreve este aspecto.

A apropriação dessa Federação pelos surdos é repleta de significados. Simboliza uma vitória contra os ouvintes que consideravam a eles, surdos, incapazes de opinar e decidir sobre seus próprios assuntos e entre eles, sublinha o papel da linguagem de sinais na educação regular. Desnuda, ainda, uma mudança de perspectiva, ou de representação discursiva, a respeito de si próprios: ao alterarem a denominação “deficientes auditivos”, impressa na sigla FENEIDA, para “Surdos”, em FENEIS, deixam claro que recusavam o atributo estereotipado que normalmente os ouvintes ainda lhes conferem, isto é, o de serem “deficientes” (SOUZA, 1998, p.91).

Desde o início, a FENEIS se constituiu em um espaço decisivo na vida dos movimentos surdos apresentando objetivos que lhe permitissem afirmar a representação na diferença surda. Se as associações tinham objetivos mais especificamente de lazer, a FENEIS buscava outros valores que se traduziam pela diferença dos surdos, tanto assim que a língua de sinais foi uma de suas iniciativas de pesquisa e de lutas.

A diretoria da FENEIS sempre foi composta por representantes surdos em sua maioria. Isto teve por objetivo salvar a diferença cultural dos surdos e sugeriu um fechamento à predominância do poder ouvinte e ao mesmo tempo propôs alternativas nas relações entre o poder surdo e poder ouvinte. Este fechamento não significou um afastamento, mas uma proposta de atuação conjunta.

Com o passar dos anos, a FENEIS cresceu e expandiu seu trabalho em nível de Brasil. Nas lutas pelos direitos surdos, pela educação e pela diferença, foi

surgindo e solidificando a consciência surda. A partir desta tomada de consciência, a divergência com profissionais ouvintes entrou num processo de trocas, de divulgação da cultura diferente, processos que fizeram com que os tipos de correção da surdez, normalização, medicalização e de deficiência fossem gradualmente substituídos pelo conceito da diferença cultural.

O objeto principal do discurso da FENEIS continua sendo o dos surdos. No entanto, ao longo dos 15 anos modificaram-se as estratégias de luta e os discursos que as legitimavam. Os surdos passaram a defender abertamente a língua de sinais que até então só podiam usar na clandestinidade. “Não desejavam apenas que lhes fosse conferido o direito de emprega-la em contextos informais mas, principalmente, que circulasse em cada sala de aula por ser o meio natural de Comunicação de pessoas surdas” (Relatório da FENEIS, 1993, p.7).

A história da língua de sinais parece não ter início. Ela surgiu com o surdo. A falta da audição deve ser sempre o álibi para o surdo usar sinais. Cada sinal é um visível meio de comunicação, não há outra maneira a não ser a captação pelos olhos. O seu aparecimento na História geralmente está ligado a educação do surdo.

Há evidências em alguns registros como o do professor Juan Pablo Bonet (1579-1629), que viveu na Espanha, atribuindo grande importância à existência de um ambiente lingüístico rico de ensino aos surdos, além de priorizar o uso do alfabeto manual. Este alfabeto manual nada mais era que a invenção de alguns sinais indicativos de letras do alfabeto, o que deixa evidente a presença da língua de sinais. Outro dos muitos registros é o de John Wallis (1618-1703) ele separava o treinamento articulatorio do uso do alfabeto manual. Nota-se que todos os professores que tiveram contato com surdos tiveram também contato com a língua

de sinais, alguns a perseguiram, outros a incentivaram, outros ainda se apossaram dela como autores.

O fenômeno mais marcante para a história da língua de sinais foi quando o Abade L'Épée (1712-1789), em Paris, em contato com surdos pobres, aprendeu a Língua de Sinais interagindo com estes, fez com que se empregassem sinais próprios para traduzir a ciência e posteriormente foram descobrindo e aplicando o seu uso na educação. A sua escola iniciou em 1760 com poucos alunos, e em 1785 já contava com 70 estudantes. Dessa escola, mais tarde dirigida por Sicard, saíram importantes professores surdos. Estes professores surdos inauguraram o método próprio de Ensino aos Surdos que depois foi adotado por diferentes países e inclusive no Brasil.

Salienta-se que os povos surdos sempre procuraram aperfeiçoar a língua de sinais. E o seu aperfeiçoamento é evidente no contato com a ciência, como nós aqui no sul já constatamos como provaram aqueles surdos da França em meados do século XII e como mencionam os banquetes¹⁶ de Paris cujos registros contam o seguinte:

A língua de sinais facilmente supera todas as línguas orais que a humanidade ouvinte usa, tão restrita a língua deles... a nossa língua inclui todas as nações, o globo inteiro. Esta expressão é bastante arrojada, mas um repórter daqueles tempos citou na imprensa o seguinte: Nenhum dos oradores das línguas dos povos ouvintes que conhecemos e admiramos mais, podem ser comparados com Berthier, Forestier e Lenoir, esses surdos franceses por sua graça, dignidade e a precisão de seus sinais. Na verdade, vendo os discursos que estes três jovens cavalheiros fazem é o bastante que eu acho para nos fazer desejar desaprender a fala (Extrato de um repórter ouvinte 1849)

¹⁶ Foi comemoração de aniversário de nascimento do abade de L'Épée, mas tarde já se constituía uma reunião de sessenta surdos entre professores, pintores e empregados. Nesses jantares banquetes, os discursos eram todos feitos em Língua de sinais e também registrados na escrita. O tom dos discursos impressionava e impressiona até hoje.

Isto nos cala a todos sobre as potencialidades dessa língua que temos e muitos de nós já experimentaram a sua praticidade.



Surdo Napoleão – Ferdinand Berthier, foi um dos professores surdos do Instituto Nacional de surdos. Foi chamado “Guerra dos Surdos” por que teve forte influência para o povo surdo em toda a Europa.

O oralismo fez seus estragos. Ele é caracterizado como a política social anti-língua de sinais. Ela foi eliminada de todas as instituições e perseguida até dentro das associações de surdos por forças de poder que impunham a língua oral como detentora única de ciências, mesmo que os surdos tivessem provado o que foi dito antes. As associações de surdos lutaram como podiam para manter viva esta língua. Inclusive Motez cita os embates entre a cultura surda e a evolução da idéia de perseguição a partir de 1890. O povo surdo passou a ser rejeitado porque insistia em manter a língua de sinais. A exigência de que as crianças surdas tivessem que aprender a falar oralmente, começou a deixar suas marcas no povo surdo. Isto daria espaço ao isolamento dos surdos que se tornaram guardiões da língua de sinais, bem como os que motivados pela língua oral se perderam entre os ouvintes. O isolamento social ocorreu em função da busca de espaço para a sobrevivência. Mas este espaço para a sobrevivência foi mais um exílio, seja para os surdos que escolheram a sinalização, seja para os surdos que escolheram a oralização. Sobre estes últimos valem os relatos colhidos inclusive no Rio Grande do Sul.

2.2 História da Língua de Sinais no Rio Grande do Sul

Perlin (1997) juntamente com um grupo de surdos, realizou filmagens com o objetivo de resgatar a história da educação dos surdos no Rio Grande do Sul. O material não chegou a ser publicado. Desses guardados, tirei alguns aspectos para a história do surgimento da língua de sinais. As filmagens foram feitas com base nos testemunhos dos surdos que nasceram em meados de 1921 e que residem na capital.

Na pesquisa de Perlin (1997) a história da língua de sinais começa, segundo estes surdos, no primeiro encontro entre eles se deu na escola da Professora Louise Schmidt¹⁷, e a história do surgimento da língua de sinais no Rio Grande do Sul, inicia com o grupo de alunos surdos dessa escola, que foi fundada precisamente em 06 de junho de 1927. A professora de surdos, a alemã Louise, veio ao Brasil e foi ela quem fundou escola de surdos na capital. Essa Escola se chamava Instituto Ipiranga. Através de propaganda na imprensa local, a professora conseguiu alunos surdos que, segundo informações dos primeiros alunos, vinham do interior, já que não existiam surdos na capital. A língua de sinais nasceu no contato entre esses surdos, com poucos e rudimentares sinais. Eles narram que em sala de aula, eram obrigados a oralizar todo vocabulários. De posse deste vocabulário oral, aos poucos a professora foi banindo a língua de sinais. Igualmente passou a aconselhar alunos surdos a não usarem os sinais que tampouco eram permitidos durante os recreios. Muitos castigos aconteciam caso contrariassem esta norma. Em compensação a esses castigos os alunos narram que a professora brindava os alunos com boas refeições preparadas por ela e seu marido, Edgard Rudolf Schmidt. Esta escola

¹⁷ Louise era uma adapta do método educação de surdos de Samuel Heinicke também, alemão,

internato chegou a ter 18 alunos.

Nesta escola havia um surdo não oralizado: Ney Olmedo. Este surdo foi muito importante para o desenvolvimento a Língua de sinais, pois após de sair da escola de Louise foi estudar no Instituto Nacional de Educação de surdos – RJ. Depois de concluir o INES voltou para Porto Alegre e transformou-se em líder da comunidade surda. Como tinha fluência na Língua de sinais influenciou estimulou e divulgou uso da Língua de sinais. Ensinado os filhos ouvintes de pais surdos e surdos também a Língua de sinais. Ney Olmedo encontrou seu ex-colega Francisco que havia fundado a Associação de Santa Catarina. Influenciado por este estimulou a comunidade Porto alegrense a fundar uma associação.

Perlin continua o relato de sua pesquisa dizendo:

“Inicialmente fundada na Rua Mostardeiro, a escola transferiu-se de prédio por cinco vezes seguidas. Na Rua Duque de Caxias existiu outra escola de surdos no lugar do atual prédio que abriga provavelmente a FADERS¹⁸. As informações que conseguimos sobre esta escola datam de meados de 1952. Os surdos que viveram nesta escola denunciam:” *a educação era ruim e também com método oral. Não importava aos professores investir no surdo, nem se o surdo estava sendo instruído ou não; importava que o surdo falasse algumas palavras, importava, quem sabe, os interesses econômicos*”(Depoimento de A., 52 anos). O local, como atestam hoje fotos, era bastante precário. Em 1962, esta escola é criada por decreto do Governo do Estado com o nome de Escola Especial de Surdos. Havia oficinas de sapataria, marcenaria, encadernação, corte e costura, pintura, desenho e cerâmica.”

fundador do oralismo.

¹⁸ Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e Altas Habilidades no Rio Grande do Sul.

Observamos, segundo o relato de Perlin (1997) que nesta escola, o grupo usava a língua dos sinais, mas predominavam as práticas do oralismo dentro da sala de aula.

Outro fato interessante ocorreu no ano de 1956, foi fundado o Instituto Frei Pacífico que acolhia meninas. Sorte diferente tiveram os meninos indo estudar no Rio em São Paulo, para poderem completar sua educação. As escolas desse período tinham internato e continuava-se a objetivar a oralização. A língua de sinais ou estava nos recreios, ou nos quartos de dormir ou nos banheiros. Perseguida ou não, a língua de sinais era rejeitada pelos ouvintes e desaconselhada para os surdos.

À tardinha, à saída da escola era naturalmente uma festa para os surdos cujas idades variavam muito, eles rumavam para a Rua da Praia no centro de Porto Alegre.

De acordo com Perlin (1997) o ponto de encontro na Rua da Praia transformou-se em lugar de encontro dos surdos da capital, e vinham até lá os ex-alunos da escola da prof. Louise, da escola Rua Duque de Caxias que por algum período abrigou os estudantes surdos, inclusive as meninas do Instituto Frei Pacífico. Igualmente se reuniam os surdos que de uma forma ou outra estiveram no INES¹⁹ (Rio de Janeiro), bem como oriundos de países vizinhos que também freqüentaram este ponto.

Havia na capital muitos preconceitos sobre os surdos eles relatam o desprezo sofrido pelas ruas da cidade e como aprenderam a esquivar-se deles. O preconceito (usado pelos ouvintes) os afastava de muitos pontos da cidade, e os surdos tinham

de fazer algo para sobreviver, fugindo para outros lugares, porém o preconceito da Rua da Praia pareceu menos marcante.

Os surdos que inicialmente começaram a sinalizar entre eles, nas escolas, se encontravam neste na Rua da Praia e foram ampliando os sinais. A língua de sinais usada pelos surdos nessas ocasiões informais era ainda pouca desenvolvida e naquele ponto de encontro os sinais rudimentares iam sendo aperfeiçoados. Muitos surdos trabalharam na escolha dos movimentos, posição da mão e local de sinalização para que cada sinal pudesse ter beleza e posição como a que hoje tem, manifestando conforme Quadros (1997, p.28): uma estrutura lingüística rica e complexa, assim como quaisquer língua humana.

A Rua da Praia se prestou não só para o aperfeiçoamento e transmissão da língua de sinais, mas foi também local onde os surdos se encontraram uns com os outros. Encontraram suas identidades como surdos, através do contato com o *diferente ser surdo, com a identidade surda, com a língua*. Foi o local onde os surdos aprenderam a enfrentar o preconceito, a desenvolver a cultura, a língua, a viver entre eles a sensação de ser povo diferente, bem como o local onde muitos casais se conheceram, dando início a romances. Salienta-se, nas narrações dos surdos, uma história de aprendizagem coletiva, não a aprendida nas escolas²⁰, mas a que se difundia entre os surdos da Rua da Praia com o uso da língua de sinais.

¹⁹ Instituto Nacional de Educação de Surdos.

²⁰ Quadros (1997, p. 22), atesta que havia uma defasagem escolar impedindo o aluno surdo de competir no mercado do trabalho.

Nota-se que, mesmo que houvesse necessidade de esconder a nova língua, havia um início coletivo de resistência, de cultura e de língua, iniciadas nas salas de aula na ausência dos professores, nos recreios, banheiros e quartos de dormir. E essa resistência surda nasce em face de uma história sofrida onde predominava sempre o regime disciplinar do sujeição ao ouvinte, Sendo que até hoje encontra-se essa resistência.

Realmente os ouvintes submetiam os surdos a uma obrigação de utilizar a língua oral, a purificar sua língua de acordo com a oral. Igualmente era utilizado o estereótipo contra a língua dos sinais como menos-valia, preconceito, rejeição, atitudes desprezíveis.

A língua de sinais, para os surdos era o achado surdo, a resistência, a presença de sujeitos diferentes. Defendiam-se dos estereótipos, e preconceitos, igualmente ocupados em construir seus códigos lingüísticos, uma espécie de signo de cultura visual, uma língua que se fortalecia para a transmissão de conhecimentos de forma acessível.

A língua de sinais da capital também foi enriquecida na presença dos surdos “vendedores de cartelas”²¹. Eles eram viajantes que percorriam as cidades e quando iam ou retornavam de encontros com outros surdos, suas comunidades, associações, festas, lutas, ou ainda famílias de surdos, geralmente obtinham informações sobre o modo diferente de viver, de organizar suas casas, os novos códigos e novos sinais para enriquecer o vocabulário. Carregadores ambulantes,

²¹ Estas cartelas eram santinhos com o alfabeto manual. Esses surdos ambulantes que percorriam as cidades possivelmente surgiram da mesma linha que os “pedintes de esmola”, cujos objetivos visavam uma forma de Estas cartelas eram santinhos com o alfabeto manual. Esses surdos ambulantes que percorriam as cidades possivelmente surgiram da mesma linha que “pedintes de esmolas”, cujos objetivos visavam uma forma de sustento.

eles tiveram papel de destaque no enriquecimento da língua e contribuíram para sua perfeição e homogeneidade.

Em 1966, foi criada a Escola Especial Concórdia. A luta iniciada pelos alunos surdos fez com que fosse a primeira escola do Rio Grande do Sul a abrir perspectivas para o uso da língua dos sinais na educação dos surdos. Este fato transcorreu entre os anos de 1985, com a pesquisa que deu *status* de língua, feita por lingüistas norte-americanos²² e a constatação da importância da mesma para a educação do surdo. Com a abertura do segundo Grau, na escola Concórdia, os surdos conseguiram seguir para a faculdade, isso trouxe novas possibilidades para o povo surdo. Após esta escola, iniciou-se um movimento nas outras escolas para o uso da língua de sinais em educação.

Isso despertou a consciência dos surdos para a importância da língua de sinais e através da FENEIS resultou a luta da comunidade surda pela oficialização da língua de sinais no Rio Grande do Sul. Hoje os instrutores surdos e os intérpretes já somam 100 pessoas. Há muita procura pela língua de sinais com vários cursos em três níveis. Há igualmente os cursos de formação de instrutores e intérpretes, bem como prossegue a luta para legalizar estas profissões e implantação das mesmas em todos os campos. O que atualmente se sobressai é a escrita do *Sign Writing* que tira nossa língua do rol das línguas ágrafas.

2.3 História da Associação de Surdos-Mudos do Rio Grande do Sul e Sociedade de Surdos de Rio Grande de Sul

Um surdo de Florianópolis, Francisco de Lima Junior e o surdo Nei de Porto Alegre foram estudar no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES no Rio de Janeiro/RJ e tiveram oportunidade de conhecer e freqüentar a Associação de

Surdos de lá.

Quando eles finalizaram o antigo ginásio voltaram para suas casas. Francisco veio a Porto Alegre e, aqui no Centro, havia um ponto de encontro dos surdos, onde ele foi visitar.

Para sua surpresa encontrou um surdo que havia estudado com ele no INES e conversaram muito. Francisco perguntou-lhe se havia Associação de Surdos aqui e a resposta foi negativa. Então, Francisco perguntou quem era o líder dos surdos e estes lhe apresentaram o Salomão, junto com o David, que, foi o primeiro professor surdo do Rio Grande do Sul.

Francisco reuniu-se com esse grupo e explicou como funcionava uma Associação de Surdos e sua importância para a comunidade. Salomão interessou-se e fundaram a Associação de Surdos-mudos do Rio Grande do Sul em 5 de outubro de 1955, com a diretoria composta só por surdos. A sede funcionava em uma sala improvisada na casa dos sogros de Salomão. E posteriormente, mudou-se para a casa dele construída pela mãe dele onde ele morava junto com sua esposa.

²² Entre eles Wilian Stokoe, defendeu a tese da língua de sinais ser incluída no rol das línguas.



Comemoração da fundação da associação e da sociedade dos surdos. Ano:2000

Quando Salomão morreu, outro surdo de nome Levy Wengrover, foi até a casa dele e solicitou toda a documentação, mas a mãe de Salomão explicou que tinha sido tudo perdido em um incêndio.

Alguns dias depois, Levy foi a uma reunião com o governador Ildo Meneghetti na qual lhe foi dado o terreno (prometido, anteriormente a Salomão) para fundar a Sociedade dos surdos do RS. Levy funda a Sociedade dos surdos do RS em 14 de abril de 1962, tendo ele como presidente, pois era o único surdo com mais conhecimento na época.

O terreno ele tinha, faltava a sede. Com isso, os surdos continuavam a se encontrar no centro de Porto Alegre (Rua da Praia). Em 1978 foi pedida ao governador, verba para construção da mesma, em 1979 foi inaugurada a nova sede.

Os surdos gostavam muito de ir a praia, ter seu lazer e Levy percebeu isso. Com essa percepção, Levy fez contato com uma pessoa influente que presenteou a Sociedade com bom terreno em Capão da Canoa a quatro quadras da praia.

Em 24 de janeiro de 1967, foi fundada a Colônia de Férias dos surdos. Com a

ajuda do governo, deu início à construção da mesma, para que os surdos pudessem desfrutar seu lazer em um bom local. O movimento no verão era muito grande e até vinham surdos da Argentina. Era um lugar de novas amizades.

Levy ficou como presidente da sociedade por quatro mandatos e perdeu seu cargo por problemas morais muito sérios.

Juracy assumiu a presidência, fez novo estatuto e teve como modelo o estatuto de Associação Alvorada de Surdos do Rio de Janeiro, pois ele conhecia a referida associação. Aconteceram vários campeonatos, festas, jogos e eleições neste tempo.

Em 1999, a mãe de Salomão faleceu e a viúva de Salomão, sempre desconfiada do que a sogra havia dito sobre o incêndio que acabou com os documentos da associação, foi procurar os documentos.

Para sua surpresa encontro-os dentro de um armário e logo ela chamou Juracy Machado Ferreira. Foram ao cartório e tiveram a idéia de fazer uma fusão entre a SSRS com a ASPOA para criarem a Associação de Surdos de Porto Alegre, pois todo o trabalho feito por Salomão precisava ser reconhecido.

Convocaram uma assembléia geral e a maioria dos surdos aceitou a proposta. Então foi fundada a ASPOA. Depois de um ano, os surdos descobriram que a fusão havia deixado de lado toda a história de 1955 da (ASMRS) e não aceitaram, pois o antigo advogado não havia explicado bem aos surdos. Foram ao cartório, junto com um outro advogado e conseguiram retornar ao nome antigo de SSRS. Logo houve uma assembléia geral e foi explicado aos surdos todo o ocorrido e todos aceitaram e concordaram para que voltasse a ser chamada de SSRS.

2.3.1 Conversa com R.

O encontro foi marcado, anteriormente na casa de R. mas logo ela comunicou-me que não estaria em casa e que a entrevista poderia ser feita na nova casa de uma amiga em comum. No início conversamos, colocamos as novidades em dia e tomamos um chimarrão. Uma surda preparou a filmadora para utilizá-la na conversa. A surda manteve-se tranqüila durante as filmagens.

Iniciei a conversa com perguntas simples e tudo transcorreu com naturalidade. Mostrei algumas fotos onde o marido da surda aparecia (ele já é falecido) e perguntei-lhe por que em algumas fotos ela não estava. Ela respondeu que era uma pessoa muito ocupada e, que precisava cuidar dos filhos. Olhando as fotos ela percebeu que muitos surdos, como o marido dela, já haviam falecido e outros estão doentes.

A surda em questão, é uma pessoa maravilhosa, aberta que respondeu a tudo que eu perguntei. A conversa durou aproximadamente duas horas. Eu queria sempre perguntar mais e ela aceitava com tranqüilidade a minha ansiedade de saber mais. Essa conversa foi uma experiência interessante para conhecer a nossa história.

Outro dia fui visitar novamente a casa de uma amiga para encontrar novamente a surda com a qual conversei anteriormente e outro casal de surdos que cresceram juntos. Fiquei fascinada com eles. O casal surdo trouxe tantas fotos da primeira escola da professora Louise Schmidt e conversamos com naturalidade. O casal contou a longa história da escola, eles têm uma lembrança clara de tudo que aconteceu. Depois, a dona da casa chamou-nos para tomar um chá com salgados e doces. Eu estava muito ansiosa para perguntar mais. Retomamos a conversa. Eu pedi se eles poderiam emprestar algumas fotos para fazer cópias, prontamente eles

aceitaram e eu fiquei muito feliz. Foi muito prazerosa nossa conversa.

Outro dia, fui na casa da primeira surda com quem conversei e ela apresentou-me os lugares: quartos, banheiro, cozinha, pátio, sala e até dois cachorros e porta-retratos. Ela me mostrou o fundo da casa, que os surdos freqüentavam como uma sala emprestada, eu admirei e me emocionei. Imagino eu estar na época dela? É uma curiosidade. Ela mostrou-me que ela fez um diário e escreveu as datas de falecimentos de seus familiares. Eu fiquei impressionada, por exemplo, ela escreveu no dia 13 de maio: falecimento da mãe dela exatamente no dia das mães, inclusive o pai dela faleceu em fevereiro durante o Carnaval. Coincidências da nossa vida que eu fiquei muito admirada.

Fomos sentar na sala para ver álbum de fotos e contar histórias passadas, escolhi algumas fotos para fazer xerox.

Eu me senti muito gratificada em conhecer as histórias que R. me contou, parece que voltei ao passado.

2.4 A História da FENEIS/RS



INAGURAÇÃO DE FENEIS - Inauguração da sala funcionaria a sede da FENEIS. Foto do acervo da FENEIS. Ano: 1987

Quando o ex-presidente Antonio Campos de Abreu, da FENEIS (atual vice-presidente) convocou nossa pequena comissão, houve várias reuniões nos diferentes lugares até a fundação da FENEIS, isto ocorreu no ano de 1987. Carlos Alberto Góes foi escolhido para ser primeiro diretor da FENEIS-RS, e Lodenir Karnopp como segunda diretora. A FENEIS foi peça fundamental no processo de crescimento da política surda. Não existem dúvidas que os surdos têm voz e já conseguiram abrir várias portas, antes fechadas para eles.

A FENEIS iniciou seus trabalhos numa sala provisória dentro da Escola Especial Concórdia, esta sala era muito pequena, pouco confortável. O refeitório da escola era mais freqüentado, quase todos os sábados pela tarde, fazíamos reuniões. Mais tarde foi alugado um escritório. A FENEIS mudou-se e foi feita a contratação do primeiro funcionário, uma secretária, depois vieram outros.

Os representantes de FENEIS faziam várias palestras, sempre no intuito de mobilizar o movimento surdo pela reivindicação por língua de sinais, educação, intérpretes, pulverizando informações relativas ao movimento. Mais tarde foi organizada uma passeata que foi fundamental na história, os surdos queriam a oficialização de LIBRAS em nível municipal, foram feitos muitos contatos com políticos até a oficialização da LIBRAS. Os surdos lutavam para a criação do cargo de instrutores de LIBRAS. Do Rio de Janeiro, veio instrutor para fazer treinamento e certificação dos instrutores daqui. Conseqüentemente, aconteceu o crescimento dos cursos de LIBRAS.

Mais tarde a FENEIS ofereceu várias oficinas nas diversas áreas: direitos humanos, cultura surda, saúde, tecnologia surda e outros cursos. Isso foi fundamental e gerou muitas discussões representadas por surdos e ouvintes.

Dessas discussões resultou o curso de intérpretes de LIBRAS, com a parceira UFRGS/FENEIS, foram certificados os primeiros intérpretes, já que os surdos necessitavam desses profissionais. A articulação e o movimento da Política surda cresceu muito, as sementes foram plantadas e já resultaram em flores.

Outro grupo de surdos conseguiu implementar o curso gratuito do FAT (Fundação Amparo aos Trabalhadores), certificaram-se instrutores, intérpretes, dentre outros cursos oferecidos.

No ano 2000, a FENEIS organizou o II Encontro de Direitos Humanos na Assembléia Legislativa, foi uma discussão que resultou em idéias novas. Em 2001 aconteceu o Encontro Estadual de Língua de Sinais, no qual a diretora da FENEIS foi palestrante. Foi fundamental, sobretudo sobre a regulamentação da Língua de Sinais, muitas discussões e críticas.

O “Seminário Nacional-Surdos: um olhar sobre as práticas de Educação” aconteceu nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 2001 na Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, foi uma realização da Prefeitura Municipal, promovido pela Secretaria Municipal de Educação. O Seminário contou com o serviço de intérprete somente na abertura. Contudo alguns ouvintes se pronunciaram, que não concordavam com isso. Mas essa posição é ouvintismo²³, os surdos não querem que os ouvintes dominem com idéias próprias, como ideologia ouvinte. Os surdos já estão cansados, querem mudanças, querem um novo caminho aberto por eles próprios.

A realização de um Seminário na cidade de Caxias com vistas a pensar

²³ Termo utilizado por Skliar "trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte" (1998, p.15).

práticas educacionais que professores/educadores surdos utilizam, evidenciou muitas questões sobre esta prática da diferença na educação dos surdos. Este foi o início da luta do surdo pelo direito de usar sua língua e serem organizadores de eventos para discutir a surdez. Um longo currículo foi elaborado pelos surdos para elucidar esta pedagogia da diferença surda. Notamos que há urgência em fazer mudanças. Como diz Skliar (2002) “não se pode determinar o outro, ele é o outro”.

Em 2002, a FENEIS organizou o “1º Seminário para Discussão de Políticas Públicas para os Surdos”, nos dias 29 e 30 de novembro, no Porto Alegre City Hotel na cidade de Porto Alegre, tendo sido financiado pela FADERS. Foi um espaço de interação entre órgãos públicos e comunidade surda, onde políticos e líderes surdos tiveram a chance de mostrar e discutir o que estavam pensando, uma reflexão de grande valor, principalmente para aqueles que não estão inseridos no movimento surdo. É uma maneira de provocar aquelas pessoas que ainda não estão conscientes das mudanças que o povo surdo tanto anseia.

A FENEIS continua a luta para a regulamentação da Língua Brasileira de Sinais, em níveis municipal, estadual e federal. Não podemos parar, precisamos continuar a progredir infinitamente.

As Escolas de surdos no Rio Grande do Sul divulgam constantemente a história de surdos, movimento surdo, cultura surda e informações de surdos se apóiam basicamente nas identidades surdas. Imaginem se não existisse a FENEIS, certamente os ouvintes dominariam a comunidade surda como na época da história de Milão foi uma tragédia. Também ex-Federação Nacional de Integração de Deficiente Auditiva (FENEIDA) tinha na sua diretoria, ouvintes e os surdos nem participavam, não davam sugestões, agora é bem diferente, os tempos são outros.

No final abril de 2003, aconteceu a Tribuna Popular, na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, os representantes surdos de FENEIS, cobraram a aprovação sobre a regulamentação da Língua Brasileira de Sinais, cargos de professores de Língua de Sinais e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, este evento contou com a presença maciça dos surdos de quase todas as escolas de POA/RS e Grande Porto Alegre foi um espetáculo quase nunca visto, antes nunca houve uma participação desse tipo, agora já estamos conseguindo derrubar as barreiras. A maior parte das pessoas ouvintes chamam os surdos sempre de “instrutores”, termo pejorativo, parece um subalterno, precisamos mudar esta palavra para professor de Língua de sinais, pois a maioria dos surdos estão na universidade e a LIBRAS é a língua própria dos surdos.

Desse modo, a diretoria de FENEIS quer a regulamentação do cargo “professor”, para isso os surdos vão necessitar ingressar na faculdade e posteriormente farão concursos públicos para ocupar o cargo.

Lançando um olhar para a educação de surdos, observamos que já desenvolveu bastante, a maioria dos surdos que têm influência, articulação política, estão derrotando o oralismo. Foi no Rio Grande do Sul, a primeira escola que implementou segundo Grau, atual ensino médio. Os surdos estão tendo acesso a universidade, entretanto há um déficit em relação aos intérpretes de LIBRAS.

Atualmente, quatro surdos estudam no Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, três no doutorado e outra no mestrado. São facultados a estes os intérpretes de LIBRAS, devido a oficialização da LIBRAS em nível Federal. Uma surda já obteve o título de doutora em 2003.

Hoje, no Pós-Graduação da UFRGS/NUPPES (Núcleo de Pesquisas Políticas

Educacionais para Surdos) conta com um grupo de discussão sobre “Pedagogia da Diferença”²⁴. De certo modo, pedagogia significa diferença: educar significa introduzir a diferença. E a nova pedagogia visa introduzir a diferença surda, isto é utilizar mecanismos em que o outro surdo passa a produzir ele mesmo.



PASSEATA - Passeata de 1999, durante o Pré-Congresso ao V. Congresso de Educação Bilíngüe para surdos em Porto Alegre-RS. Durante a mesma os surdos entregaram ao governo o documento. "Que educação nós surdos queremos?" Esse momento foi fundamental. Foto do acervo da pesquisadora.

²⁴ A pedagogia da diferença a que me refiro presta atenção à teorização cultural sobre identidade e diferença como processos de produção social. Em relação ao surdo coloca-o como normal, como diferente e valoriza o aspecto cultural e lingüístico. No que enfatizo o diferente aqui se refere a pedagogia para surdos.

CAPÍTULO 3 - LENDO FOTOGRAFIAS

O presente capítulo, sem dúvida, foi um dos mais difíceis de ser construído nesta proposta de mestrado. Pretendo aqui colocar a minha proposta de pesquisa no mestrado. O leitor encontrará nele não só referências sobre a história da fotografia, como também algumas tentativas da construção teórica e metodológica de analisá-la. Olhar para registros fotográficos é uma experiência que coloca quem o faz em busca de sentidos e significados para as imagens e de compreensão sobre como essa tecnologia, tão amplamente difundida e em constante mudança em nossos tempos, chegou a ocupar o espaço de uma pedagogia cultural contemporânea.

A fotografia é uma das possibilidades de apresentarmos diferentes maneiras de olhar para o mundo. Ela é um momento de seleção que se materializa uma visão sobre as coisas, colocando na imagem não só o enquadramento escolhido, porém toda a cultura, os valores e os sentimentos.

A fotografia vem sendo utilizada por muitos campos do saber, como o da história, o da antropologia e o da literatura, entre outros: porém ainda é muito pouco utilizada como instrumento de pesquisa no campo da educação. Ela é amplamente divulgada como instrumento de registros que vão do uso profissional e de domínio de um saber técnico sobre como fotografar, que cena escolher, que posição ficar no

momento de registro, qual o melhor ângulo, que cores escolher, etc.. até o uso "amador" por aqueles que possuem a intenção de registrar momentos de convivência na família, no local de trabalho, nas escolas, entre outros lugares que poderiam ser elencados.

A acessibilidade financeira para se adquirir uma máquina fotográfica e a facilidade que a tecnologia nos traz para fazermos nossos registros tem feito da fotografia algo presente e amplamente divulgado em todos os grupos sociais.

Quando olhamos para o texto fotográfico, somos interpelados por diferentes informações que ganham significados de acordo com o lugar que ocupamos para olhá-las. O contexto e o momento histórico de quem observa a fotografia, a finalidade, o objetivo e o local em que a imagem surge são elementos importantes para quem pesquisa esse artefato como uma pedagogia cultural. Olhar e analisar fotos jornalísticas são diferentes de analisar fotos artísticas, o que, por sua vez, é diferente de olhar fotos que se destinam ao registro de situações que trazem cenas cotidianas ou, como são chamadas, "instantâneos anônimos"²⁵. Também, analisar instantâneos de famílias, de cenas escolares, entre outras feitas por profissionais, é diferente de olhar e analisar fotos feitas por anônimos ou amadores, movidos pelo interesse de registrar momentos e pessoas que considerem significativos e que querem ver materializados para reviver, em outros momentos futuros, os sentimentos que a autora experienciou.

3.1 Política:

²⁵ Instantâneos anônimos é o nome dado para um tipo de registro que traz momentos particulares, sem contar com o conhecimento do profissional que sabe escolher o melhor ângulo e a melhor posição de quem é fotografado, que trabalha com o jogo de luzes e cores ou que documenta acontecimentos históricos. Nesse tipo de fotografia, a pessoa que ocupa o lugar do fotógrafo registra momentos para que eles possam servir de recordações. São aquelas fotos registradas por amadores, que geralmente compõem álbuns de família ou de escolas com a finalidade de materializar um acontecimento significativo em suas relações.

3.1.1- FOTO Nº 1 – ENCONTRO COM O PADRE SURDO EM 1959



Foto nº1 – encontro com o padre - 1959

1. DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO:

A foto número um tem pouca nitidez o que dificulta perceber as feições das pessoas. A maioria das pessoas usam roupas claras. O único que usa roupa escura é o padre que está sentado no meio. Ao lado direito está de dois homens. Ao lado dos homens estão sentadas as mulheres. O resto do grupo está em pé. Somente dois homens usam paletó e gravata. O restante usa roupas leves.

Os homens sentados estão apoiados na mesa. Abaixo da mesa está o tapete estampado.

Somente uma mulher está sorrindo e os outros estão todos sérios. O cabelo dos homens são todos curtos e das mulheres não se percebe se são curtos ou estão presos. Somente dois homens usam bigodes finos. Esta foto foi tirada na casa de um surdo, que reuniu um grupo também de surdos para um conversa informal com um padre surdo. A troca de informações foi importante para o fortalecimento da política surda, já que o padre tinha ajudado e apoiado a fundação de varias associações de surdos. O momento foi registrado por um surdo participante da reunião e faz parte do acervo da SSRS e data de 1959.

2. MÚLTIPLO OLHAR

Casado, 65 anos sócio da SSRS.

3.NARRATIVAS COLHIDAS

Esta era a casa do surdo que foi presidente da associação de Surdos e Mudos do Rio Grande do Sul e sua esposa. Nesse dia ele convidou um padre que morava na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais. Esse Padre era surdo. Os surdos de Porto Alegre ficaram admirados que ele era padre e surdo, pois na época era o único padre surdo do Brasil. O objetivo do encontro era trocar experiências, pois o padre auxiliava as comunidades a formar suas associações, já que ele tinha sido presidente da Associação de Alvorada do Rio Grande do Sul.

O ex presidente pediu orientação de como conseguir ajuda governamental para adquirir o terreno e apoio para o futuro. Já me contaram que este padre continua vivo e usa cadeira de rodas. Esta muito velho e alguns surdos já encontraram com ele novamente.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

Penso que foi muito importante para os próprios surdos a vinda deste padre, pois mostrava a capacidade desse povo. A perseverança é uma marca do surdo, como o padre mostra em sua vida. Logo após sua formatura esperou três anos para ordenar-se padre e assim mostrar sua capacidade em exercer o sacerdócio. E até hoje o padre é modelo para a comunidade surda, pois no ano de 1951 não havia nenhum padre surdo. Os próprios irmãos (quatro deles surdos e três ouvintes) não acreditavam na possibilidade de existir um padre surdo. O ex-presidente da SSRS tinha como objetivo, além da coleta de informações, provar para os próprios surdos sua capacidade. O padre serviu como modelo de identidade surda. Para os outros

membros da comunidade, ele é um fator de identificação. Sobre a importância da identidade surda temos, segundo Perlin (1998,p 53,54):

“ a identidade surda sempre está em proximidade, em situação de necessidade com o outro igual. O sujeito surdo nas múltiplas identidades sempre está em situação de necessidade diante da identidade surda.(...) O encontro surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como abrir do baú que guarda os adornos que faltam ao personagem”

Por outro lado, as políticas envolvendo diferentes setores da sociedade como: trabalhadores rurais, classe operária, Surdos e outros... estavam em franca expansão na década de 50. Antes mesmo que existisse uma legislação que legitimasse essas políticas, os grupos já se organizavam em busca de seus direitos. Nessa década a igreja católica apóia os excluídos agindo para organizá-los e orienta-los, pois começa a preocupação da igreja em relação as questões sociais e o medo de que as pessoas não acreditassem mais em Deus. Também havia além do aspecto religioso o aspecto político. Não poderia haver uma política sem que houvesse uma mobilização de seus participantes. De acordo com Bastos, p. 91: “A mobilização assumia a função de desenvolver uma nova consciência social”. Essa mobilização, no caso dos surdos, começou a florescer nas casas de seus líderes onde a principal preocupação era a luta pelos seus direitos.

Segundo Boschi (1987 p.23): “as novas associações vinculadas a política sociais se caracterizavam pela autonomia, porém para que esta existisse era preciso que houvesse uma articulação entre política, produção e sociedade”.

3.1.2 FOTO NÚMERO 2 – ENCONTRO COM O GOVERNADOR JAIR SOARES EM 1983



Foto nº2 – governador Jair Soares - 1983

1.DESCRICÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

A articulação da política no ano de 1983, onde os surdos foram em busca de ajuda para a reconstrução local onde havia a colônia de férias. Um surdo participante da reunião tirou a foto como registro da audiência com o governador. O grupo é formado essencialmente por homens, onde a única mulher que, aparece na foto tem a função de intérprete. É voluntária.

Todos os surdos da foto fazem parte da associação e são apoiados pelo presidente do LIONS, o qual é o mediador com a ajuda da intérprete, para a busca de verba. Esta foto faz parte do acervo da SSRS.

2.MÚLTIPLO OLHAR

Homem, casado, dois filhos, 46 anos, participante de membro da Sociedade de surdos do Rio Grande do Sul.

3.NARRATIVA COLHIDA

Aconteceu que, por causa de um temporal, a Colônia de Férias dos Surdos desabou e o telhado foi levado pelo vento. Não havia dinheiro para pagar a

reconstrução.

O presidente da SSRS tirou as fotos do local. A diretoria resolveu contatar o presidente do LIONS pedindo ajuda. Esse fez contato com o então governador Jair Soares.

Marcaram uma reunião no palácio, em uma manhã, junto com a intérprete. Não tinha intérprete oficial, mas a esposa ouvinte de um surdo apoiou muita a comunidade surda atuando como intérprete. Ela não recebia pagamento, apenas a passagem e alimentação. A Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul não tinha como pagar intérpretes foi duro, agora é bem diferente já pode pagar os intérpretes. Jair Soares logo aceitou ajudar e fez contato com o prefeito de Capão da Canoa, sobre verbas, pedindo para os surdos retornarem à tarde. Depois do almoço o prefeito de Capão da Canoa veio ao palácio também e conversou pessoalmente com os surdos e Jair Soares, entrando em acordo. Alguns meses depois a Colônia de Férias já estava reconstruída e se fez reinauguração da “nova” colônia.

Além disso, Jair Soares ofereceu verbas para viagens de ônibus, para o Uruguai e Rio de Janeiro, por causa dos encontros esportivos de surdos.

O apoio de Jair Soares foi fundamental naquele momento. Estas fotos foram feitas por um surdo que tinha como responsabilidade documentar o momento.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

Nas duas fotos não há nenhum indício de uso de língua de sinais, não ser o gesto já explicado acima. Percebo que o grupo conseguiu o que solicitou através do gesto positivo feito. Não se percebe que é uma reunião entre surdos e ouvintes, pois não há presentes do uso da língua de sinais e não se sabe quem é a interprete.

A foto mostra a ansiedade do grupo na espera de uma resposta ou não de uma informação que foram buscar. O envolvimento do surdo no meio político mostra o desenvolvimento das políticas surdas concretizado. A busca de apoio político para a concretização de um ideal, ou seja, a utilização de instrumentos para conseguir suas metas:

Conforme Boschi (1996,p.37) “as políticas sociais tornam-se crescentemente os instrumentos para atingir metas políticas inalcançáveis pelos canais saturados, desacreditados do Estado”

O ideal expresso num projeto logo como uma política cultural. Segundo Escosteguy (2000,p.137) os “estudos culturais servem para constituir um projeto político, podendo ser identificados como a política cultural das várias políticas sociais” .

3.1.3 FOTO NÚMERO 3 - 1º ENCONTRO DE DIREITOS HUMANOS NA SSRS EM 1998



Foto nº 3 -Participantes do 1º encontro de direitos humanos- 1998

1.DESCRICÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

Esta foto marca um momento muito importante, onde diferentes líderes surdos e ouvintes se encontram para lutarem por um só objetivo: a comunidade surda. Estão presentes o presidente da FENEIS, o representante regional da FENEIS do Rio Grande do Sul, um vereador, doutorandos, mestrandos surdos e ouvintes.

A foto foi tirada na Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul no ano de 1998. Embora o momento seja formal a foto mostra as pessoas vestindo roupas informais

A inserção dos surdos na vida política, momento importante da política surda. O ingresso do surdo em assuntos como direitos humanos. A aprendizagem de como lutar pelos seus direitos e o encontro de duas culturas diferentes.

2.MÚLTIPLOS OLHARES

Homem, Solteiro, 30 anos, curso superior completo. Funcionário público, ex-membro da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos-FENEIS(A)

Mulher, Solteira, 55 anos, curso superior(B)

3. NARRATIVAS COLHIDAS

Depoimento A: Olhei na foto, lembrei que ocorreram vários grupos durante Direitos Humanos, mas nunca esqueço aquele vereador que foi um grande apoio na nossa comunidade surda. Conheci ele desde mais ou menos 1992, mas nunca tinha contato com ele. Em 1995 ou 1996, quando o professor ouvinte de Concórdia era

amigo de vereador, até me apresentou e acabei de contatar com ele. Também junto com o líder surdo de comunidade surda e outro colega surdo para batalhar as propostas de legenda. Estávamos na Câmara de Vereadores. O Vereador observou a nossa discussão. Alguns sugerem depoimentos. O colega surdo trouxe a fita com legenda, vinda da Europa, que mostrou a legenda e com interprete para o vereador. Ele admirou e interessou na TV.

O Vereador me perguntou que qual é a melhor opção de legenda ou interprete? Eu respondi que não tinha certeza, mas respondi ter duas opções. Tanto o colega como o líder surdo responderam que o melhor era a legenda. Mas eu respondi: por exemplo, Jornal ao vivo serve0 interprete e outros filmes e novela servirão legendas. O vereador anotou a escrita. Tínhamos marcando a agenda outro dia ele foi para a Concórdia e conheceu a escola e ficou admirado e nunca viu tantos surdos, inclusive os surdos nem conhecem o vereador. Ele foi cumprimentar a diretora de Concórdia. Eu palestrei as informações de proposta de legendas no Auditório no mesmo local Concórdia. O vereador estava comigo, pois era época, eu era presidente de grêmio estudantil, pois era responsável na organização. O professor ouvinte e líder surdo iniciam brigando. Mas eu e outro colega surdo continuamos providenciados.

Um dia, o líder surdo me chamou a ir reunião na TVE. Fomos reunir com a diretoria de TVE, disse que precisa ter intérprete mesmo, eu respondi sim. Fomos de acordo. Chamamos três intérpretes, mas não recebem salário e apenas pagam bolso para abastecer carro foi o início, A TVE ofereceu pouco salário para intérpretes não foi fixando, pois a TVE quer propaganda na Comunidade surda.

Lembrei que já apareceu na TV com enterites. O Vereador tinha vontade apoiar a criação de legenda e se conseguir verbas, porém falta da lei e documentos.

O interprete já enviou a carta ofício para a FENEIS-RJ. Quando um surdo que morava no Rio de Janeiro mudou para cá e começou a trabalhar como diretor-regional SUL da FENEIS-RS conheceu o vereador e se uniram.

Quanto o colega surdo sumiu. Também o líder surdo sumiu. Eu, representante e professor ouvinte continuamos batalhar pela nossa comunidade. O diretor-regional da FENEIS/RS me agradeceu e o vereador entrou apoiando a FENEIS.

Recolhei essa foto que o vereador estava no Encontro de Direitos Humanos. Ele tem grande coração e ajudou muito e preocupou-se com os direitos humanos para surdos e ajudou com algumas verbas e deu material de papel.

Lembrei que ele dá opinião para realizar um encontro de direitos humanos. O local foi na SSRS. Eu e outros aceitamos sua sugestão. Foram formadas comissões da FENEIS responsáveis pela divulgação na comunidade surda e foi muita gente. Os vice-presidente e presidente da FENEIS foram participar as palestrantes e outros interpretes também estavam presentes. Nunca esqueci que eu estava no Encontro como status, arrepio cada vez que vejo aquele Encontro, pois na época não tinha discussões sobre Direitos Humanos comentam na hora e teve muitas críticas na escola grupo de educação, intérpretes e outros. Eu acredito que cada grupo vai encaminhar foco específico. Eu percebi que o vereador tinha resistência na comunidade surda e foi um desafio. O vereador acabou a conhecer os presidente e vice-presidente da FENEIS.

Nunca esqueço que foi o momento de vereador. Ocorreu a passeata de oficialização de LIBRAS² municipal. Ele estava presente e apoiou na passeata. Escola Concórdia fez cartazes de passeata e também outras escolas. O vereador

teve coragem a participar na comunidade surda. Fomos caminhar passeata para encontrar o prefeito, eu não paro de imaginar, por sorte eu fiz contato com ele.

O vereador foi responsável de passeata e explicou esclarecida a proposta de oficialização de LIBRAS para o prefeito. Eu estava tirando as fotos que nós participamos. O prefeito prometeu que ajuda a lei e nós continuamos batalha a falta de regulamentação. Depois de anos, finalmente conseguimos a oficialização de LIBRAS municipal. Eu não esqueço que o vereador foi prioridade para nós e foi criar semente a política para surdos e salvou na comunidade surda.

Depois ele foi se afastando da comunidade surda devido saiu cargo vereador. Ele me explicou que não era fácil para colocar regulamentação e deve bem devagar como funciona caminho em frente. Ele mudou para o Rio de Janeiro e uma Senadora o chamou para trabalhar junto com ela. Alguns anos, após ele retornou aqui e atual ele é diretor ou chefe(?) de Hospital Conceição. Um dia conversamos que ele quer ser deputado federal. Vamos ver dar certo. Ele era maravilhosa pessoa e tem grande coração. Ele tinha muita paciência e carismático na comunidade surda era difícil, recusou a participar e tinha a nossa diferença cultura e sempre aceitou ajudar. Ele foi único vereador que tinha mais contato. Nem outros vereadores.

Vejo atual já desenvolve progredindo na educação de surdos ainda falta inserir mais lei. Em 1988 eu vindo de Rio para cá, cheguei aqui e era bem imaturo depois me cresci... Em 1990 eu descobri a minha preocupação, me achava mesmo difícil para lutar a comunidade surda depois conversei com meu professor de Concórdia sobre assuntos surdos. Depois para a Áustria no seminário internacional de surdos, aprendi muitas coisas e me faz desafio.

Lembro outra coisa: quando fui lá na Áustria e fiquei calado para observar

cada palestrante superior e fiquei meio assustado. Tinha com 21 anos em 1995. Eu era bem jovem, mas tinha grande resistência pra despertar. Faz-me lembrar bem encontrei um surdo de Dinamarca, é responsável de comissão de intérprete que tem grande experiência para dar profissional intérprete, quando eu o perguntei, acha melhor opinião que a TV deve colocar legenda e interprete? Mas ele respondeu importante ter legenda para ajudar a aprender a língua, mas possível inserir ao dois legenda e intérprete ao mesmo tempo. Eu compreendi sua opinião até eu vim para cá, por isso me cresci maduro.

Também eu não esqueço, a diretora da Concórdia tem bom coração e me incentivou sempre. Ela me confiou que eu era presidente de Estudantil-Grêmio e consegui receber patrocínio e ganhei bolas e camisas com futebol com patrocínio. Também fazemos propaganda os convites de carreteiro que eu convidei surdo que fez a comida e ganhamos lucro. A diretora de Concórdia me elogiou que era bem responsável organização de estudantil-grêmio. Eu consegui as coisas de valor. Por isso eu cresci a aprender desafio e me sinto satisfeito.

Depoimento B: Os deslocamentos que a política dos surdos no RS estava provocando não tinham outro caminho senão realizar a I Conferencia de Direitos Humanos de Surdos do RS. Naquele tempo as forças políticas que moviam outros grupos afetavam também a nós surdos exigindo que empunhássemos a publico nossas exigências em nível cultural. Foi o que fizemos. Trabalhamos com grupos e empossemos no papel nossos Direitos perante a sociedade. Trata-se de que estávamos trabalhando com grupos onde debatíamos as mais diferentes temáticas referentes a trabalho, educação, comunicação, transito, saúde. Foi o que fizemos. Terminada a Conferencia lá estava em documento nossas primeiras definições sobre nossos direitos. Este documento depois foi enviado para as organizações do

governo. Muitas atitudes foram tomadas para reverter política governamental a respeito dos surdos depois da realização de nossa I Conferencia. Mais tarde, acho, dois anos depois, teve a II Conferencia e este primeiro documento foi ampliado. Esta Conferencia foi exclusivamente organizada por surdos e os ouvintes presentes estavam orientados a assistir, a transcrever para o papel em português os debates e definições dos surdos, interferindo somente o necessário uma vez que o pensamento surdo precisava prevalecer.

4.ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

A foto número 3 mostra um momento onde o modelo ouvinte é um modelo positivo, onde a sugestão de lugar, assunto foi definida pelo ouvinte, embora o tema fosse direcionado a comunidade surda. Foi uma aprendizagem onde o comum (ouvinte) integrou-se ao incomum (surdo) sem distinção.

De acordo com Wrigley:

As fotos também definem o que é comum e incomum. Ao fazê-lo, o comum também domina o incomum, compreensões irônicas das políticas das identidades são melhor ilustradas. Em particular, os usos do inaceitável, seja do corpo ou imagem, para reproduzir e reforçar categorias naturalizadas servem para clarear tanto aquelas identidades que são admissíveis quanto os interesses que são aceitos.(1996,p.21)

Direitos humanos tem evoluído com uma certa velocidade causando alterações ao ordenamento jurídico brasileiro.

De acordo com Neto (2002,p.18): “Cada vez mais o homem fala em proteção aos excluídos. Trançando-lhes normas de proteção.(...) Mas os “normais”, as classes dominantes continuam-lhes a virar as costas, a esquecer as normas, ou a interpretá-las como querem”.

3.1.4 . FOTO Nº 4: COMISSÃO DO PRÉ-CONGRESSO EM 1999



foto nº4 – comissão organizadora- 1999

1.DESCRICÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

Esta foto mostra um marco importante para comunidade surda. Foi Tirada no pré-congresso bilíngüe da América. Nestes momentos profissionais surdos evoluídos na Política surda reuniram se para discutir o “surdo”. Após estas discussões foram apresentadas no Congresso.

A foto foi tirada na entrada do local do evento UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre-RS no ano de 1999.

Este momento foi registrado por um fotógrafo profissional contratado para fotografar todo o evento.

O grupo é formado por pessoas surdas. Cada um era responsável por uma função específica. Pode-se perceber que as expressões são diferentes: alguns

sorridentes e outros sérios. Suas idades são variadas e há mais mulheres do que homens. Todos estão identificados com crachá oficial do evento. Suas roupas mostram a informalidade do momento: moletom e jeans, com casacos apropriados para a estação: inverno.

Diferente de outras fotos, esta já demonstra a participação ativa das mulheres em eventos da comunidade.

2.MÚLTIPLO OLHAR

Homem, 26 anos, ensino superior incompleto, participante da comunidade surda.

3.NARRATIVAS COLHIDAS

Eu já trabalhei na comissão e quase morri de cansaço. Você sabe, também já experimentou. Também ela experimentou. Tinha mais ou menos dois mil pessoas no congresso, era muito movimento. Eu era responsável pela comissão de vendas de livros. Começava a trabalhar às 7 horas da manhã até as 22 horas da noite. As outras comissões podiam fechar em alguns momentos, como a que era responsável pelas inscrições. Assim que terminou a procura podiam fechar, mas a banca de livros não. Permanecia todo tempo aberta. Houve um pré-congresso para os surdos durante um dia e meio e um outro aberto para o público em geral que durou dois dias totalizando quatro dias.

Ocorreu que um surdo de Santa Catarina trouxe cartazes para vender, mas não tinha lugar. Comigo o lugar onde deveria ficar acabou sendo usado por outras pessoas e resolvi mudar de lugar para acomodar todos os materiais. Foi cansativo e não me sentia bem. Um casal de surdos e um outro surdo me ajudaram. Inclusive

um ficou me ajudando nas vendas. Infelizmente não pude assistir às palestras, pois sempre havia movimento nas vendas. Quando acalmava pedia para alguém ficar no meu lugar e dava uma olhada rápida. Pensava que seria outra organização. As pessoas entrariam no seminário e podia fechar a banca e assistir as palestras, mas as pessoas não se interessavam pelo assunto, saíam e iam visitar as bancas, principalmente a dos livros. Felizmente aprendi várias línguas de sinais de outros países do continente americano, e assim eu ajudava quando surgia alguma dúvida. Algumas pessoas não conheciam o plano real, eu ajudei explicando como funciona. Poderia ter enganado as pessoas, mas não o fiz.

Teve também uma passeata, nessa eu participei, pois consegui estar livre. A passeata era pela oficialização da LIBRAS. Foi, na minha opinião, uma grande união, onde mostramos que somos brasileiros. Muitos surdos só assistiam. Estes foram convidados a participar. Aceitaram. Fomos até a frente do palácio do governo. Encontramos o então governador do estado: Olívio Dutra. Uma comissão (eu estava nela) entrou no palácio e encontramos o governador e entregamos a proposta da oficialização da LIBRAS. Aconteceu algo engraçado: alguém deu a camiseta com escrita surda. Olívio vestiu a camiseta, mas ficou apertada, pois este vestiu acima do terno. Alguns surdos tentaram ajudar o governador. Também demos uma luva branca e ele usou. Fomos para a sacada. Muitos surdos estavam na rua. Olívio admirou os surdos que também ficaram admirados. Foi muito legal.

Depois do encerramento do seminário, eu estava exausto. Entreguei todo o dinheiro para o responsável da FENEIS, mas teve problema. Nós nunca havíamos feito um balanço. Finalmente depois de muito trabalho conseguimos acertar as contas. A FENEIS cobrou uma percentagem do NUPPES. A percentagem já estava combinada anteriormente.

Olhei esta foto e lembro que não conhecia a maior parte dos surdos. Quando estes me cumprimentavam eu fingia que os conhecia. Lembrei que aconteceu uma situação embaraçosa. Um surdo que eu conhecia, me perguntou se eu não o conhecia, sorte que ele percebeu que eu estava muito ocupado.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

As comunidades se mobilizam para reivindicarem seus direitos e a melhoria da qualidade de vida: estudo, trabalho. A Política surda mobiliza-se para que tenha a oficialização de sua língua, sendo assim reconhecido um direito à utilização da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, e que os interpretem enfim como uma comunidade lingüística.

A pressão é realizada de diferentes formas: congressos, passeatas, audiências e divulgação.

Segundo, Bastos (1983p. 91): “A mobilização assume a função de desenvolver uma nova consciência social (...) a identificação dos interesses corresponde uma nova organização de expressão dos mesmos a utilização de instrumentos efetivos de pressão e luta”.

A foto demonstra um sentimento de união, uma igualdade de identidade, uma participação de grupo. A maioria dos participantes da foto transmite um bem-estar, um tempo pertencente a eles mesmos. Demonstrem orgulho por estarem usando um crachá, um status. Há maior afetividade por parte dos mais jovens. Os mais idosos estão simplesmente “posando”. Não há diferenciação de trabalho, são todos iguais.

Nesta foto está claramente especificada a luta na construção de uma identidade não só cultural, mas ao mesmo tempo social. De acordo com Silva(apud

Perlin,1998:p.53) “ A cultural ou social é o conjunto dessas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos:aquilo que eles são, entretanto é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos.”

Enfim, as identidades surdas estão sempre presentes, evidentes ou não em contato com os ouvintes ou surdos.

3.1.5 FOTO Nº 5 PRÉ-CONGRESSO – 1999



foto nº 5 – participantes do pré-congresso - 1999

1. DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

Neste momento o Rio Grande do Sul luta por uma educação com mais qualidade. Pela primeira vez o povo surdo Porto-alegrense uniu-se formando um grupo lutando pelos seus direitos.Essa foto mostra o grupo de responsáveis e alguns palestrantes surdos.A foto foi tirada por algum participante do congresso, surdo ou ouvinte.

2.MÚLTIPLO OLHAR

Solteira, ensino superior completo, participante de membro da Federação Nacional de Educação de Integração de surdos – FENEIS

3. NARRATIVAS COLHIDAS

O Congresso de Bilingüismo de 99, que saudade! Este foi um momento como uma cicatriz onde dentro dele se vê aventura, sofrimento, pedidos de ajuda, se aprendeu muito aqui. Aprendeu-se a conversar, em língua de sinais, com novas pessoas, perguntando-se qual era o problema que precisava ser resolvido naquele momento. Depois de acabado, senti falta de uma saudade... Foi uma trabalhadora, mas ficou a saudade. Teve coisas ruins e coisas boas. As ruins é que não consegui ver todas as palestras, sofri ofensas de algumas pessoas, algumas comissões não tiveram responsabilidades, fiquei sentida. É Normal.

De bom o encontro com várias pessoas. Conseguiu-se a união entre as autoridades surdas e ouvintes para saber como trabalhar em seus setores.

Aqui foi um incentivo à educação de surdos, estávamos preocupados com o bilingüismo naquele tempo, agora menos. Vieram convidados dos Estados Unidos, Europa: da Espanha. Dois surdos da Espanha tinham como assunto: Como é o movimento surdo dentro das federações. Outro homem sobre como é o movimento pela informação, uma outra mulher sobre como é o trabalho com crianças surdas dentro da escola, que precisa estimular a língua de sinais, foi muito bom, mas eu vi bem rápido. Também vieram surdos da Inglaterra, Venezuela, mas não

conversamos. O surdo da Venezuela é líder surdo em seu país. Também é importante que o MEC estava representado. Foi a primeira vez que encontrei com a representante do MEC. Entregamos a ela a proposta do que nós queremos para a educação de surdos em 147 artigos, o MEC selecionou alguns itens e conseguimos os multiplicadores surdos, eliminou-se a seriação em dois anos, aumentou-se o número de intérpretes. O MEC selecionou-se algumas coisa, conseguimos a Central telefônica para surdos, específicos de educação não conseguimos, pois estavam misturados com outros temas: família, tecnologia, direitos, leis do trabalho, concursos, englobando tudo o que o surdo quer, conseguiram-se alguns. No último dia teve uma passeata onde entregamos um documento pedindo a urgente oficialização da LIBRAS no palácio do Governo do Estado, era o Governador Olívio Dutra em 1999 e a oficialização se deu em 31 de dezembro.

Começou-se a acreditar que o surdo era capaz, a representante do MEC começou a acreditar, a partir do Congresso do Bilingüismo.

Antes não era assim, depois deste congresso é que começou a desenvolver uma política mais profunda em relação a surdez. Também a representante do MEC percebeu o surdo dentro das Universidades, tu estavas, o presidente da FENEIS, surdos e ouvintes pertencentes ao NUPPES que estavam se formando nos mestrados e doutorados.

Muitas pessoas foram, aproximadamente 1270 surdos, uns 200, ouvintes. Os surdos começaram a abrir seus horizontes. Vieram pessoas de todo o Brasil, líderes surdos.

Surdos dos Estados Unidos, os surdos se admiraram de outro surdo contador de piadas, á noite teve um grupo de teatro da Suécia, muito bonito, eu não estava

acostumada ao teatro profissional confundia “ eram surdos,eram ouvintes? Eu nunca tinha visto um surdo como profissional de teatro, ficávamos nos cutucando “ É surdo? É ouvinte” respondiam “ É surdo mesmo!”. No início ficamos pasmados, mas depois ficou normal. Nunca tinha visto surdo profissional, só de folclore. Piadistas, só simples. Suas roupas, sua expressão facial, sua expressividade me impressionaram. Surdo ou ouvinte? Depois vi. Teve outro teatro, da Argentina. Em outra sala, eu fiquei admirada com intérprete da Suécia que veio aqui, língua de sinais diferente. No último dia teve festa na Sociedade de Surdos, muita cansada, não estava acostumada. Uma pena! A saúde já não estava tão bem. Depois alguns nos parabenizavam que estava muito bom, que já tinham estado em outros congressos, mas este de bilingüismo foi o melhor. Até hoje sinto como uma cicatriz, foi marcante.

Alguns surdos me disseram que até assistirem o congresso não sabiam das capacidades dos surdos, voltaram para suas cidades pequenas, lutaram e conseguiram multiplicar os conhecimentos.

Penso que talvez no congresso começou o momento de mudança das universidades, tinham surdos aqui e ali nas faculdades e os espaços se abriram.

Algumas parcerias foram feitas, os outros congressos foi diferente. Queremos mais movimentos em 99, só um, tem movimentos muitos fracos, mas este foi marcante, queremos mais. De ano em ano em ano passeata.

Este foi o 5º Encontro, no 1º,2º,3º e 4º não haviam surdos da FENEIS. Este foi o primeiro encontro em que os surdos foram convidados para trabalhar juntos aos ouvintes

Me perguntam” queres de novo um Congresso de Bilingüismo?”, digo “ eu não”.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

Na minha opinião este foi o momento mais importante para a política surda. Pela primeira vez na história da política surda, o surdo foi “ouvido”. Depois de discussões entre iguais foi possível compreender e esclarecer dúvidas sobre a política e a surdez. O surdo debatia com surdos e os ouvintes com ouvintes o que facilitou a comunicação e mostrou a capacidade de uma comunidade sem influência da sociedade majoritária.

Novamente o modelo de surdo para surdo, o uso das artes para expressar sentimentos, idéias, fortaleceu a cultura surda e essa comunidade pode sentir um pouco mais inserida no mundo surdo.

De acordo com McLaren (1998,p.168)“ as narrativas estruturam nossos sonhos, nossos mitos e nossas visões, quanto mais sonhados, mitificados e visualizados eles sejam. Ajudam-nos a compartilhar nossa realidade social tanto pelo que excluem, como pelo que incluem.”

3.1.6 FOTO Nº 6 - ANÍVERSÁRIO DA ESCOLA CONCÓRDIA EM PORTO ALEGRE
-RS



Foto nº 6 Homenagem à fundadora – 1996

1. DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

A foto foi tirada no auditório da Escola Concórdia em 1996. Há pessoas no palco em pé e na platéia sentadas. Quase todos são surdos apenas uma ouvinte. Aparecem na foto a fundadora da escola e ex-alunos. Trata-se de uma homenagem a uma pessoa que apoiou a causa surda . Um momento social. Esta foto faz parte de meu acervo e não lembro que tirou a foto. Nesse contexto o surdo já estava conhecido, porém sua política e luta estava sendo construída. O segundo grau, ensino médio foi a sua primeira conquista. A luta interna por uma escola melhor.

2. MÚLTIPLO OLHAR

Homem, casado, 36 anos, pai de dois filhos, atuante na política surda

3. NARRATIVAS COLHIDAS

Essa foto mostra a comemoração do aniversário do Concórdia em 1996. Os ex-alunos(nós) resolvemos homenagear a fundadora do Concórdia, usamos o auditório da escola. Uma ex-aluna do Concórdia, atual professora de escola foi quem organizou. Chamou os ex-alunos para convidar para a festa do Concórdia pois estávamos sumidos e era importante participar da comemoração. Combinamos em dividir o presente (flores) e escrevemos uma carta para a fundadora de

Concórdia. Já fez 38 anos. Imagino que para festejar os 40 anos terá grande comemoração. Nós os alunos nunca esquecemos aquela escola por isso estávamos na comemoração. A professora surda resolveu reunir ex-colegas surdas e fundadora da escola. Acho importante encontrar ex-colegas por isso gostaria de encontrá-los para matar as saudades. O meu grupo foi a primeira turma se formar na oitava série e também a primeira e se formar no ensino médio, foi primeiro ensino médio do país em 1988. Depois surgiram outras turmas até hoje.

Me lembro que lutamos para termos o ensino médio. Também outros colegas lutaram comigo, precisávamos estudar no ensino médio, pois onde vamos estudar para onde? Nós pressionamos a fundadora de Escola e junto com diretora chamamos os pais para reunião pedindo apoio para a criação do ensino médio. Tentamos conseguir, ainda falta no próximo ano, afinal conseguimos e continuamos estudar. O ensino médio teve quatro anos.

Já pensávamos que gostaríamos de criar o curso de superior, mas era impossível. Após a Ulbra comprou o Concórdia e começamos a ingressar no ensino superior este era meu sonho. Vejo os surdos crescerem ao entrarem na Ulbra. Com a unificação não paramos de crescer. Parece que foi em 1994 ou 1995 que a ULBRA começou e já difindiu em outras universidades. Acho é importante mesmo. Imagino não tiver o Concórdia não haveria desenvolvido a educação, eu sei que já teve outras escolas surdas mas o Concórdia foi bem forte das outras escolas, devido a política e conseguiu o sucesso.

Segundo nesta época que já existiam as escolas surdas (mais antigas) não lutavam e não desenvolvem muito. O Concórdia influenciou, fundou o ensino médio, apontou exemplo modelo do país. Nunca esqueço aquela história. Lembro que a escola quase fechou nas muitas vezes e a ULBRA assumiu responsabilidade.

Porém a diretora indicada para o Concórdia desrespeitou a marca de história de Concórdia (já saiu do cargo), foi um momento triste mas o Concórdia continua tendo valor. É uma escola particular. Outras escolas pertencem estadual e municipal, também, uma das escolas é outra particular.

O início da Escola Concórdia foi uma pessoa ouvinte tinha três irmãos surdos. Essa pessoa era aluna de uma professora numa escola Luterana. Conversou com a mesma, que aceitou fundar a escola de surdo, pois interessou-se pela surdez.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE LEITURA DAS FOTOS

O encontro de ex-colegas num lugar onde foram conhecidos como sujeitos atuantes foi um grande marco na política surda. Para o surdo a escola além de um lugar de aprendizado, é um lugar de socialização. Relações são construídas, opiniões trocadas e consciências formadas.

Ampliando cada vez mais seu círculo de relacionamentos, o surdo entra em contato com a comunidade, através de contatos constantes, formais e planejados, formando assim a consciência e identidade (Godinho, 1982 p.14).

Nesses contatos é formada a socialização comunitária. É nessa socialização comunitária a escola representa para o surdo uma instituição de importância extraordinária.

Esta escola, em particular, é referência na Política Surda, sendo a primeira a instituir o ensino médio para surdos e começar a estimular seus alunos a procurarem o ensino superior. Isto se deve, também, por ser uma instituição privada, com todos os recursos, planejada para surdos. Vê-se que a foto foi tirada em um palco e o

teatro, as artes cênicas, são muito importantes visualmente. Uma instituição escolar que conte com essas adaptações ao modo de ser surdo fortalece nossa identidade e, assim, podemos lutar, ao lado da família, por melhorias em nossa qualidade de vida: acesso à universidade, direito a intérpretes de língua de sinais...

Também é um centro onde pessoas de vários estados brasileiros vêm estudar e as verbas recebidas são um apoio, uma base, de onde podemos nos lançar a reivindicar nossos direitos.

3.2 LAZER E RECREAÇÃO:

3.2.1 Foto nº7 - Excursão em Tramandaí



Foto nº7 - excursão em Tramandaí

1.DESCRICÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

Esta foto foi encontrada na SSRS. O grupo está em Tramandaí – RS. A foto mostra um grupo de pessoas. Alguns sentados e outras em pé. Os homens estão de calção e as mulheres de maiô. Atrás do grupo está o ônibus e algumas casas. O grupo está reunido em cima da grama. O ônibus mostra as palavras “especial” e Tramandaí” As pessoas tem diferentes cores de pele: algumas brancas, outras mais escuras. Algumas pessoas estão com olhos abertos e outras usam acessórios de

natação. É um momento de lazer dos surdos.

2.MÚLTIPLO OLHAR

Mulher, 81 anos, viúva. Tem duas filhas casadas, freqüentadora da comunidade surda.

3.Narrativa colhida

O presidente da SSRS resolveu fazer uma excursão para Tramandaí, pois os surdos nunca passeavam, sempre ficavam em Porto Alegre. Alguns surdos não conheciam a praia. Fomos de ônibus especial. Quando chegamos foi uma emoção. Nós nunca tínhamos visto areia. Ficamos dois dias. Não lembro onde dormimos, não gosto de inventar histórias ou mentir.

Alguns comiam xis outros iam comer no restaurante. Pagávamos do próprio bolso. Foi um passeio agradável. O presidente incentivou que os surdos precisavam conhecer outro “mundo”

4.ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

O ônibus mostra não ser de linha, pois não tinha letreiro e mostra que foi alugado - especial - e o seu destino: Tramandaí. Isso mostra que a excursão foi para a praia..

Naquela época, também para os ouvintes, a praia não era um programa corriqueiro. As pessoas não tinham preocupação com o corpo, pois ninguém está com o mesmo coberto.

Novamente há poucas mulheres, o que demonstra que as mulheres ainda não tinham uma participação ativa nos eventos.

O grupo passa o sentimento de amizade. Devido a essa amizade os passeios continuaram e foi fundada a colônia de férias de Capão de Canoa.

Percebo que este passeio corresponde a mesma situação da colônia de férias de Capão, pois tinha como objetivo estimular a construção da autonomia do surdo, bem como fortalecer sua identidade

De acordo com McLaren (1998,p.190) “ A construção de identidades narrativas de libertação deve posicionar uma ênfase central no significado de diferença.(...) Nesse sentido há o encorajamento das pessoas oprimidas a construir histórias que dão formato e direção para a prática da esperança e para a luta por políticas emancipatórias”

3.2.2 FOTO Nº8 - CARNAVAL EM CAPÃO DA CANOA EM 1979



foto nº8 – carnaval na sociedade de surdos- 1979

1.DESCRICÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

A foto parece bem informal já que as pessoas estão em diferentes posições, sem ordem sentados no chão, sentadas em cadeiras, em pé e parece que até em pé sobre uma mesa ou algo assim. Por causa do enquadramento da foto e de ter muitas pessoas foi preciso arranjar que todos saíssem na foto. Já estão todos

prontos para ir ao desfile, todos arrumados e só estão reunidos para tirar a foto e depois sair para a festa de carnaval. A foto demonstra a ida do grupo surdo a um clube ouvinte. Conhecer um pouco da cultura ouvinte na qual o surdo estava inserido. Brincar e divertir-se esse eram o objetivo da ida a SACC.

Surdos de lugares distantes formavam esse grupo unindo-se a surdos gaúchos.

2. MÚLTIPLO OLHAR

Casada, sócia da SSRS, 50 anos, ex-participante da diretoria da SSRS

3. NARRATIVAS COLHIDAS

Primeiro bloco surdo na Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa – SACC. Quase todos com fantasia, homens e mulheres.

Alguns surdos do interior e também da Argentina e Uruguai participaram.

O presidente da sociedade de surdos do Rio Grande do Sul conseguiu entrada gratuita para todos os surdos na SACC. Na época era mais fácil, agora mais difícil porque os surdos não freqüentam mais a SACC. Na época, aconteceu um problema de agressão com um surdo e foi proibida a entrada dos surdos. Mesmo depois que mudou a direção da SACC, mesmo assim os surdos não a procuram mais.

Mas aquele foi um tempo divertido, chique.

Os surdos resolveram ir na SACC, pois ficavam na Colônia de Férias dos surdos e estavam cansados de só ficar lá, quiseram ir a um outro lugar diferente, um clube.

A esposa do presidente da SSRS foi quem costurou as roupas de Carnaval, ficou mais prático assim, porque tinham casa de veraneio em Capão da Canoa.

Depois disto, os surdos adoram ficar na Colônia de Férias, durante o carnaval, até hoje.

Ainda existem duas fantasias guardadas e conservadas deste momento.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

.A foto nos revela a amizade e o lazer. Informalidade, o colorido das roupas, a felicidade estampada nos sorrisos. A experiência da época serviu como referência e até hoje alguns costumes ainda permanecem, tais como: o uso da fantasia de havaiana, a escolha da miss...

Os laços de amizade são reforçados com vinda de surdos de outros estados e até de outros países, que também aproveitam para conhecer homens e mulheres surdos e, talvez, resultar em uma paquera, ou até relacionamento mais sério. A existência dos outros está escondida nessa imagem.

Mas quem seriam os outros nessa foto? De acordo com Duschatzky, Scliar (2001,p.119):

O travestismo discursivo parece ser uma das marcas mais habituais desta época. Com a mesma rapidez na qual se sucedem as mudanças tecnológicas e econômicas, os discursos sociais se revestem com novas palavras, se disfarçam com véus democráticos, e se acomodam sem conflito às intenções dos enunciadores do momento.

Em que medida as retóricas da moda — como por exemplo aquelas que reivindicam as bondades do multiculturalismo, que pregam a tolerância e que

estabelecem o início de um tempo de respeito aos outros □ estão anunciando pensamentos de ruptura com relação às formas tradicionais em que a alteridade foi denominada e respeitada?

A pergunta não é casual, pois vem ao encontro de um tempo de instabilidade discursiva, no qual conceitos tais como *cultura, identidade, inclusão/exclusão, diversidade e diferença* parecem ser facilmente intercambiáveis, sem custo nenhum para quem assume, se apodera e governa as representações de determinados grupos sociais.

3.2.3 FOTO Nº 9 - CTG



Foto nº 9 – crianças surdas aprendendo folclore- 1985

1.DESCRICÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

A música e a dança tão ausentes na cultura surda na visão dos ouvintes é mostrada através desta foto.

Adaptações são realistas como a marcação de giz no chão para melhor orientação do surdo. A contagem do compasso e a procura de uma referência é percebida nesta foto.

Na história das políticas surdas a dança e o coral de Língua de sinais foram usados, para mostrar a igualdade do sujeito ouvinte e surdo e também para a superação do surdo das regras ouvintes.

A foto faz parte do acervo da pesquisadora e ocorreu em 1985, não sabendo se quem tirou a foto foi uma pessoa, surda ou ouvinte.

2.MÚLTIPLOS OLHARES

Mulher, solteira, 23, estudante do ensino superior.(a)

Homem, solteiro, 26, ensino superior incompleto (b)

3.NARRATIVAS COLHIDAS

Depoimento a:

Quando entrei na dança-folclore tinha 2 anos. Isso foi no ano de 1984. A professora era ouvinte e foi ela que fundou o CTG. Eu demorei para aprender. Só consegui entender a dança quando tinha mais ou menos 6 anos. Dancei durante 15 anos com o mesmo par.

Depois criaram um novo grupo: show, onde aprendia folclore de outros países: Argentina, Uruguai... Eu entrei para o novo grupo, mas o surdo que dançava comigo não entrou.

Fiquei desesperada, pois já estava acostumada em dançar com ele. De

acordo com a professora ele era muito pesado. Quando conheci o meu novo par também surdo percebi a diferença e gostei.

Fiquei com este surdo durante mais ou menos 2 a 3 anos. Depois o meu 1º par conseguiu entrar no grupo Show e eu voltei a dançar com ele por causa do tamanho e danço com ele até hoje. Fizemos varias apresentações, viajávamos muito.

As pessoas me dizem que sou boba, pois não recebo salário, mas eu gosto de dançar e se não gostar posso desistir. Mas eu nasci gaúcha e sempre procurei aprender a cultura do CTG.

Eu não gostava de chimarrão e minha família também não gosta, mas experimentei e fiquei apaixonada.

Não paguei as viagens somente o vestido de prenda. A mãe sempre aceitou comprar o vestido só reclamava do gasto com o táxi. Eu morava na zona sul e o Concórdia fica na zona norte. Como ninguém do grupo morava perto eu não tinha carona e sempre que havia uma viagem ou a apresentação eu precisava ir de táxi. Algumas vezes me hospedava na casa de amiga ou amigo que morava perto de concórdia, mas isso era complicado, pois algumas vezes depois das apresentações, não conseguia retornar para casa e ficava sem ver minha mãe. Outras me hospedava na casa do meu par, mas ele arrumou uma namorada e isso me incomodava e aí comecei a me hospedar com uma amiga surda. Mas na maioria das vezes ia de táxi. Um dia não pude ir uma apresentação, pois não tinha dinheiro para o táxi. A professora reclamou e minha mãe brigou com a professora. O CTG foi excelente. Consegui ser independente, pois a família me protegia. No grupo todos eram adolescentes, riamos, dizíamos bobagens, ficávamos com um, com outro, mas

o importante é que conseguimos ser independentes.

Só existe o CTG no Concórdia, se a professora for embora ou morrer não tem outra para substituí-la.

Quando assumiu nova diretoria do Concórdia, ela não apoiou o CTG. A professora foi que procurou e encontrou outro lugar para ensaiar e apresentar as danças. A professora encontrou, outro lugar Maragatos.

Quando trocou a diretora do Concórdia ela chamou de volta a professora e o grupo.

Depoimento B

Eu nasci no Rio e só entrei para a Querência no ano de 1994. eu vivia no Rio quando assisti uma apresentação do grupo. Fiquei admirado, pois nunca tinha visto antes um grupo de dança gauchesca, fiquei interessado pela cultura gaúcha. Sentia a vibração.

No grupo conheci várias cidades do interior do RS, e isso me ajudou a crescer.

Eu comprei a roupa que usava na apresentação. Os integrantes que não podiam comprar o Concórdia emprestava a roupa.

Conheci a cidade chamada Jaguarão e aprendi muitos sinais. Ficamos alojados no quartel. Um dia fomos conhecer uma escola municipal e tinha alguns surdos, tinha mais ou menos 13 alunos surdos. Fiquei com pena porque tanto os alunos como as professores só utilizavam o alfabeto manual, não usavam a língua de sinais.

Também conheço Rondônia. Nunca imaginei conhecer Rondônia, a cultura é diferente, impossível morar lá. Não parávamos de ir ao banheiro. Tomávamos banho 4 vezes por dia. Já saíamos suados do banho. O vestido que ela usava era pesado. Ficamos 1 semana lá e conhecemos 3 cidades: Porto Velho, Ji-Paraná e Coroal, mas não sabemos o sinal.

Descobri um surdo que era vendedor de adesivo percebi que era um surdo desinformado e de baixo nível. Nós aproveitamos para conhecer os sinais de Rondônia, mas os sinais eram parecidos com o do Rio.

Perguntei se ele conhecia o sinal do Brasil. Ele disse que não. Expliquei o que queria com ajuda de um mapa. Mas como o surdo não havia freqüentado a escola não adiantou. Então conversei e lembrei o jogo de futebol na TV e finalmente o surdo entendeu o que eu queria, mas o surdo não sabia. Aproveitei e mostrei o mapa de Rondônia e perguntei: tem sinal? O surdo não sabia nem a localização do estado, pois ele tem baixo nível e é diferente dos outros surdos que tem alto nível. Ele não sabia explicar nada. Expliquei onde nós morávamos e mostrei o Rio Grande do Sul e como chegamos em Rondônia. O surdo pensou que viemos a pé. Expliquei que viemos de avião. Avião o surdo de Rondônia conhecia.

Depois disso consegui estabelecer comunicação. Perguntei novamente o sinal de Rondônia? O surdo fez o sinal. Logo fez o sinal da capital de Ji Paraná. O surdo de Rondônia tinha viajado por toda Rondônia vendendo. Não sei se os sinais são oficiais ou não, mas ensinei para os meus colegas. Com as viagens recebemos muitas informações e nossas mentes abriram.

Lembramos que conhecemos alguns índios. Não conhecemos a tribo, só o lugar onde eles tinham cursos e vendem enfeites. No fundo haviam algumas OCAS.

Nós olhamos e vimos uma família de índio. Queríamos tirar foto e filmes, mas o índio não aceitou porque estava nu. O índio se escondeu insistimos e apareceu um outro índio (pai) só que usava short. Logo em seguida o filho dele apareceu nu e achamos uma beleza. A professora do CTG era a intérprete e se comunicavam bem. Os surdos pediram para chamar a família para tirar foto. O índio (pai) respondeu não. Só tiramos foto do índio nu. Alguns surdos compraram vários enfeites, fechas. Brincos, colares, anéis e outros.

Lembro que passávamos pela Floresta bem fechada, saíram na Caroacol até uma cidade que não lembro o nome e conhecemos os índios. A Floresta é bem diferente, não lembro o nome e comprei enfeite de vegetação. Não ficamos em Porto Velho, pois desembarcamos na capital e viajamos direto para Ji-Paraná de ônibus. Foi uma viagem desconfortável. Demorou 2 horas. Ficamos no Caroacol 3 dias, não tinha shopping, cinema, apenas uma pequena loja comercial. Quando voltamos para Ji-Paraná conhecemos a ULBRA e ganhamos camisetas da Universidade. Voltamos para casa e fizemos a escala em Brasília. Ficamos esperando durante 5 horas. Alguns surdos dormiram no chão, pois estavam cansados, outros foram conhecer a área VIP, onde foi comemorado uma formatura e ficaram admirados como era chique o local. As lojas estavam fechados. Soubemos que o ator Sebastião, que faz propaganda da loja C&A, estava no avião.

Alguns surdos tiraram fotos e descobriram que o ator vinha para POA para comemorar o dia do Negro.

Depoimento a:

Lembro que nós viajamos para Brasília em 1994, o grupo tinha apresentação . A professora de CTG insistiu entrar no Congresso. Os surdos já haviam passeado

por outros lugares mas faltava conhecer o Congresso.

Por sorte, o Congresso tinha apresentação de Deficientes, surdos e cegos de Brasília. Nesta viagem foram junto um pai (que pagou sua viagem) e mais outros professores da escola.

Conseguimos entrar no Congresso. O responsável avisou que a apresentação do CTG deveria ser de 20 minutos. Nós ensaiamos muito. O lugar era luxuoso e todo de vidro. Conhecemos o presidente em exercício: Itamar Franco. Tiramos fotos com ele e alguns ministros. Entramos no Congresso de tarde e ficamos até a noite sem perceber.

Uma mãe de uma surda ligou a televisão num hotel, para ver a apresentação, mas não apareceu, porque nossa apresentação não estava programada e por isso não foi gravada. Acho que foi isso.

Mas aparecemos em vários jornais, ensinamos o sinal I love you. O presidente Itamar Franco aprendeu o sinal e tirou foto e divulgou na imprensa. Ficamos muito felizes. Tinha 13 anos e foi muito importante esse momento junto ao presidente.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

A dança não é própria da cultura surda, mas é da cultura Gaúcha. Uma afirmação de ser cidadão surdo e gaúcho. Foi único CTG de surdos.

Embora esse tipo de atividade não seja uma política é um preparatório para o crescimento do sujeito, pois estimulava a autonomia, independência e auto-estima, além de propiciar trocas de diferentes culturas e descoberta de amizades fortalecendo o surdo.

As viagens propiciavam a descoberta das diferentes línguas de sinais existentes, ou melhor, do regionalismo da Língua de Sinais. Com isto, houve o enriquecimento da cultura.

As descobertas feitas no diferentes lugares, tais como: diferentes escolas de surdos e comunidades, conhecimento diversos e até conhecer o presidente do Brasil.

Embora as culturas ouvintes e surdas sejam diferentes, é através dela que a sociedade dá sentido um grupo.

De acordo com Hall(2003,p;135): “ A cultura é a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido é refletem as suas experiências comuns e submete-se a todo um trabalho de reformulação”

3.2.4 FOTO Nº10 - FESTA A FANTASIA NA SOCIEDADE DE SURDOS DO RIO GRANDE DO SUL



Foto nº 10- fantasias- 1992

1. DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO.

Nas fotos nº 10 e 11 estão retratadas momentos de descontração. Os grupos reúnem-se para divertir-se. São anos consecutivos 1992 e 1993.

Faz parte do acervo da pesquisadora já que nessa aparece nas fotos.

As fotos foram tiradas na Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul. Não diferente dos outros, o uso da fantasia para a diversão também acontece entre os surdos. Mais uma vez encontramos registrada a cultura surda enriquecida pela cultura brasileira.

2. MÚLTIPLO OLHAR.

Casado, dois filhos, membro da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

3. NARRATIVAS COLHIDAS

Gosto muito das fotos de Fantasias usadas nos anos de 1992 e 1993, vestiu diferentes fantasias.

Tinha muitos surdos usando fantasia. Estava tudo enfeitado com aranhas e morcegos. Na entrada tinha esqueleto e na face havia luzes vermelhas que acendiam. A festa foi no ano de 1992 estava animadíssima.

Eu estava vestido todo de preto e os cabelos iguais ao filme Edward, mãos de tesoura. Logo os surdos perceberam e me chamavam de Edward.

Em 1993 eu me vesti como médico psicopata, como eu trabalhava no hospital de Cardiologia peguei a máscara e a bota de pano para proteção dos pés. Chamei atenção de todos, pois usava óculos bem grossos (grau alto) e dentadura. Estavam muito

engraçados. Estava perfeito profissional.

Naquele ano participei do desfile masculino. Ganhei o 1º lugar e o prêmio era dinheiro, mas não lembro quanto. Lembro que a SSRS ofereceu o prêmio em dinheiro, para que os surdos usassem fantasia e participassem do desfile.

Um dos surdos vestiu a fantasia do homem-aranha, mas na época não era importante como agora é sucesso por causa do filme. Estou um pouco chateado que agora não tem mais festa à fantasia. Gostaria de resgatar a festa à fantasia.

4.ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

Essas fotos mostram a uma comunidade que interage com o uso das fantasias. Esses momentos são momentos de trocas, interações e fortalecimento da identidade.

De acordo com Hall,(1997,p.61):

Representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para produzir sentidos. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, objetos, eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas, nós que "significamos" as coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época a outra.

3.2.5 FOTO Nº 12 - REVEILLON EM CAPÃO DA CANOA-RS



Foto nº 12 – a praia – 1995/1996

1.DESCRICÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

A foto é de um passeio a praia de Capão da Canoa, mais especificamente do Reveillon. Este depoimento é importantíssimo porque a colônia de férias representa para o surdo a oportunidade de lazer, de encontro, troca de informações o que ajuda na conscientização e na solidificação das políticas surdas. É a única sociedade de surdos do Brasil que possui uma colônia de férias, talvez, por isso, é tão freqüentada. Em São Paulo na cidade de Santos tem uma sociedade e o lugar na praia, mas não existe uma colônia de férias. De acordo com o entrevistado a Colônia de férias é muito importante por possibilitar o encontro entre os iguais, que antes só tinham a opção de ficar junto a família.

Na foto vemos um grupo de homens e mulheres, sem lugares fixos, em posturas informais, com vestes de praia. A maioria está rindo, e percebe-se o uso de gestos, talvez alguns sinais e entre esses, o sinal símbolo internacional dos surdos, que significa "eu te amo". Mostra um grupo onde a raça, sexo, idade não interessa tendo

como fator de união surda. A maioria é bem jovem.

Esta foto é a foto oficial do reveillon. O surdo que me deu a foto não aparece na mesma e nem soube informar quem são. Foi tirada por outro surdo. As pessoas que estão na foto foram as que apoiaram a continuidade da luta pelo direito surdo.

O grupo está longe do mar. Aparece uma cadeira de praia, ao lado uma bola de futebol, o que dá a entender que ocorreu ou vai ocorrer um futebol na praia. Pela sombra aparece um dia levemente nublado o que sugere que a foto tenha sido tirado de tarde. Junto aparecem alguns objetos pessoais como chinelos, canga.

2. MULTIPLO OLHAR

Homem de 35 anos, ensino superior completo, sócio da Sociedade de surdos do Rio Grande do Sul.

3.NARRATIVAS COLHIDAS

Em 1996, foi um Reveillon. O momento mais importante daquele ano em que os surdos combinaram seu encontro na Colônia de férias de surdos, foi muita gente, combinamos até uma camiseta, tipo uniforme, de 1996, com uma ceia com muitas comidas, tudo muito bom. Ficamos até de madrugada, nos divertimos, bebemos, comemos, os amigos surdos se encontravam e se cumprimentavam no momento do ano novo, era tanta gente! Muita diversão, muita aventura!

Foi um feriado de três dias. No dia seguinte aproveitamos a praia para tomar

sol, jogar vôlei, conversar, tomar banho de mar.

A Colônia de Férias de surdos de Capão é um lugar que os surdos usam para o verão. Se não fosse a colônia de férias onde os surdos iam passar janeiro, fevereiro, as férias, o verão? Neste período alguns vão passar o fim de semana, o mês ou as férias.

Os surdos sabem que lá tem hotel, um lugar para ficar e até surdos argentinos, a maioria, costuma ir lá veranear.

Todos os anos já é uma combinação que o reveillon é passado na colônia de férias.

E um lugar que é gostoso de ficar, nos dá satisfação. Encontramos nossos amigos surdos para jogar, bater papo, vamos para praia com nossas cadeirinhas.

E já um lugar conhecido, partindo da Colônia de Férias, uma rua lateral, seguindo sempre até a praia. Lá se reúnem os surdos e onde quer que estejam em Capão da Canoa sabem que ali é o ponto de encontro da comunidade surda.

Nos reunimos para conversar em círculos, nunca espalhado, porque para vermos a sinalização dos outros precisamos ver todos que estão conversando.

Lá em Capão da Canoa dificilmente se vê um surdo triste, parece que todos ficam animados, brincando, se divertindo, conversando, difícil ver um surdo triste lá.

Tem até churrasqueira para assar carne.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE LEITURA DAS FOTOS

Com este depoimento percebe-se a importância de um ponto de encontro para

os surdos, onde existia o lazer, amizade e a troca de informações. Isto foi de grande valia para o desenvolvimento dos sujeitos surdos. A socialização ajuda na compreensão de mundo. A Colônia de férias é um marco da Política surda, pois os surdos puderam se encontrar, na praia, em um ambiente descontraído.

A oportunidade de nos encontrarmos, um lugar onde possamos nos comunicar com liberdade e facilidade com nossos iguais é uma amostra da cultura surda.

Segundo Boschi (1987,p.164) “ As identidades são constituídas no contexto geográfico e procuram na política a aquisição de uma representação de alguns atributos particulares.(...) O poder se manifesta em todas as relações, como ação sobre outras ações possíveis (...)

A colônia de férias, mais especificamente o encontro com os iguais, é um aspecto de fortalecimento da Política surda.Esses momentos são responsáveis pelo nascimento da política da identidade surda, é o sentir-se surdo. É o encontro tradicional da comunidade surda gaúcha, especialmente, porque consegue reunir uma vez por ano praticamente boa parte dos surdos que na maior parte do ano, estão dispersos.Nesta ocasião pessoas, mesmo morando longe, vêm se encontrar na colônia de férias.Percebe-se que isto acontece porque temos a colônia, que é parte da SSRS, a praia e toda uma estrutura para acolher pessoas surdas que buscam lazer em companhia uma das outras.

O lazer e os jogos que são normalmente incorporados à cultura de um povo, a própria cultura se forma e se desenvolve impulsionada pelo espírito lúdico.Os mesmos têm função vital para o indivíduo,não só para distração, mas principalmente como forma de assimilação da realidade, além de ser culturalmente útil para a sociedade como expressão de ideais comunitários.(Huizinga,1971,p.53)

3.3 PEDAGOGIA

3.3.1 FOTO Nº 13 – CONCÓRDIA VELHO

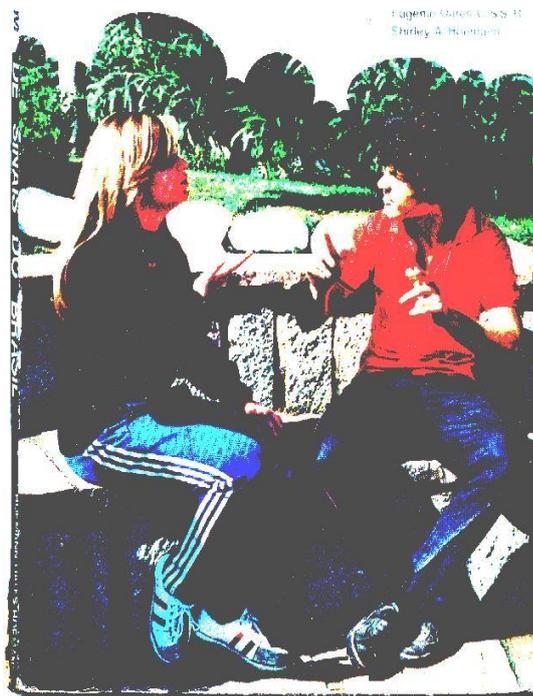


foto nº13 – usando LIBRAS - 1982

1. DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

No ano de 1981, na escola Concórdia velho. Esta foto é muito importante, pois é o início da divulgação da língua de sinais, neste tempo ainda não reconhecida como língua e sendo divulgada como linguagem. Ainda mostra o usuário da LIBRAS que “desafiou” o sistema mostrando a facilidade de compreensão pelo surdo se utilizar a Língua de sinais.

2. MULTIPLO OLHAR

Casado, dois filhos, bancário, 40 anos

3. NARRATIVAS COLHIDAS

Era o ano 1979/1980 eu entrei no Concórdia (Concórdia Velho) fiquei admirado que a escola utilizava o método oral, pois eu era fluente em L.S., fiquei insatisfeito, mas logo, sorte

minha, encontrei outras 2 surdos (também fluentes em L.S.) que freqüentavam a SSRS.

Alguns professores ouvintes não aceitavam que usássemos L.S. era uma época diferente. Mas continuei usando a L.S. não aceitando usar o oral. Uma professora tentou se comunicar comigo, mas não conseguia, pois era difícil para mim falar.

Um dia, a diretora foi para EUA e trouxe uma nova metodologia: a Comunicação Total²⁶. Foi feita uma divulgação lenta e mais tarde a escola abandonou a oralização e assumiu a Comunicação Total.

Os pastores ouvintes apoiavam os surdos para estimularem a comunidade surda. Buscavam alguns sinais na American Sign Language (ASL) e os surdos criaram novos sinais próprios da L.S..

Os professores e a diretora começaram a utilizar os sinais junto da fala, igual bimodalismo

Nunca vou esquecer: o pastor, antes, só comunicava oralmente, mas os surdos não conseguiam assimilar. Então o pastor aprendeu L.S. fez uma palestra utilizando a mesma. Os surdos tiveram facilidade em aprender. Foi um tempo que nos desenvolveu muito em conhecimento, como comunidade, e principalmente , a escola cresceu bastante.

4.ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

Este foi um momento muito importante, pois já se usava a língua de sinais, mas não na escola. Descobrir a base da comunicação e a aceitação desta por parte dos ouvintes foi como conseguir o mundo.

²⁶ Uma filosofia que incorpora as formas de comunicação auditivas, manuais e orais apropriadas para assegurar a comunicação.

Também o próprio fato desta escola ser referência na educação, fez com que houvesse uma divulgação mais rápida da língua de sinais e sua utilização na comunicação com os surdos. Na visão de Apple (apud Perlin, 1998), há importância capital de se ver a escola (de surdos) em conexão (com a cultura surda), contra as relações de coerção e de dominação.²⁷

A influência e o modelo do surdo para o surdo na construção de sua identidade e na descoberta de seu caminho, fez com que a comunidade se unisse em busca de uma nova política de qualidades para a mesma.

3.3.2 FOTO Nº 14 - OS PRIMEIROS INSTRUTORES DE RIO GRANDE DO SUL



Foto nº 14 – os instrutores- 1995

1. DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

É um grupo de pessoas: homens e mulheres. Eles não estão numa posição formal, alguns estão sentados, outros em pé. Alguns têm uma postura informal. Possuem uma expressão de cansaço.

²⁷ Grifo e a interpretação para cultura surda são da autora

A pessoa sentada cada uma tem uma postura diferente. Sua maioria está com o olhar direcionado para frente, apenas um está olhando em outra direção.

Este momento é de cansaço, mas também de satisfação: a primeira capacitação feita para o surdo com objetivo a melhoria do ensino para surdo. Também como um direito a apropriação de sua cultura, pois existiam muito ouvintes ensinando a LIBRAS nesse momento. Mas quem seria o mais indicado: um falante natural ou uma pessoa sem fluência? O direito do surdo em cuidar de sua língua é expressa no direito de realizar o curso e trabalhar na área da educação como instrutor de sua língua. A foto faz parte do acervo da FENEIS e foi tirada por um dos participantes do evento.

2. MÚLTIPLOS OLHARES

a) homem, 45 anos , casado, professor, participante da comunidade surda

b) Mulher, formada no ensino superior, 55 anos, ex-membro da diretoria da FENEIS.

3. NARRATIVAS COLHIDAS

Depoimento A:

Essa foto é muito importante para mim. Esta me faz lembrar quando eu trabalhei na escola Helen Keller em Caxias do Sul no ano de 1996. Eu trabalhava como instrutor.

Em Caxias do Sul eram dois instrutores mais eu. Fomos os primeiros instrutores profissionais da Escola Helen Keller. Éramos cargo de confiança.

O início foi em Santa Maria. A associação de Surdos de Santa Maria informou-me que havia um emprego para instrutor em Caxias do Sul, mas faltava formação. O professor da escola de Caxias estava preocupado com a formação dos instrutores.

Fiquei sabendo que a FENEIS oferecia um curso de instrutor de LIBRAS na cidade de Porto ALEGRE. A associação de surdos de Caxias do Sul me avisou também. A escola Helen Keller necessitava de dois instrutores. Já havia um instrutor surdo em Caxias. Eu e outra surda de POA conseguimos o emprego na escola. Lembro-me que comecei a pensar o que era ser “instrutor” era um recolher pedagógico, uma nova metodologia. A palavra “instrutor” era usada diariamente. A escola achava importante a profissionalização e estimulou os instrutores surdos a participar do curso de instrutor de LIBRAS.

Foi o primeiro curso de instrutores do Rio Grande do Sul, fiquei radiante. Um instrutor do Rio de Janeiro veio para ministrar aulas para nós. Fiquei surpreso quando aprendi os classificadores e outros assuntos. Aprendi várias coisas novas.

Eu já era formado instrutor pelo Rio de Janeiro. Tinha uma declaração. Só não lembro o ano em que fiz o curso. Lembro que pensei em fundar a Associação de Surdos de Santa Maria em 1985. Em 1986, ministrei um curso de LIBRAS para ouvintes na Universidade de Santa Maria. Eu inventei a metodologia, pois na época a filosofia era Bimodalismo

Convidei uma surda do Uruguai que tinha experiência em ministrar aulas de Língua de Sinais, para estimular. Já que tinha uma metodologia do ensino da Língua de Sinais. Ela não usava o oral junto para ensinar, mas eu usava a língua oral com a língua de sinais, caracterizando o bimodalismo. A Comunicação Total me influenciou. A surda definiu o que eram CLASSIFICADORES. Eu não percebia o que

era CONCEITO. Eu ensinava LIBRAS, mas não conceitos, pois não sabia o que era.

Depois de entender o que era conceitos e porque não utilizar o oral junto comecei a divulgar a não utilização do oral junto com a LIBRAS.

Foi na escola Helen Keler que a metodologia para ensinar LIBRAS começou a se desenvolver. Fiquei na escola durante três anos. Em 1998 passei no mestrado. Mudei-me para Porto Alegre em 1999.

Antes viajava para conhecer melhor a comunidade surda. Fui para Campinas/SP, Paraná e Rio de Janeiro. Na viagem ao Rio de Janeiro conheci uma surda que era presidente da FENEIS. Perguntei como poderia fazer para ser instrutor, pois estava desesperado e precisava desta informação. Ela e um outro surdo me avaliaram e consegui uma declaração reconhecendo-me como instrutor. Com essa declaração pude lecionar na universidade de Santa Maria (UFSM) na universidade de Educação Especial em uma das disciplinas. Depois de fundar a Associação de Surdos de Santa Maria comecei a lecionar Língua de Sinais para ouvintes. Lembro que no certificado o curso chamava: “Linguagem das Mãos” depois trocou para “Língua de Sinais”.

Quando recebi o certificado da FENEIS estava escrito Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), parece que recebi o mesmo em 1998.

Depoimento B:

Esta é uma histórica foto do I Curso de Instrutores. Ela é muito querida. Ela pode iniciar com uma história: “foi assim que nós iniciamos nossos deslocamentos políticos no RS”. Momentos inesquecíveis. Ela registra um dos muitos momentos de inicio do poder surdo no RS. Não estou presente na foto, pois ela foi tirada num

momento de descontração. Naqueles dias do curso tive de correr para atender as atividades no curso e as da universidade que estava cursando. Na realidade quase todos nós do curso éramos acadêmicos, tínhamos outros compromissos, inclusive alguns dos surdos têm família, trabalham ou que residem em outros municípios.

Este foi o primeiro curso de Instrutores surdos. Aconteceu naquele frio inverno de 1996. Nossos líderes surdos, muitos deles presentes na foto promoveram aquele curso. Um dos primeiros cursos promovidos exclusivamente por surdos através do escritório regional da FENEIS que recém fora criado. Na foto vê-se também o professor surdo que naquele tempo era coordenador destes cursos na FENEIS.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE LEITURA DA FOTO

A foto nº 14 não é natural, a postura das pessoas é rígida, como se tivessem medo ou ansiedade de sair desta posição. O grupo não demonstra ter uma união ou afetividade.

Suas expressões demonstram um cansaço e uma dificuldade do dia. Porém foi um momento importante, pois foi o começo do desenvolvimento da educação do surdo.

É importante reconhecer o significado que é produzido na atividade cotidiana de compreensão e comunicação que são potencialmente múltiplos e contraditórios e variam em sua importância afetiva.

Portanto de acordo com Simon (1995, p.77) “A educação não precisa ser vista simplesmente como veículo de socialização e sim em colocar a educação interior do espaço heterogêneo produzindo uma nova relação entre todos os seus

componentes.”

Esta foto mostra um momento onde o domínio ouvinte pode ser aproveitado de uma forma positiva. Onde a sugestão de lugar, assunto foi definida pelo ouvinte, embora o tema fosse direcionando a comunidade surda. Foi uma aprendizagem onde o comum (ouvinte) integrou-se ao incomum (surdo) sem distinção.

Estes primeiros instrutores surdos foram os pioneiros a entrar, como modelos de identidade, nas escolas de surdos. Assim as crianças surdas puderam, a partir destes modelos, ter em quem se espelhar, a quem seguir, a ter como referência um surdo, adulto, na aula.

3.3.3 FOTO Nº 15 - PÓS-GRADUAÇÃO PARA OS SURDOS



Foto nº15 – Encontro- 2003

1. DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

A foto marca um encontro de surdos com culturas diferentes. Foi tirada em um momento de descontração por uma pessoa não conhecida que estava passando pelo local e trouxe várias lembranças, O surdo já começava, neste tempo ousar em

planos educacionais mais amplos. Surdos formados na universidade começam a se especializar, realizando pesquisas, doutorados...

2. MULTIPLOS OLHARES

Mulher, solteira, 31 anos e participante de membro de Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos-FENES/RS

3. NARRATIVA COLHIDA

Esta foto mostra os surdos que estudam doutorado. Ela me lembra o contato que tivemos com surdos que estudam doutorado em outros países. É Porto Alegre, mas lembro como comecei a ter contato com esses dois surdos

Dois surdos vieram, um dos EUA (sinal: surdo com aparência de Hindu), mora no Texas, e outro da Alemanha. Um estuda, é importante, PHD, os dois estudam na área da lingüística da língua de sinais. O surdo da Alemanha compara a língua de sinais dos EUA com da Espanha: as semelhanças e diferenças entre as duas línguas de sinais. O surdo, que parece hindu, não sei, acho sintaxe. Esse estuda em Boston e o outro no Texas. Estamos também no doutorado, é importante, intelectuais novos na comunidade. Igualmente compartilhamos experiências, como é com intérprete, como é a teoria? No fórum da UFRGS, relatei como foi a experiência do começo do doutorado aqui. Aqui temos outros dois surdos no doutorado, mas sentimos que é pouco. Queremos que surjam mais, é pouco ainda. Lá as faculdades são diferentes. As experiências deles foram muito boas para mim, me ajudaram muito, pena que o encontro foi pouco tempo. Também a língua de sinais deles é difícil, mas depois encontramos mais e melhorou. Alguns se expressam mais, outros são mais reservados. É normal.

O segundo (aponta foto) encontrei no Deaf Way²⁸. Na palestra dele divulgou uma lista de discussão de surdos, também uma nova dos universitários, se quer manter contato, mas é só em inglês. Peguei o e-mail, entrei e todos dias têm mensagem, ali tinha a programação diária do Deaf Way, quando confirmei a inscrição e até ia participar do jantar... caro! Surdo sempre assim, caro! Chamei o amigo surdo estudante de PHD e ele aceitou. Não podia ouvintes. Combinamos e na quarta-feira recebemos o mapa do caminho, podia ir de metrô, nos explicou tudo, era particular o jantar, um restaurante fora do Campus, combinamos a hora. Era separado do evento, da programação, quem quisesse se inscrevia e tinha um papel que explicava tudo. Qual cardápio, onde mapa, hora de começo, hora de término, era das 18 horas até 22 horas. Eu e meu amigo surdo chegamos atrasados, não estamos acostumados a jantar de dia. Já estava cheia a mesa, não estou acostumada às 18 horas jantar. Que vergonha! Aqui é normal chegar depois, lá todo mundo fica olhando. Que vergonha! O meu amigo surdo já chegou sinalizando normal. Era uma mesa grande, mas o lugar era meio dificultoso, cheio de caminhos. Sentamos, já pagamos, paga na hora, já está na organização. Dois surdos um homem e uma mulher, estavam encarregados, o homem estuda PhD na Gallaudet e a mulher... onde? Na Noruega, os dois eram os responsáveis. Demos o dinheiro, fiquei espantada que todos eram jovens, variando na faixa dos 30 anos, tinha adiante uns pelos 50 anos de idade, mas velhos, um senhor forte, do meu outro lado uma mulher da Austrália, uns 40 anos, dá palestras já escreveu e publicou livros,(...) Ela é professora em uma faculdade, ficamos conversando, mas não dá para enchê-la de perguntas, trocamos informações, como é a sociedade em cada lugar, conversa simples. Começou com a apresentação de cada um, seu nome, de onde era, levantava e em pé, um por um, até o meu amigo surdo. Mais uma volta, depois eu.(..). Acho que não me perguntaram nada, fiz meu nome no alfabeto manual, meu sinal de onde vim, do Brasil,

²⁸ Encontro internacional de surdos, que realiza a cada quatro anos e é uma mostra da cultura surda

só.

(...) Comemos, depois de acabado, conversamos mais um pouco e acho que depois de uma meia hora as pessoas começaram a ir embora.

Algumas pessoas levantavam e vieram me perguntar se eu estudava na Gallaudet. Elas mesmas estudavam lá e pensaram que eu também estudava. Pensavam que no Brasil não tinha e eu disse que tinham surdos estudando e intérpretes, pensavam que eu estava morando lá e expliquei que tinha ido só para assistir e que depois voltaria ao Brasil. Eles ficaram espantados e começamos a conversa bastante, mas isto já era bem depois. Fomos juntos para o metrô, conversando, do meu lado sentou o professor universitário surdo de Bristol, Inglaterra, antes já o tinha encontrado, mas ele estava ocupado, agora estava sentado ao meu lado e conversamos bastante. Chegamos, cada um ao seu destino e fomos embora, ele para o hotel e eu pegar o ônibus para Gallaudet (...)Na Gallaudet eu fiquei admirada e o meu amigo surdo também, um lugar só de surdos, desde o jardim até a Universidade .Um outro surdo³ resmungou que no Brasil não tem isto. Ele foi. Ele já tinha chegado na Gallaudet, choramingando porque no Brasil não temos isto. Eu ficava na janela olhando a área, lindo, escola, ginásio, piscina, biblioteca, restaurante, tudo, cercado por árvores...

Um lugar onde os surdos ficam, o que ensinam eu não sei, quais disciplinas, não sei se ouvintes fizeram os conteúdos ou surdos, não sei.

Tem implantado coclear, protetizados²⁹ e oralizados, tem muitos. A Gallaudet apoia o implante coclear, recebem verbas de empresas para as crianças, melhor que nada..

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

A vinda de um pós graduado surdo ao Brasil é motivo de grande mobilização dos surdos, principalmente dos acadêmicos e, também, dos estudantes de mestrado e doutorado brasileiros. O acesso à universidade e, muito mais, aos estudos de nível superior, ou mais. O que acontece, então, é que as trocas de idéias e experiências ficam restritas às poucas pessoas desse grupo. Quando acontece a possibilidade de encontrar um estudante surdo estrangeiro, a interação é intensa e quando este vai embora, sentimos que o tempo foi pouco para tantas informações que temos que trocar.

Dentro das universidades o que se pretende ou seja inclusão do surdo não é completa. Temos limitações impostas pela língua e cultura majoritária e, mesmo com a presença de intérpretes da língua de sinais, a interação com os colegas ouvintes não é no mesmo nível do que um colega surdo. Por isto o valor, para nós, de um surdo que tenha tido a vivência de estar em uma universidade, pois “nesse sentido, as experiências vividas pelos surdos universitários indicam que a inclusão desse grupo social necessita ser ainda discutida em profundidade por professores, intérpretes, comunidade surda e outros profissionais estudiosos da questão da surdez e das implicações da inclusão”(Perlin,2004,p.71)

3.3.4 FOTO Nº 16 - AGENTES MULTIPLICADORES

²⁹ Surdos que usam aparelho de amplificação sonora (prótese auditiva)



Foto nº 16 – aprendendo- 2002

1.DESCRICÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

A foto foi tirada na escola Mane Garrincha.A escola Mane Garrincha é uma escola Estadual onde funciona classes para pessoas ouvintes. O nome da instituição foi emprestada para o funcionamento de uma escola para surdos. Possui uma equipe diretiva e grupo de profissionais próprios. Um grupo de surdos participantes da comunidade surda. Alguns atuantes ativos da política surda, outro tendo seu primeiro contato com sua cultura e identidade.Um grupo não homogêneo, mas com uma coisa em comum: serem surdos.Este grupo é de ativos participantes e lutadores para reconhecimento de seu povo e de seus direitos e para que isso acontecesse era necessário apropriar-se do conhecimento de sua língua.

2. MULTIPLO OLHAR

Mulher, Solteira, 31 anos e participante de membro de Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos.

3.NARRATIVAS COLHIDAS

Esta foto é do curso de Língua Brasileira de Sinais, da pesquisa de uma lingüista ouvinte e outros ajudam na pesquisa do livro. O primeiro curso foi financiado pelo F AT (Fundação de Amparo de Trabalho), aperfeiçoamento um, dentro da FENEIS, mas o segundo foi o melhor, teve livro e uma pasta gratuita nos ajudou muito, parece que nos influenciou a aceitar a língua de sinais. O do FAT foi fechado, interno sempre na FENEIS, o outro foi fora diferente, não conhecia o lugar, na escola Mané Garrincha, andei de carro um monte até chegar lá. É uma escola de ouvintes e surdos, estadual. O curso lá estava bom. Era um grupo de 20 surdos, de níveis diferentes, uns com ensino médio, outros faculdade, eu no doutorado, vários níveis.

Um grupo bem legal, alguns mais comprometidos que outros, mas é normal. Alguns surdos não conviviam em grupos que sinalizavam e isto me espantou muito, mas era um grupo aberto. O material e o curso foram bons! A metodologia é de como corretamente ensinar a língua de sinais, antes não existia, na hora se inventava, se colava alguma coisa, era o que se achava melhor.

Precisava se estudar a teoria, como fazer. Agora tem. A lingüista veio aqui nos ensinar como é a gramática da língua de sinais, antes os surdos não sabiam, nos ajudou muito a perceber como é. O outro grupo era de ouvintes, que um professor surdo deu aulas para eles. A foto foi tirada no intervalo para o cafezinho. Os grupos de surdos e de ouvintes não se conheciam, trocamos um pouco de contato, mas entre os surdos a interação foi maior, culturas diferentes né? O curso foi três meses, duas vezes por semana, de noite, das 7 h até às 9h ou 10 h. Foi bom, o professor era surdo.

Foi bom. Eu queria que terminasse rápido porque eu estava muito cansada, o problema é que tenho muitas coisas para fazer. Eu precisava do diploma. Precisava mais e mais, mas eu queria aprender mais a parte específica da gramática: Como interrogação e resposta, expressões,. ..Falta estudar mais. Tem alguns do grupo que

tiveram dificuldade em aprender, outros aprenderam rápido, depende... É normal assim.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

A educação é um dos pilares principais de qualquer comunidade. Para o surdo a informação é de extrema importância, pois após muitos anos essa comunidade tem acesso a conhecimentos, antes lhe negado. O curso de multiplicadores de LIBRAS traz à discussão o ensino da língua. Segundo Marques (1999) “ *Na educação de Surdo existe uma grande dose de improvisação por parte dos educadores, e a adaptação de materiais de ensino. Isto contribui para a existência de uma grande variedade de métodos e como consequência existe pouca concordância a respeito de que método adotar para ensinar a LIBRAS*”

3.4Esporte

3.4.1FOTO Nº 17 - OLIMPÍADA PARA SURDOS EM 1959- RIO DE JANEIRO-RJ

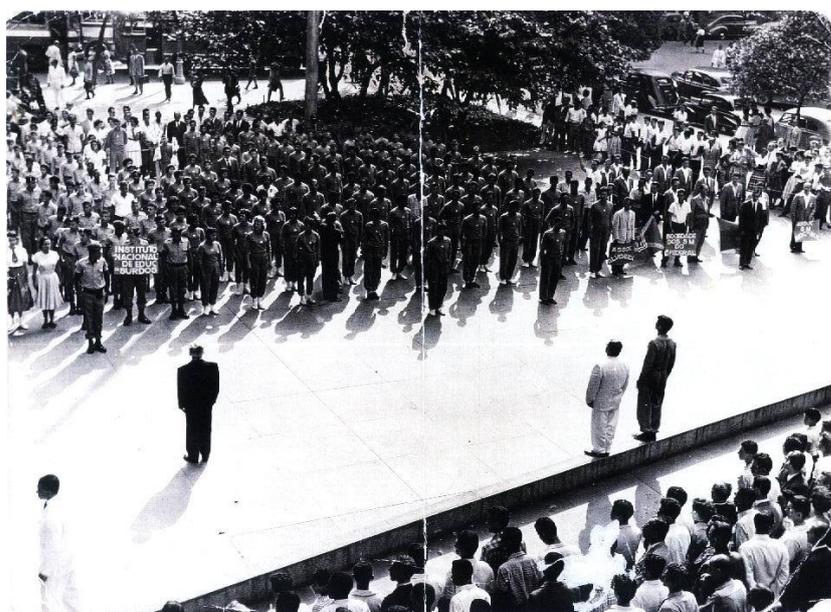


Foto nº 17- olimpíadas-1959

1.DESCRICÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

A foto ocorre no ano de 1959 na cidade do Rio de Janeiro. O evento é a Primeira Olimpíada para surdos.

O evento reuniu várias associações de surdo. Todos perfilados com tabuleta de identificação à frente da fila. Participantes usam roupas esportivas bem como trajes militares. A foto foi tirada ao ar livre perto do centro da cidade, um lugar de grande circulação de pessoas e automóveis. As pessoas usam trajes leves, o que dá a entender que o dia não estava nem frio nem quente o que evidencia a estação outono.

A postura dos participantes mostra a seriedade do momento. Em 1959, Política surda já tinha surgindo no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul começava a se desenvolver tendo o Salomão(?) como presidente da Associação.

A participação da associação dos surdos mostra a primeira conquista de comunidade: verba para as passagens de avião.

2. MÚLTIPLO OLHAR

Homem, separado, 66 anos, aposentado funcionário público e participou do evento competindo na natação.

3. NARRATIVAS COLHIDAS

Essa foto foi inesquecível. Foi primeira vez que fui para o Rio de Janeiro. Essa foi à primeira Olimpíada. Eu treinei natação e o outro surdo futebol. O presidente Salomão conseguiu verba para pagar as passagens de avião de ida e volta do Rio de Janeiro. Salomão foi uma pessoa maravilhosa. Eu trabalhei junto

com ele, menos de um ano, depois Salomão faleceu nessa época eu era vice-presidente da Associação de Surdos-Mudos do Rio Grande do Sul e tinha 21 anos.

Era a primeira vez que eu e outros surdos voávamos de avião. O avião era grande e estávamos animados. Logo abrimos muitas champanhas e alguns surdos pegavam os talheres como lembrança.

Eu era bem forte, sarado e lindo. Era muito maduro e não gostava de confusão. Quando chegamos no Rio fiquei admirado com a quantidade de surdos que lá estavam. Nós hospedamos no alojamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos-INES, quase uma semana. Lembro que deixei muitos sabonetes e alguns surdos roubaram os mesmos, mas não teve problema.

Eu ganhei o segundo lugar na natação. O Rio ficou com primeiro lugar e Minas Gerais com o terceiro lugar.

O surdo carioca me mostrou o Rio. Fiquei totalmente fascinado com a cidade maravilhosa. Lembro que paquerei a Miss INES. Era considerada a mais bonita do Brasil. Ela conheceu muitos surdos, porém desprezava a todos. A Miss me seguiu e me beijou e os surdos morreram de ciúmes. Também fiz muitas amizades.

As refeições e alojamento foram de graça. As comidas eram deliciosas. Não teve nenhum problema ou confusão na Primeira Olimpíada, contaram para o ex-presidente da FENEIS que me contou quem eram essas três pessoas. O homem alto era o líder surdo do INES. Ele está ao lado do diretor do INES, chamado Coimbra. O Coimbra era a favor do uso da língua de sinais. O terceiro Homem era o inspetor ouvinte que os surdos olhassem a bandeira na execução do Hino Nacional e não utilizassem a Língua de sinais para “cantar” o Hino.

Retornamos a Porto Alegre e eu só pensava em voltar para o Rio de Janeiro. Comecei a guardar dinheiro para viajar para o Rio de Janeiro. Correspondia-me através de cartas com a miss INES e fiquei apaixonado.

Quando viajei para Rio, estava muito chique usava paletó e gravata. Encontrei a namorada, mas ela não estava mais interessada em mim. Por causa de fofocas, fiquei magoada. Deixei ela e fui à procura dos meus amigos surdos cariocas. Depois disso viajava sempre para o Rio. Resolvi guardar dinheiro. Depois comprei um apartamento em Copacabana.

Até hoje continuo viajando para o Rio. Há pouco encontrei alguns surdos que me contaram que alguns faleceram. Sinto saudades dos meus amigos.

Todo mundo que vê a foto das olimpíadas me fala que meu filho é muito parecido comigo. Meu filho também é surdo. Sinto-me orgulhoso.(V.).

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE LEITURA DAS FOTOS

O esporte está tão presente na vida das pessoas como maneira de preservar sua saúde mental e física. Para o surdo o esporte é isso e algo mais.

Como mostra a foto, o encontro com outros surdos em um evento de tamanha grandeza em um lugar público fortalece a permissividade de ser “diferente”. Fico imaginando o sentimento dos participantes, fazendo parte de história do povo surdo. A emoção e ao mesmo tempo o modo de expor-se á multidão.

Esses encontros não eram somente momento de diversão e sim a oportunidade de aperfeiçoar a comunicação em sinais e com isso o fortalecimento

da língua natural dos surdos: a língua de sinais. Esta permite ao surdo ascender a todos os níveis de conhecimento e é o instrumento de comunicação equivalente em todo aspecto as línguas naturais utilizadas pelos ouvintes.

Segundo McLaren(1998, p.177): “ *O produto de formações discursivas e de práticas sociais localizadas em interesses materiais, as identidades estão localizadas em redes de poder social historicamente contínuas e pragmaticamente dispersão*”

A própria postura das participantes será que não seria uma mostra da influência cultural social do grupo majoritário? Olhar a bandeira enquanto o hino tocava sem a sinalização não seria a superioridade que o ouvinte pensa que tem sobre o surdo?

3.4.2 FOTO Nº 18 - A SEGUNDA OLIMPÍADA PARA SURDOS



Foto nº 18 – grupo de atletas - 1961

1. DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

O lugar lembra um ambiente social onde o presidente reuniu os jogadores para uma foto para a posterioridade.

Não se vê demonstração de amizade ou camaradagem como uma mão no

ombro ou pessoas abraçadas e os olhares estão voltados em várias direções. Saberiam o momento exato de olhar para a câmera? Como as pessoas surdas são muito visuais talvez tivesse outras pessoas passando que distrairiam a atenção? Os olhares fixos atingem todos os surdos.

Também a moda masculina da época é mostrada nos bigodinhos finos, tipo de corte de cabelo, sapato social. Bem típicos dos anos sessenta.

Talvez por ser uma foto formal, mas não oficial, as camisas não sejam padronizadas todas brancas(maioria), nem as golas estejam todas arrumadas, estando umas para fora e outras para dentro do paletó.

A foto foi tirada do acervo Associação de surdos-mudos do Rio Grande do Sul. O local é em São Paulo.

Alguns surdos aparecem com uma tira branca surgindo do bolso paletós, pois esse era o modelo do primeiro uniforme da seleção sendo que o segundo não tinha este detalhe, mas ambos são usados pelos rapazes. A primeira Olimpíada de Surdos, que foi realizada no Rio de Janeiro também teve seu primeiro uniforme. Na segunda Olimpíada ficou o mesmo paletó, mas o uniforme já era outro modelo.

2.MULTIPLIO OLHAR

Homem, Casado, 3 filhos, aposentando, participante de membro da Sociedade de surdos do Rio Grande do Sul

3.NARRATIVAS COLHIDAS

A foto é da segunda Olimpíada de Surdos. Fomos de avião, com verba cedida pelo governador da época, até o Rio de Janeiro e, na volta, até São Paulo, onde pegamos um trem até Porto Alegre, mais ou menos uns dois dias de viagem

Apenas homens foram representando o Rio Grande do Sul, já vestindo o segundo modelo de uniforme. Eu estava com 15 anos.

Lá no Rio de Janeiro, encontramos os outros surdos, que já usavam Língua

de Sinais, bem simples, com influência do INES, um dialeto.

Fomos jogar futebol.

Quando voltamos, em São Paulo, nos hospedamos em um hotel e aproveitamos para passear, ir ao cinema e dar uma paquerada nas mulheres ouvintes.

Só aconteceu, na Olimpíadas que um surdo, no futebol, em um acidente em campo, cortou a face e levou pontos, mas logo foi animado e se sentiu bem. A volta de São Paulo foi feita de trem, e que durou três dias e meio. Não tinha água para o banho e os surdos só molhavam as mãos e passavam no pescoço para não ficarem tão sujos, mas mesmo assim as golas e as mangas ficavam encardidas. Também, por terem pouco dinheiro comiam pouco e passaram fome. O maquinista, com pena pagou um prato de arroz com o ovo frito para cada um dos surdos, que assim, puderam matar, por algum tempo, sua fome.

O presidente estava melhor alojado, pois ficou sozinho na cabine, mas o resto teve que dormir em cabines coletivas. Até fiquei com inveja, mas compreendi que era o presidente, superior, tinha que ser assim.

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE LEITURA DAS FOTOS

Esta foto foi tirada por um fotógrafo profissional e utilizada para divulgada em um jornal de São Paulo. Foi tirada no restaurante de um alojamento para atletas cedido.

Percebi que, pelas circunstâncias, alojamento gratuito, verba para viagem que, naquela época, a maioria dos surdos não era considerado capaz de trabalhar, provavelmente, não tinham salário fixo. Essa foto é a mostra de capacidade nos esportes, na época, dos surdos. Apesar de que outros aspectos: preocupados com educação, trabalho e outros não foram mostrados. Também aparecem só homens, a

mulher ainda vive mais para dentro de casa. Isto demonstra o preconceito: por serem mulheres – naquela época, tanto mulheres surdas e ouvintes eram educadas para uma vida mais reservada, mais do lar – e por serem surdas. Os homens surdos conseguiam sair passear, divertirem-se fora de casa, mas as mulheres surdas, por serem do sexo feminino e serem mais presas, também por serem surdas as famílias não permitiam que saíssem muito alegando a dificuldade de comunicação que teriam na rua.

Analisando o evento sob a ótica do esporte, percebo que também entre os ouvintes existe a identificação pelo esporte ou outros aspectos, mas é preciso ressaltar que entre os surdos existem fatores comunicação, através da língua de sinais e reconhecimento de seus pares identitários. Esses fatores são o elemento agregador dos surdos no mundo inteiro, onde quer que surdos se encontrem surge. Quase de imediato, uma identificação, uma vontade estar junto, trocar idéias em língua de sinais, trocar experiências.

Segundo Soares (2002) “A língua de sinais possibilita ao surdo uma comunicação e a socialização no grupo de iguais é a ponte para a ampliação da interação social, pois reforça a auto-estima e a identidade”

3.4.3 FOTO Nº 18 - JOGOS NA ARGENTINA E URUGUAI



Foto nº18 – atletas femininas- 1986

1.DESCRICÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO.

O esporte tão importante na vida de qualquer pessoa, para o surdo já mostrou ser muito mais que só lazer. Esse também serve para a criação de uma consciência como grupo. Esta foto ilustra o grupo feminino do ano de 1986, na Argentina, mais especificamente em La Plata. Neste momento as mulheres surdas tem uma participação ativa no esporte. Ousam e conseguem mostrar seu potencial como atletas. Tanto a entrevistada como a entrevistadora aparecem na foto.

2. MULTIPLO OLHAR

Casada, com dois filhos, estudante de curso superior, membro da comunidade surda e sócia da SSRS.

3. NARRATIVAS COLHIDAS

Tudo começou aqui em Porto Alegre, no ano de 1984. Nunca havia pensado em jogar tênis de mesa. As outras surdas não sabiam jogar tênis de mesa, eu só por brincadeira (lazer). Competitivo nunca!!! Mas a mulher da diretoria da Associação disse que eu e uma outra surda iríamos competir em tênis de mesa com as melhores daquela modalidade. Eu fiquei triste, pensei que não teria chance. Mas tudo bem. No tênis de mesa uma passou, outra e outra e fui vencendo. Venci todas. A outra surda disse: “como? Eu treinei, as outras competidoras também!” Eu pensei que ia perder. Meu jogo era simples, mas as outras estavam nervosas e eu venci. Fiquei satisfeita, exultante. No vôlei vencemos fácil. Ficamos muito contentes. No outro ano viajamos para o Uruguai.

Fiquei envaidecida de ir, mas um pouco triste. Já era o ano de 1985. Meu irmão ia se formar na mesma época. Falei para ele: “Desculpe-me. Tu vais te formar

e eu vou viajar” Ele me respondeu: tudo bem, vais” Sinal: dois lado olhos faculdade iam se formar mesmo. Eu fiquei sentida (.30..) Meu irmão disse: Aproveita e vais, aproveita porque depois talvez seja difícil ir para o Uruguai”

O grupo de vôlei viajou para o Uruguai. Era um país diferente, eu fiquei muito admirada. O dinheiro era diferente. Eu continuava jogando tênis de mesa e vôlei. Só uma mulher no tênis de mesa me venceu, eu não havia treinado nada. Era uma mulher de óculos fundo, que me deu uma cortada e como a bola ia acertar em mim, eu desviei, foi ponto dela. Eu disse:” Desculpe, eu não treinei quase nada”O presidente da Sociedade de surdos do Rio Grande do Sul falou que não tinha problemas.

No vôlei tínhamos o grupo A e B. O grupo A era a reserva e o B jogava. Eu era do A e fiquei só olhando. Não joguei vôlei. Depois teve a festa na Associação de surdos de Montevideu. Tinha diferentes Língua de Sinais, me senti muito bem. As mesas do tênis de mesa no Uruguai eram iguais da aqui, mas na Argentina eram mais baixas.

Depois de um ano fomos para a Argentina (1986). Eu já tinha treinado, treinado bastante. Consegui vencer. Eu não sabia as regras. Na Argentina me mostraram as mesmas, eu memorizei e fui jogar. Eu venci! Foi difícil, mas consegui. Tinha uma taça que ficava com quem vencía. Cada ano gravava-se o nome do vencedor, o último ficaria com a taça. Sempre a taça ficava com o Uruguai ou Argentina. Quem ganhou por ultimo foi a Argentina. O Uruguai, por raiva, riscou toda a taça. Mas esta rivalidade entre os dois países é uma história antiga. Em La Plata me explicaram.

³⁰ Representa interrupções durante a entrevista

O grupo de vôlei continua treinando, eu parei. Eu precisava trabalhar, pois havia me formado no ensino médio. Parei de jogar e perdi a prática. Hoje na SSRS, vejo jogo de vôlei. Mas tenho meus filhos para cuidar e brincar. O meu marido diz: "Olha a hora" e logo vou embora. Agora tenho filhos e responsabilidades. Quando minha mãe vem nos visitar, eu posso sair porque ela fica cuidando dos meus filhos. Eu estudo na universidade. As vezes o meu marido diz para matar aula, mas tenho que cuidar as faltas. Posso perder o semestre.

Já pensei em levar meus filhos junto ou deixar alguém cuidando deles. Depois penso na dor nos braços que jogar vôlei dá, sabes, já machuquei o tornozelo. E se acontece de novo? Tem que ficar em repouso, minha família não está aqui. No futuro talvez volte a jogar.

Hoje de manhã na Sogipa, eu e meu marido vimos uma mulher idosa com tornozeleiras, com bola embaixo do braço, me deu saudade de voltar a jogar de vez em quando.(...)

Gostei mais de ir para Argentina. Dormíamos de duas pessoas. Eu e outra surda. Nenhum problema, nada, nem com a comida. Se sentia fome, eu comia até saciar. As festas eram boas. Na época havia muita bagunça: bateção e batucada, agora não.essa gritaria, bateção é influência dos Argentinos Também quando uma pessoa dormia pintavam o rosto dela. Era muito animado.

4.ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE A LEITURA DA FOTO

O encontro esportivo foi uma organização coletiva, onde os participantes buscam a superação do preconceito por serem mulheres. A foto mostra a mudança dos tempos. As mulheres lutam para conquistar seu espaço. Igualmente ao que

aconteceu com o grupo masculino, o esporte foi utilizado para mostrar sua capacidade numa sociedade onde o mesmo é valorizado. A foto mostra a abertura do processo político para as mulheres, uma participação mais ativa.

De acordo com Boschi(1987 ,p. 137): A redefinição coletiva deste segmento social enquanto ator político. Talvez e num sentido mais importante – ela revele como se constituem identidades renovadas através da rejeição aos padrões tradicionais da dominação da classe majoritária.

3.4.4 FOTO Nº 19 - III JOGOS PAN-AMERICANOS DE SURDOS NA ARGENTINA



Foto nº19 – hora da diversão - 1986

1. DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA FOTO

A foto mostra um grupo de homens, relativamente jovens, atletas. Este foi um momento de descontração na cidade de Buenos Aires, na Argentina durante os jogos Pan Americanos. O grupo foi passear no centro da cidade. Alguns usam abrigos e outros calças”jeans” o que caracteriza como um momento informal.

Na foto está presente alguns gestos utilizados pela sociedade em geral, tais

como: polegar levantado significando que está tudo bem, bem como o sinal do dedo mínimo e o polegar estendido usado principalmente pelos jovens praticantes do surf; o que não significa que todos os jovens que utilizam este sinal pratiquem o esporte.

Este passeio aconteceu em 2003 e a política surda, já está em pleno desenvolvimento. Momentos de encontro entre comunidades surdas diferentes continuam sendo de extrema importância para enriquecimento e fortalecimento tanto individual como coletivo, porém aqui diferentemente da foto tirada em 1959, nas olimpíadas no Rio de Janeiro, o principal objetivo é a competição, é o esporte como fazer, diversão e superação dos próprios limites.

2.MULTIPLA OLHAR

Homem, casado, 35 anos, ensino superior, professor e sócio da Sociedade de surdos do Rio Grande do Sul

3.NARRATIVAS COLHIDAS

Foi nos jogos Pan-americanos de surdos, é quase uma olimpíada de surdos. Foi em Buenos Aires. Muito bem organizado, sem problemas, hotel direitinho, tudo tinha o seu local certo. O ônibus vinha e nos transportava para os lugares das competições. Tinha vôlei, futebol de campo, basquete, atletismo e natação. Muito bem organizado mesmo! A abertura foi em um ginásio fechado, aberto não, fechado, com o desfile das delegações, em filas, com interpretes. Foi planejado por surdos argentinos que batalharam com o governo por uma competição apoiada com verbas.

Na abertura teve espetáculo de dança com surdos e ouvintes juntos.

Depois da abertura, as competições foram ao mesmo tempo, mas em lugares

diferentes, vôlei, a natação foi em lugar longe...

Fui treinador da equipe feminina de vôlei. Ficamos em 4 lugar, em 1º foi à Argentina, 2º Venezuela, 3º México e depois nós. Não conseguimos nos organizar bem, foi meio em cima da hora, se tivéssemos tempo conseguíamos uma melhor colocação. Também algumas atletas famosas, não puderam ir, por outros compromissos.

Na hora do intervalo encontrávamos surdos do Canadá, de outros lugares. Tenho muito interesse pela cultura de outros países, como é, como vivem. Conversávamos muito, trocávamos experiências, tínhamos interesse na cultura dos países diferentes.

Meu grande interesse, o maior era por Cuba.

Encontrei duas atletas de Cuba e perguntamos como era a vida lá, já que eram boas atletas. Nos disseram que a vida era muito difícil, muita pobreza, que lá não podia usar e-mail, a televisão era censurada, muito difícil mesmo. Notamos que tinham roupas simples, pobres e que seus tênis eram gastos, todos rasgados, Tinham tênis bom, mas guardado só para competir, no dia-a-dia usavam tênis muito velho.

Contei para a delegação brasileira e em solidariedade combinamos de comprar tênis novos para as duas, dividíramos a despesa da compra. Todos aceitaram, fomos na loja, compramos. No último dia de competição chamamos as duas atletas de Cuba e nos reunimos para dar os presentes. Disse que era para elas se lembrarem de nós, que nunca as esquecíamos, era uma homenagem nossa a elas. Entregamos um par de tênis para cada uma e elas ficaram muito emocionadas.

Também encontrei outro atleta de Cuba, um corredor, mas estranhava que depois do almoço não o encontrava mais. Ele me contou que só podia sair para competições e para os treinos. De tarde e de noite tinha que ficar no hotel. Era controlado, seguido, onde andasse, e não podia sair de noite com os outros surdos tinha que ficar fechado no hotel. Morri de pena. Que eu queria muito do que? Uma coisa fazer o que? Encontrei o pessoal do México e pedi... Posso experimentar este chapelão típico de vocês, o "sombbrero"? Eles deixaram, claro, e experimentei aquele chapéu enorme cheio de enfeitas. Era pesado! Perguntei a eles como era feito, que era o costume deles de usar um chapéu assim.

Uma coisa que me impressionou foi quando uma escola de surdos argentinos foi visitar os jogos. Estavam todas de guarda-pó branco, coisas da cultura deles, pareciam médicos! O que me admirou foi ver que eram implantados, a maioria. Vi um com implante coclear, outro, outro e mais outro. Quase todos! Com aquele aparelho atrás da cabeça. Horrível. Perguntei a um surdo argentino o porque daquilo e ele disseram que era a influencia assim, de fazer implante coclear nas crianças. Fiquei angustiado com aquilo.

Também conhecemos os pontos turísticos de Buenos Aires. A casa Rosada, La Boca, etc... Fizemos compras, passeamos...

4. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE LEITURA DAS FOTOS

O que marca neste relato é que as competições são quase sempre no Brasil, sendo em outro país nos possibilitam ver outras culturas, também surdas,mas com outras influências: econômicas, étnicas, sociais. Mesmo com essas diferenças os surdos conseguem encontrarem-se,identificam-se e, até mesmo, comunicarem-se,

apesar das línguas de sinais serem diferentes. Esta facilidade de comunicação entre surdos que usam línguas de sinais de países diferentes permite uma maior união e sentimento de que todos os surdos compartilham uma cultura maior, além das específicas de cada país. Também marcante é o choque com os implantados. Aqui no Brasil é raro encontramos um surdo com implante coclear. Ver quase todos os alunos de uma escola Argentina com o implante foi assustador para um surdo que pertence a uma comunidade que valoriza a cultura, a diferença lingüística dos surdos e não os trata tanto como seres incompletos e com “defeito” que precisam ser corrigidos através de um aparelho estranho e robótico implantado na sua cabeça.

Essa discordância entre a colocação em massa de implantes cocleares em surdos e a visão dos surdos sobre isto, pode ser representada pela opinião de Hall(2003) sobre as “rupturas significativas”, que diz:

“ O que importa são as *rupturas significativas* — em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações descoladas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas. Mudanças em uma problemática transformam significativas a natureza das questões propostas, as formas como são as propostas e a maneira como podem ser adequadamente respondidas. Tais mudanças de perspectiva refletem não só os resultados do próprio trabalho intelectual, mas também na maneira como os desenvolvimentos e as verdadeiras transformações históricas são apropriados no pensamento e fornecem ao Pensamento, não sua garantia de “ correção “, mas suas orientações fundamentais, suas condições de existência. É por causa dessa articulação complexa entre pensamento e realidade histórica, refletida nas categorias sociais do pensamento e na contínua dialética entre “ poder” e “ conhecimento”, que tais rupturas são dignas de registro”.

CONCLUSÃO

Este fechamento de meu trabalho não foi uma tarefa fácil. Tive que dividir entre a pesquisa e meu trabalho, o que não possibilitou que me dedicasse exclusivamente a um ou a outro. O tempo foi curto, pois gostaria de ter lido mais ainda. O grande desafio foi colocar meu pensamento, construído visualmente, através da língua portuguesa. Por vezes pensei algo, escrevi e ao ler me deparei com um texto que não expressava na totalidade e com fidelidade o que eu, realmente, quis dizer.

Senti uma dependência muito forte dos ouvintes na área lingüística: utilizei intérprete de língua de sinais para comunicação com os colegas e professores;

minha escrita teve que ser intermediada, sendo que eu, na maioria das vezes, sinalizava e um ouvinte traduzia para o português escrito; tive dificuldades na leitura do referencial teórico em uma segunda língua. É uma necessidade minha, preciso, mas torna o trabalho mais lento, mais trabalhoso, onde se tem que investir mais energia.

Senti que minha pesquisa e minha vida privada ficaram de uma tal forma entrelaçadas que foi praticamente impossível dissociá-las.

Um pesquisador ouvinte, que pesquise algum aspecto da vida das pessoas surdas, pode, por exemplo, ir à Sociedade de surdos do Rio Grande do Sul, fazer suas conversas, coletar dados e ir embora, voltando para sua vida. No meu caso, sou freqüentadora dos ambientes dos surdos: escolas, associação, Federação Nacional de Educação e Integração de surdos; a maior parte de minha vida é passada nesses locais. Foi difícil separar a pesquisadora, mestranda, da surda, pertencente ao povo surdo.

Devo muito a esta pesquisa. Mesmo participando ativamente da comunidade surda muitos fatos eu desconhecia, não sabia de sua importância e de toda a mobilização que cada um representou. Cada foto, que me foi narrada, continha uma conquista, uma reivindicação, um acontecimento da história dos surdos de Porto Alegre, que até agora, estavam sem registro, poderiam se perder. Fui recompensada em conhecer mais profundamente o povo surdo e cada pessoa surda, que tiver acesso a este material também o será, por ver preservada parte de nossa histórica para a geração presente e as futuras.

Em termos objetivos esta pesquisa é um resgate de nosso patrimônio cultural por meio de imagens fotográficas, que são documentos, registros, visuais,

compatíveis com a percepção visual mais aguçada das pessoas surdas. A simples visualização das fotos desencadeou narrativas ricas, expressões de cada participante daquele momento, uma vontade de se expressar.

As fotografias registram o período de 1950 até hoje e, percebe-se, que o movimento das políticas surdas surge nas associações, primeiramente, e em seguida, nos esportes, na pedagogia e, a partir daí, espalha-se para as mais diversas áreas. Esta percepção foi possível através das categorias em que as fotos foram agrupando-se. A possibilidade de pesquisar por meio de imagens fotográficas é infinita, podem-se coletar mais e mais fotos sempre.

A análise das fotos não foi inflexível, porque em várias narrativas houve dificuldade em obter informações precisas.

Os depoimentos foram respeitados e deles procurou-se o que havia em comum e que podia ser analisado. Essa análise recorreu aos Estudos Culturais como subsídio, pois o contexto cultural em que cada imagem foi feita tem influência na sua apreciação como texto fotográfico. Também foram áreas de apoio os estudos surdos e a Análise de Fotografias.

Este trabalho não está acabado. No seu desenvolvimento surgiram ramificações que mereceriam também pesquisas mais aprofundadas.

O enfoque foi na cultura, na construção identitária dos surdos como grupo. Principalmente a associação não está limitada em sua atuação, a política surda construída nas associações, por vontade dos próprios surdos e com o seu gerenciamento, não sofre tanto as pressões da família ouvinte, da clínica reabilitadora ou de alguma linha religiosa ou política externa ao grupo.

Nas categorias vistas percebi uma grande lacuna em referências teóricas sobre o esporte, lazer e recreação de e para surdos. Quem sabe aí não se abrem novas possibilidades de pesquisa a serem feitas por mais surdos, com uma visão, ao mesmo tempo, interna, de participante e externa, de pesquisador?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO José Clovis de, SANTOS Edmilson Santos de e SILVA, Luiz Heron da. **Identidade Social e a construção do conhecimento** — Prefeitura Municipal de POA - Secretária Municipal de educação —1997

BAROJA, Júlio Caro, **Entrevista a Emilia Crespo e Christian Dela Campanhe**. In: Entrevistas de L'Ê Monde — Idéias Contemporâneas. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

BARTHES, Roland. **A câmara Clara**. Editora Nova Fronteira, 1984

BERTHIER Ferdinand. **Sourd Professeur, Ecriain, Militant Chevalier de la légion**

d'honneur. França: CISFB.1996

ESCOSTEGUY, Ana Carolina,Johnson,Richard e Schulman Norma. **O que é afinal, Estudos Culturais?** Editora Autêntica, Belo Horizonte - 2000.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS. **Relatório de atividades 1992.** Belo Horizonte: Ápice, 1993.

GELES, Mottez Bernard. " **Ensaio Resenhas Criticas Ponto de vistas- Grupo de estudos sobre linguagem, Educação e Surdez,** Geles Babel Editora, 1992

GONÇALVES, Janie - **Banquete Surdo** - Trabalho não publicado, 11/2002

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL/FADERS **SurdoDireitos Humanos e Surdez** (Cartilha) . Porto Alegre, 2002, p. 28,

GREMION, Jean. **La planète dès sourds.** Paris: Presses Pocket, 1991.

HALL, Stuart **A centralidade de cultura, notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo.** In revista educação e realidade. .Cultura, mídia e educação.v22 n°3 julho - dezembro 1997

KLEIN, Madalena. **A Formação do Surdo Trabalhador: discursos sobre a surdez, a educação e o trabalho.** Porto Alegre, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação . In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.) 3 ed. **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

LARROSA, Jorge e SKLIAR Carlos: **Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença.**Autêntica. Belo Horizonte, 2001

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família:Leitura da fotografia histórica.** São Paulo:Editora da Universidade de São Paulo,2001.

LOPES, Corcini Maura. **Foto&grafias:possibilidades de leitura dos Surdos e da Surdez na escola de surdos.** Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

LULKIN, S. Discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In :C. Skliar (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1998, p.36-49

MELLUCCI, Alberto **A invenção do presente- Movimentos Sociais nas Sociedades complexas,**Editora Vozes Petrópolis 2001

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico.** São Paulo. Cortez.1997.

MIRANDA, Wilson. Minha Vida: História de um surdo - Professor de Educação Física. In: **Educação Física e a Pessoa Portadora de "Deficiência":** Contribuição à Produção do Conhecimento. Série Especialização e Monografia I. (Orgs) CARMO, Apolônio Abadio do; SOUZA E SILVA, Rossana Valéria de.

PADDEN, Carol e HUMPHRIES Tom . **O surdo na América- Vozes de uma cultura,** Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, London, England

PADDEN, C. Humphries, T. **O Surdo na América:** Vozes de uma cultura, Cidade: Editora, 1998

PERLIN, Gládis. **Educação @ Distância: História dos Surdos.** Caderno Pedagógico. Pedagogia para surdos. Cols. António Campos de Abreu (et.al.)

UDESC/CEAD, Florianópolis, 2002, p.47,48,50,51 e 65.

PERLIN, Gládis. **História da Língua de Sinais do povo surdo**. Trabalho não publicado, 1998.

QUADROS, R. **Educação de surdos: a aquisição de surdos a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RAMPELOTTO, Elisane. **Processo e Produto na Educação de Surdos**. Dissertação Curso Pós-Graduação em Educação Universidade Federal de Santa Maria, RS, 1993.

REVISTA DA FENEIS, Ano I, nº 3, julho/ setembro 1999.

REVISTA DA PENEIS, Ano I, nº I, janeiro/ março 1999.

REVISTA DA FENEIS, Ano II, nº 7, julho/ setembro 2000.

REVISTA DA FENEIS, Ano II, nº 5, janeiro/março 2000.

REVISTA DA FENEIS, Ano III, nº12, outubro/dezembro 2001.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes, Uma jornada pelo mundo dos surdos**. Imago. Rio de Janeiro-RJ -1989.

SKLIAR, Carlos. **A surdez, um olhar sobre as diferenças**. Editora Mediação - 1998
POA -RS

SKLIAR Carlos e DUSCHATSKY Silvia. **O nome dos outros. Narrado a alteridade na cultura e na educação** :in Habitantes de Babel - Políticas e poéticas da diferença - Editora autêntica Belo Horizonte - Minas Gerais.2001

SKLIAR, Carlos. **Surdez**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. SOUZA, R. **Que**

palavra que te falta? São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOVIR, Liv - **Da diáspora Identidades e Mediações Culturais** - Stuart Hall - Editora UFMG, 2003 - Belo Horizonte - Minas Gerais

STUMPF, Marianne Rossi. **Letramento e Minorias**. In: (Orgs) Ana Claudia Baliero, Lodenir Karnopp, Maria Pacheco Harrosin, Sandra Regina Leite de Campos e Otmar Teske. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

WRIGLEY, Owen. **The politics of of deafness Washigthon,DC:Gaulladet University Press, 1996**

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceituai. In: SILVA, T.T. (Org) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

